



Coisas  
que  
eu penso...

POR

VIRGINIA DE CASTRO E ALMEIDA





13415-

L.

13415



L.  
13415-

Coisas que  
eu penso...

## DA MESMA AUCTORA:


A FADA TENTADORA—Livro para creanças. Pref. de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho — 1 vol. illust. . . . .	700
COMO DEVO GOVERNAR A MINHA CASA—Adaptação e modificação do livro italiano de G. Ferraris Tamburini—1 vol. . . . .	800
COMO DEVEMOS CREAR E EDUCAR OS Nossos FILHOS—1 vol. illust. . . . .	800
TERRA BEMDITA—1 vol. . . . .	600
TRABALHO BEMDITO—Romance. 1 vol. . . . .	600
CAPITAL BEMDITO—Romance. 1 vol. . . . .	600
FÉ—Romance. 1 vol. . . . .	600

## PARA A BIBLIOTHECA DOS MEUS FILHOS:

CEU ABERTO — 1 vol. illust. . . . .	700
EM PLENO AZUL—1 vol. illust. . . . .	600
PELA TERRA E PELO AR (noções de entomologia) —1 vol. illustrado . . . . .	600
AS LIÇÕES DO ANDRÉ (noções de sciencias) 1 vol. com gravuras, cartonado . . . . .	400

## EM PREPARAÇÃO:

ESPERANÇA—Romance.





Coisas  
que  
eu penso...

POR

VIRGINIA DE CASTRO E ALMEIDA

LIVRARIA CLASSICA EDITORA DE A. M. TEIXEIRA

IMP LEG.

55967



LISBOA 1913

---

Composto e impresso na Typographia Santos  
Rua das Flores, 62—PORTO



13415-

## Prefacio

*Um dia, bateu á porta da casa que habito no Funchal, um homem que eu não conhecia, que eu nunca tinha visto.*

*Era um poeta, um poeta authentico e sincero. A sua alma generosa que se indignara e soffrera ao encarar as grandes injustiças sociaes e o levara quasi a alistar-se entre os revoltados, apaziguara-se depois, subjugada pela Belleza que o envolvera na sua irresistivel encantação. N'aquelle coração de artista sensivel e delicado, o espectaculo do egoismo feroz, da mentira e da maldade dos homens, não gerara o scepticismo nem o azedume. O pão transformara-se em rosas como a esmola milagrosa no regaço da Rainha Santa.*

*Era o Poeta encantador de «O Pão e as rosas», das «Canções do vento e do sol», o homem*

que tentava corajosamente retemperar o sentimento nacional com os Serões Vicentinos, e educar as creanças da sua terra com as lições deliciosas dos «Animaes nossos amigos», com as doces harmonias do «Canto infantil», com a impressionante epopeia do «Bartholomeu marinho», empenhando-se, a golpes de talento, em fazer reviver na consciencia dos nossos filhos, para um futuro de brio e de felicidade, as antigas tradições de Portugal, refulgentes de virtudes e de glorias...

Conversámos muito. Falámos da Italia, de Florença sobretudo e da sua arte e das suas recordações maravilhosas, e de S. Francisco de Assis... Falámos de coisas lindas e repousantes.

Vendo-me assim tão longe de Lisboa, e decerto percebendo a minha falta de tempo e de geito para pensar na esthetica das edições dos meus livros, Affonso Lopes Vieira teve a suprêma gentileza de se offerecer para tomar sobre si esses cuidados relativos ao livro que eu ia publicar e que se referia a tantos assumptos das nossas conversas.

É por isso que as «Coisas que eu penso» teem a fortuna de apparecer ao publico n'uma edição cuidada devida a um gosto elevado e harmonico, a uma rara e requintada sensibilidade de estheta. É tambem por intermedio de Affonso Lopes Vieira,

---

*que o illustre e delicioso artista que é Raul Lino se me tornou crédor de tanta gratidão vindo enriquecer o meu trabalho com o desenho da capa.*

*A este livro ficará portanto ligada para mim a recordação dos momentos agradaveis e imprevistos que a visita de Affonso Lopes Vieira ao Funchal me proporcionou.*

*Março de 1913.*

*VIRGINIA DE CASTRO E ALMEIDA.*



## Campos da minha terra

Estávamos todos reunidos no terraço, ao pôr do sol, em casa do poeta.

Lá de baixo, da margem da ribeira, subia o gemido plangente da nora.

O ceu escurecia. Ia-se estendendo gradualmente sobre a terra um grande repouso. As copas das oliveiras esfumavam-se ao longe na varzea, e a collina coberta pelo manto sombrio do pinhal, fechava o horizonte como um borrão de tinta.

Ouvia-se vagamente, entre o concerto monotonos dos ralos, os chocalhos afinados das vaccas bravas, atravessando o montado na direcção da charneca...

«É a historia de um amor simples e profundo,» disse o poeta «a historia de uma dôr que o tempo não curou.»

Sempre encantado com o vigor e a candura

da alma popular onde encontrava uma constante consolação a todas as dores que a parte mais culta da humanidade lhe fazia soffrer, e continuamente desejoso de mostrar aos outros as bellezas singelas que descobria e lhe embalsamavam o coração como se fossem perfumes castos de rosas bravas, o poeta levará-nos na vespera a um bailarico.

Nada vira n'essa festa da pobre gente do campo que me fizesse vibrar de qualquer commoção inedita, apesar dos commentarios do nosso companheiro cuja imaginação privilegiada transformava a pequena reunião de creaturas rudes e instinctivas, n'uma visão da clara e sã alegria dos pastores de Homero.

Porém não teria entrado havia cinco minutos quando a minha attenção se prendeu ao tocador.

Estava sentado n'uma cadeira collocada sobre a meza e a sua figura, d'esta maneira elevada acima de todas as outras, destacava-se á claridade fumosa das candeias, em linhas de harmonia. Ligeiramente curvado, conservava levantada a cabeça pequena e frisada como a dos luctadores dos Uffizi; não olhava para a guitarra nem para a gente que se agitava em torno d'elle. A camisa velha desabotoada no peito, um lenço esfarrapado lançado em volta do pescoço, todo o desalinho e o abandono do seu traje e da sua attitude denotavam a indifferença profunda que lhe inspirava a alegria dos outros.

O dono da casa, para nos ser agradável, mandou-o cantar; e elle obedeceu logo, sem mudar de expressão, sem olhar para nós, sem nos vêr sequer. Tinha uma voz de tenor bem timbrada mas fraca. Sobre um acompanhamento monotono, modulou uma cantilena cujas palavras falavam de gloria, de liberdade e de amor, misturavam trechos de lendas antigas e escalavrados episodios historicos: o repertorio e os recursos vulgares dos nossos improvisadores do campo, uma certa facilidade nas rimas, por vezes alguma originalidade nas imagens e nas ideas... Nada mais.

Fiquei desapontada. Havia qualquer coisa na physionomia d'aquelle homem que me fizera esperar, detraz da sua fronte pensativa, uma cerebração differente...

«Ha só uma cantiga que elle canta sempre igual.» disse uma mulher ao meu lado.

E suspirando, olhava para mim com ares entendidos como se eu soubesse ao que ella se referia.

Mas antes de eu poder perguntar qual era essa cantiga, já o poeta a pedira...

E de repente pareceu-me que a voz do cantor se transformara, se tornara mais dôce e mais velada. A melodia não era a das cantilenas monotonas e banaes dos improvisadores vulgares; repassada de uma dôr intensa, chorava e gemia sobre os arpejos da guitarra que tinha agora vi-

brações de lyra. No grande silencio que se fizera, passava um sopro de inspiração.

«Amalia, querida, meu bem.  
como eu te estimaria...»

Era a saudade lancinante e inconsolavel, a pena eterna de um bem perdido para sempre, o fremito da dôr humana idealizada pela poesia, na sua expressão mais pura de grandeza simples e sincera.

«Fui ao cemiterio vêr  
o corpo da minha amada...  
Estava roxo como o lyrio...»

Os versos assim repetidos não prestam; a musica e a voz eram tudo. Nunca sentira, de um modo tão pathetico nem revestido de uma tal beleza, o lancinante bater de azas do soffrimento humano.

Que paixão ardente e concentrada, que saudade infinita, que delicadeza e que religiosidade! Cada palavra era uma evocação, um soluço, uma caricia, um poema!

Passavam em revoadas luminosas as almas doloridas de Romeu, de des Grieux, de Orpheo, do real amante de Inez, de todos os namorados que a historia, a lenda ou a poesia immortalizaram pela sublimidade do seu amor, pelo requintado e raro supplicio das suas agonias.



Olhei em volta de mim: as danças, os risos, as conversas tinham cessado; todos os olhares se fixavam, attentos, no cantor...

Que gente era aquella? Não era a turba das kermesses e dos arraiaes de Teniers que eu vira ao entrar, vermelha, suada, rude, apanhada pelo prazer violento e bruto que lhe seduzia os sentidos e ao qual se abandonava na satisfação de instinctos primitivos onde havia reflexos rubros de bacchanaes.

Eram as pensativas figuras de Boticelli, os perfis serios e calmos dos reis magos absortos na sua mystica adoração, as virgens tão doces com os labios humidos entreabertos e os olhos baixos no seu recolhimento que presente as dôres futuras, com as palpebras pisadas pela passagem de furtivas lagrimas...

«Vê?...» segredou-me o poeta. «Aqui tem a alma popular que me encanta. A alma corajosa e forte, virgem de septicismos, prompta a vibrar ao contacto do sentimento, rude e boçal na expansão dos seus instinctos bravios, e de subito fremente de enthusiasmo ou de paixão, espelho onde se reflectem em nimbos de luz, as grandes azas da poesia sincera, grandiosa e simples que os gregos nos ensinaram, e que nós, cançados pelos artificios e pelos requintes morbidos da civilisação, já não sabemos sentir...»

E prometteu contar-me no dia seguinte a his-

toria dolorosa e rara cuja evocação transfigurava assim toda aquella gente.

\*

Agora, sentado defronte de mim, no terraço, o poeta começou a falar, com os olhos perdidos na vastidão da paisagem que o crepusculo invadia, baixando a voz como se não quizesse perturbar a natureza n'aquella hora de recolhimento sagrado:

« Tinham-se amado desde pequenos sem darem por isso. Nascera-lhes no coração aquelle amor e crescera como as flores bravas, sem cuidados, á mercê do tempo, delicado e puro, delicioso de colorido e de perfumes, absorvendo-lhes a pouco e pouco a alma inteira...

« Não era o amor grosseiro e brutal tão vulgar nos campos, o amor gerado nos bailaricos ao som da guitarra ou da concertina, filho do ruido e da folia, senhor absoluto dos sentidos, declarado n'um trocadilho de trovas realistas lançadas ao sol esbrazante do meio dia entre os trigaes de oiro, durante a faina das ceifas, ou nos alegres serões das descamisadas, entre cantos, gracejos, ditos e gargalhadas boças, na eira, ao luar... Era o amor sério e melancolico dos predestinados ao martyrio, o amor confessado baixinho como uma profissão de fé sagrada, com

a religiosidade, a devoção e o fervor da offerta incondicional das almas... O amor que o ruido offende e que se esconde porque os olhares e os commentarios dos indifferentes lhe parecem sacrilegios... O amor que se compraz em hypotheses de soffrimento: *Se nos separassemos para sempre?... Se morressemos agora juntos?...* O amor que é profundo como a morte e que sente com ella o seu proximo parentesco... O amor que não sabe rir e que traduz as suas delicias em suspiros e lagrimas, luctando sempre com o presentimento fatal da desgraça, medroso de tudo, dos perigos mais impossiveis e longinquos, vivendo na aspiração demente da eternidade porque só a eternidade o póde satisfazer.

«Tinham combinado casar depois d'elle tirar a sorte. E entretanto continuavam o seu idyllio fremente, palpitanes ambos de esperanças e de presentimentos funestos, escondendo-se, adorando-se, concentrados na paixão intensa que os isolava do mundo, vivendo apenas para o sonho que os abrazava.

«Depois... o pobre namorado tirou um mau numero e teve de partir.

«Que despedida e que separação! Ao trocarem o ultimo beijo, sentiram ambos que não tornariam a ver-se. A nuvem tenebrosa da fatalidade e da morte pairava já sobre elles; o seu destino de eleitos para a dôr eterna principiava a cumprir-se.

«O amor puro e sincero, o amor elevado a

um tal grau de exclusivismo e de absorpção, não póde sêr feliz. Ha decerto uma divindade occulta e attenta, que preside á sua evolução e que tem a missão de lhe quebrar as azas quando ellas chegam ao esplendor radioso do seu pleno desenvolvimento, afim de impedir que na sua immaculada alvura, o tempo alastre a mancha das miserias humanas, da prosa cruel da vida, do desejo satisfeito, do habito e do aborrecimento, do declinar e da velhice...

\*

«E a pobre rapariga que a tuberculose espreitava, abandonou-se a pouco e pouco nos seus braços, incapaz de reagir e de lutar... Não sabia esperar tanto tempo, não podia. Os minutos longe do bem amado, pesavam-lhe nos hombros delicados, como fardos de chumbo.

«Os olhos ardiam-lhe do fulgor da febre, o peito descarnava-se-lhe, minado pela angustia crescente. Para ella só era respiravel o ar que elle respirasse... e elle estava tão longe!

«Perderam-se cartas, houve longos intervallos de trevas em que deixaram de saber um do outro... E quando finalmente o soldado voltou, já ella dormia á sombra clemente dos cyprestes...

«Foram dar com elle sem sentidos, abraçado ao morro de argilla revolvida sob o qual jazia o seu amor. E durante muitas semanas esteve entre a vida e a morte.

«Quando melhorou ninguém o conhecia. Era outro homem. Nunca mais quiz trabalhar, nunca mais o interesse o prendeu, nunca mais um sorriso lhe descerrou os lábios.

«Dez annos passados não modificaram a sua dôr.

«Toca e canta accitando no fim alguns cobres que lhe bastam para aquella miseravel existencia de phantasma que é a sua.

«Para mim é ponto de fé que o triste namorado é uma d'essas creaturas de quem o Dante nos falou, cujas almas pertencem já á eternidade emquanto os corpos se arrastam ainda sobre a terra. Imagino que o seu espirito anda no turbilhão do segundo circulo, estreitamente abraçado á sombra da sua amada, seguindo o rasto de Paolo e de Francesca e confundido com elles na vertiginosa ronda...

«... *questi, che mai da me non fia diviso...*»

O poeta calou-se.

No sycomoro plantado á beira da fonte que murmurava devagarinho coisas indistinctas e mysteriosas, um rouxinol principiara a cantar; e sobre o campo que o manto da noite cobria a mais e mais, erguia-se o sussurro dos insectos e o suspiro subtil das ramarias que a brisa agitava.

Na eira, lá no cimo do oiteiro, começara a *descamisada*. Desciam até nós o ruido confuso das conversas, as girandolas das gargalhadas, o

tanger das guitarras... E de repente um silencio, e uma voz doce de mulher principiou a cantar:

«Amalia, querida, meu bem...  
como eu te estimaria...»

«Ouve?» disse o poeta voltando-se para mim.

«Ha dez annos que ella morreu, ha dez annos que a dôr do pobre namorado se expandiu n'aquella canção, inflorescencia de um sentimento ao qual o desespero deu o lampejo do genio e illuminou com a inspiração. E a suave elegia encontrou um echo em todos os corações simples, consubstanciou-se na alma da população, na terra de onde brotou... Acode a todos os labios, suspira em todas as brisas, murmura em todos os ribeiros... Ninguem atravessa esta região sem a ouvir, sem sentir o fremito da sua saudade infinita...»

Interrompeu-se um momento e logo suspirou:

«Ah! a alma popular do nosso Ribatejo!... Como é grande e profunda! Quantos thesouros escondidos sob a capa rugosa e aspera da sua superficie bravia! Quantos idyllios, quantas epopeias encerra, cujo fremito já não faz vibrar o nosso coração estiolado e sceptico, morto para tantas manifestações da belleza e do sentimento!...»

Fiquei a scismar...

Conheço tão bem o Ribatejo! Conheço os seus

invernos frigidissimos, os seus verões torridos, a doçura melancholica das collinas cobertas de olivaeas, as lezirias sem fim onde se estendem a perder de vista as folhas de trigo doirado, o verde cinzento dos favaes cobertos de flor e rescendentes, as leiras de milho alongando-se entre as val-las fundas, e as vinhas que se arrastam invadindo as terras baixas a mais e mais. . .

Conheço os poisios onde pastam as manadas de toiros e de eguas, os rebanhos de ovelhas e de cabras. . . Conheço a população independente e forte, trabalhadores da terra, pastores, pescadores, barqueiros, campinos, homens nervosos e ageis, destemidos e orgulhosos, despreocupados e livres atravez da miseria e da vida errante, gente em cujo coração palpita a alma nacional, e em cujas veias latejam ainda, fusionados, os tres sangues que lhe deram origem: os sangues iberico, celta e arabe, cujos caracteres os marcaram a fogo.

Gradualmente, as outras provincias portuguezas, menos interessantes, perderam mais ou menos os attributos da raça assim constituida, cahiram na banalidade de um pittoresco limitado e estreito. Mas o Tejo guarda a memoria do passado. . . e a saudade tambem; e quanto mais se alarga e cresce em megestade ao atravessar a Estremadura, maior se torna a encantação das suas ondas.

Essa encantação, espalha-a elle sobretudo pelas lezirias do Ribatejo onde a alma do povo fi-

cou inpregnada dos costumes antigos; ahí os homens são inteligentes e fortes, ignorantes do medo, refractarios ao servilismo e alternadamente heroicos e arrebatados ou melancholicos e contemplativos.

Toda a nossa epopeia é baseada n'estas qualidades; e eu guardo religiosamente no coração as paizagens, os costumes, as côres, a luz, o ar livre e puro, todo o encanto grave d'aquella região onde se condensa o que ainda nos resta de energias profundas, de poesia expontanea, de belleza verdadeira e grandiosa.

Tenho ouvido descrever o Ribatejo por gente superficial que possui artes de lhe descobrir aspectos ligeiros e risonhos.

Nunca lh'os vi.

Uma vez, no outomno, vinha eu do norte no rapido de Madrid. Accordei pelas alturas de Santarem; abri os postigos e fiquei a olhar para as lezirias.

Era de madrugada. Um alvorecer que acabava de surgir da sombra e que deixava ainda ao nascente o ceu salpicado de estrellas pallidas.

No primeiro plano, a terra tomara uma côr livida; as pastagens não eram verdes ainda.

Do rio levantava-se uma leve bruma que se espalhava como um veu diaphano; e os longes esfumavam-se n'uma indecisão de contornos onde as interminaveis linhas de choupos despidos mar-



cavam estradas que se perdiam em turvos e mysteriosos afastamentos.

Uma vaga claridade verde subia no infinito ao nascente. A pouco e pouco detalhavam-se os vultos taciturnos do gado: um aqui, outro além... manchas indistinctas. Primeiro os toiros, negros, recortando-se como borrões de tinta no cinzento uniforme da lezíria; depois as eguas voltando os pescoços vagarosamente á passagem do comboio, procurando as crias com um olhar sofrego; por fim as ovelhas, novelos pardos, marchando juntas como pelotões, de focinhos baixos, ou espalhadas, confundindo-se com as moitas de juncos...

Sobre o rio deslizavam embarcações escuras carregadas de mercadorias, mettidas na agua abaixo da sua linha de fluctuação, erguendo o triangulo da vela latina, avermelhada, envergada sobre as antenas.

Na planicie appareciam a pouco e pouco os carreiros ondulantes, serpenteando n'aquella desolação com destinos ignorados, fazendo-nos pensar nos pés descalços que os trilham e não conhecem outros caminhos.

Ao nascente a claridade do ceu tornara-se rosada. Pelos postigos abertos entrava um ar fino e cortante, muito puro, rescendente aos aromas da terra e levemente impregnado de maresia...

E agora estendia-se deante dos meus olhos um tracto de terreno mais negro, um alqueive recente, onde uma linha de charruas avançava de-

vagar. Puxavam cada charrua tres juntas; a do meio era de novilhos rebeldes, impacientes, com bruscos movimentos de cabeça tentando sacudir a canga sob a affronta das longas aguilhadas que riscavam o ar já transparente, como lanças.

E as relhas enterravam-se profundamente no solo, rasgavam-n'o; as leivas erguiam-se, tombavam, alinhando-se em rectas de desmoronamentos successivos, apresentando ao sol nascente os cortes lisos e lustrosos da terra violada, da qual a magra vegetação da superficie apontava ainda a espaços, entalada entre os torrões, como tufos de cabelo arrancado. Atraz das relhas, sobre os sulcos acabados de abrir, erguia-se uma poeira leve como uma transparente nuvem de fumo entre a qual revoluteavam os vãos baixos e inquietos das arveloas.

Um campino passou a galope, curvado sobre o arção da sella alta. Os pés nos estribos mouriscos de pau chapeados de cobre, a almatrixa recoberta pela pelle de carneiro cujas pontas batiam os flancos da besta, o barrete sacudido pela correria, o pampilho na mão, o thorax enfachado na cinta vermelha que apparecia sob a jaqueta curta... Veloz, leve, agil, seguro de si e da cavalgadura cujos cascos mal tocavam na terra e que avançava n'uma vertigem, de narinas dilatadas, retezando a musculatura rija... a *faca* da leziria, magra, enxuta, de ancas descahidas, de peitos largos, e sem medo ao toiro...

Que visão do passado, que miragem de bur-nós desfraldados, de taciturnos morriões, de alfan-ges luzentes, de razzias! Que evocação intensa do Crescente, da graça esbelta e forte e da belleza vi-gorosa e livre, que veiu, atravessando o Mediter-raneo, difundir-se para sempre na nossa alma de aventureiros e de poetas!

E agora o sol apontava, rubro, incandescente, na recta do horizonte baixo como um horizonte de mar. A luz entornada a jorros de um ceu resplandecente, illuminava a paizagem extensissi-ma sem conseguir alegral-a.

Nas leivas revolvidas havia scintillações de mica, os poisios cobriam-se do velludo verde e brilhante das relvas, levantavam-se vôos e cantos de passaros, fugas precipitadas de perdizes aos bandos; passavam galopadas de poldros...

Pelas estradas e pelos carreiros principiava o desfilar da gente que se espalhava aos grupos pe-los differentes trabalhos do campo; a vida renas-cia com a luz... e tudo se conservava triste sob o ardente e glorioso beijo do sol.

Atravessei as lezirias em manhãs de primavera, em tardes de verão; vi os trigaes sem fim esfa-queados de papoulas, os caminhos bordados de malmequeres e de pervincas; ouvi nos choupos revestidos de folhagem verde e sussurrante, os cantos triumphaes das toutinegras, e nos salguei-ros do rio, á noite, as vozes apaixonadas dos rou-

xinoes. Assisti a corridas ás lebres, a escolhas de curros; passei pelas ruas largas das povoações ladeadas de casas baixas e caiadas, de uma brancura onde o sol punha reverberações que me cegavam e em cujas paredes se recortavam os rectangulos das portas e das janellas talhados na alvenaria, sem guarnições, enfeitados de perfumados majaricões e de dhalias e craveiros floridos. Vi a magestade sinistra das inundações, vi as aguas turvas e raivosas do Tejo espalhadas sobre a planicie immensa, as lezirias cobertas, as copas das oliveiras emergindo apenas, os barcos navegando com difficuldade entre as correntes impetuosas que redemoinham e espumam batendo contra os troncos das arvores prestes a tombar, e que arrastam entre as cabelleiras dos tristes chorões, os destroços, as ruinas, a miseria e a morte... E vi tambem as cheias calmas que depositam os limos fecundantes e trazem consigo a abundancia e a riqueza... Vi o pão a romper da terra fresca e funda, vi a promessa do azeite nas oliveiras em flôr, e a do vinho na alegria dos pampanos verdejantes. Ouvi os cantos das vindimas, das mondas, das ceifas; assisti ás festas das *tibornas* e das *diafas*, ás *despedidas da azeitona*, aos *arraiaes*, ás *toiradas*, ás *ferras*; passei entre as côres gritantes dos trajes populares que desabrocham como flôres plebeias pujantes e excessivas... Vi o amor, a valentia, o heroismo...

Mas no Ribatejo o riso é sempre triste e so-

bre todas as coisas para a sombra ideal da saudade.

A saudade!... sentimento indefinível que nenhuma outra língua sabe traduzir como a portugueza, porque nenhum outro povo tem a nossa alma contemplativa e melancolica, cheia de subitot e arrebatados impulsos e de bruscos e longos desanimos, das sombrias e apathicas resignações que nos veem do fatalismo oriental... A saudade que nasceu para nós, como a Venus grega, da espuma das ondas; das ondas que eternamente se lamentam ao longo da nossa costa como sereias, mostrando-nos fallazes miragens de amor e de glorias e estendendo sobre nós o sudario do esquecimento e da morte... A saudade sonhadora e triste dos portuguezes, que vivem d'ella e por ella, sem uma revolta, curvando a cabeça, apertando-a contra o peito como um thesouro, transformando-a em vagos ideaes e em chimeras, creando á luz dôce da sua melancholia, as lendas de amor, os cantos plangentes, os heroes nebulosos desde o Preste Joham até ao épico vencido de Alcacer-Kebir, tão lindo e tão novo, tão louco e tão infeliz, tão ferventemente adorado pelo povo sentimental e incoherente que chorou a morte de Inez, assassinou o infante D. Pedro, deixou morrer Camões na miseria e embarcou em galeras de sonho a descobrir o mundo... A saudade portugueza que dura a vida inteira e se transmite de gerações em gerações... A virgem dolorosa que

estende as grandes azas transparentes, palpitantes, sobre a nossa terra, resplandecente de belleza, e toda nua porque a ventania do destino lhe levou o ultimo farrapo do seu manto de esperanças...

A saudade...

Onde a sentiremos melhor do que n'essa bem-dita paisagem do Ribatejo que nunca é alegre e que atravez de todas as estações exhala a harmonia grandiosa e incolor, as poeticas e suaves visões de um paiz irreal como se todo elle fosse a miragem, o reflexo da nossa imaginação ardente, do eterno romantismo que a avalanche do progresso não consegue desenraizar das nossas almas?...

Festas populares da minha terra! Festas viçosas como flôres agrestes, exuberantes de luz e de côres, fragrantas a rosmaninho, a murtas e a incenso, aureoladas pelas nuvens do pó branco das estradas que a ardencia do sol calcina, latejantes de ruido e de alegria expontanea, rudes, selvagens e cheias de graça, largas taças de cristal onde scintilla a vida pagã e de onde se entorna em milagrosas ondas a fertilizar a terra para o eterno renovo do prazer simples e sadio!

Durante a minha infancia e depois, enquanto durou a minha mocidade, todos os annos assistia, no principio do verão, á Festa dos Taboleiros.

Veem raparigas (as mais robustas e as mais lindas), de todas as povoações, de todas as fregue-

zias vizinhas; e cada uma traz o seu *taboleiro*, alto cylindro feito de pães enfiados em cannas e encimado por decorações onde a imaginação popular se expande: uma corôa real de latão contendo dôces, um açafate em fórmula de castello cheio de fructas, uma gaiola com pombos que esvoaçam...

Ha *taboleiros* grandes e pequenos, modestos e opulentos, representando alguns o cumprimento penoso de uma promessa feita n'uma hora passada de angustia, outros simplesmente a satisfação de vaidades, o desejo de figurar... Ha tambem os *amortalhados*, cestos vindimos cheios de pão, sem enfeites, cobertos por uma toalha. Outros erguem-se como torres, chegam a pesar quarenta kilos e mais; n'estes, os pães symetricos e loiros, alinham-se como pedras do complicado edificio, entrelaçando-se de grinaldas de rosas brancas e de sardinheiras rubras, desfraldando feixes de fitas multicolores que ondeiam ao vento contorcionandose como linguetas de fogo.

E depois, os carros da carne e do vinho, baixos e pesados sobre as suas duas rodas de madeira pintadas de côres vistosas assim como o painel da frente em semi-circulo, onde figuram num exagero de vermelhos, azues e doirados, desenhos symbolicos de uma primitiva ingenuidade, representando nuvens, azas abertas, anjos papudos cujas faces rutilam semelhantes a lustrosas e coradas maçãs reinetas.

Teem a fórma dos carros romanos de triumpho, mas em logar das classicas quadrigas das apotheoses de victoria, puxam-n'os duas juntas de bois, gordos, lustrosos e possantes, de armações engrinaldadas de rosas como as figurações mythologicas de Jupiter ao raptar a filha de Agenor.

E emquanto a procissão desfila pelas ruas da aldeia juncadas de alecrim, de rosmaninho e da erva odorifera de S. João, passando sob os arcos de murtas em flôr, ao som da fanfarrona e estri-dente philarmonica e dos foguetes estalando no ar, entre as alas do povo que o ruido, as côres e a luz embriagam de uma facil e simples felicidade onde todas as miserias momentaneamente são esquecidas, obceca-me a evocação de tempos idos, de tempos que julgamos mortos, mas que renascem eternamente na alma vigorosa do camponez, floração agreste e pura da alegria humana conservando-se expontanea e livre sem que o convencionalismo a tenha ainda forçado aos morbidos prodigios da selecção artificial...

E vejo os cortejos de Sileno ébrio, as bacchantes espremendo sobre a sua fronte senil os cachos das uvas doiradas, em gestos livres e harmonicos, na gloria da nudez rosada e firme dos seios, requebrando os rins, os flancos descobertos e palpitantes... Oíço os gritos das Menades atirando punhados de flôres e batendo nos tambores sonoros acompanhando a flauta dupla de Pan cujas



bochechas inchadas de vento se salientam na face tisonada, cujas orelhas ponteagudas apparecem entre o cabello aspero e frisado, cujos olhos rutilam de malicia e de lubricidade. E vejo Dyonisos triumphante.

Vejo a figura luminosa e calma de Demeter no seu carro de bois que é um throno de abundancia, coroada de espigas maduras, segurando a foicinha como um sceptro, rescendente aos perfumes acres da terra trabalhada, productiva, desfazendo-se em pão...

Vejo a belleza deslumbrante de Venus toda nua sob o manto imperial da sua leve cabelleira doirada, revendo-se com prazer no espelho de prata polida que a sua mão delicada e branca segura; os seios redondos e pequenos, os largos flancos de neve palpitantes de amor, deslumbrantes de formusura. Em torno d'ella oiço os gritos das nymphas correndo, de cabellos ao vento, entre as sombras e as clareiras do bosque olympico (por onde o sol se infiltra em poeira de oiro e em torrentes de pedrarias) fugindo dos faunos que as perseguem com risos lubricos, em galopadas loucas, deixando nas relvas as pégadas fundas e curtas dos seus cascos de bode. Oiço-as ainda, quando exhaustas e prestes a succumbir, imploram a protecção de uma divindade suprema e escorrem em ondas de crystal entre os braços musculosos e pelludos que julgavam emfim possuil-as, transformando-se em fontes que brotam da rocha viva,

claras, transparentes, frescas, cantando no seu leito de musgos e seixos nacarados, reflectindo na sua superficie irisada, as esmeraldas das ramarias e a grande saphira concava do infinito, ricas de virtudes bemfazejas a todos os males de amor...

Sinto em volta de mim pairar livre e forte o mesmo espirito que dominava as festas da Grecia antiga em honra de Dyonisos, de Demeter e de Venus.

A festa dos *Taboleiros*, sob a capa illusoria da caridade christã, deixa adivinhar claramente a sua ascendencia e a sua origem; é a glorificação do vinho, da terra e do amor.

É o vinho que os carros de bois triumphaes arrastam entre a vozeria e os gritos de prazer delirante; é a terra que celebram os *taboleiros* de pão enfeitados e multicolores, assim como as enormes peças de carne; é o amor que domina tudo, incendiando os olhares, exaltando a mocidade, fazendo brotar as trovas, os ditos, a musica, os risos, o eterno desejo que multiplica sem fim a vida sobre toda a face do globo.

O christianismo não pode vencer a força exuberante das lupercaes e das saturnaes romanas que por seu turno eram uma adaptação das festas pagãs de Athenas.

O espiritualismo oriental trazendo no seio uma religião de soffrimento, de resignação e de casto amor divino, implantava-se penosamente nas al-

mas que se tinham habituado atravez de seculos á adoração das forças naturaes dispensadoras da alegria e da abundancia; ninguem queria acceitar o peso do peccado original nem o encargo da expiação.

O Olympo vencia o Paraizo e Jesus teve de abandonar os homens aos seus instinctos e ás suas paixões, impulsionados pelas energias invençiveis da natureza triumphante.

Só o catholicismo, aproveitando o rasto luminoso do Divino Mestre, sophismando as suas palavras de misericordia, mentindo, enganando e terrorisando, na ancia de dominio e de supremacia que o devorava, conseguiu domar os instinctos e paralyzar a humanidade durante mil annos. E de tal fórma, que ainda hoje, depois da Reforma, depois da Renascença, e depois da formidavel reacção de 89, podemos constatar o effeito do catholicismo que absorveu a Edade Média, avançando no seu caminho de trevas, contornando as difficuldades que não podia vencer, transigindo, cheio de dissimulação, de prudencia e de hypocrisia, contentando-se muitas vezes em mudar o nome dos valores que não podia aniquilar e cujo proveito assim acaparava, pouco escrupuloso da significação verdadeira que elles continham, impregnados como estavam de paganismo, rescendentes ás florestas sagradas da Grecia, envolvidos nas estupeficientes concepções da idolatria egypcia...

Dyonisos, Demeter e Venus são immortaes; para elles subirá eternamente n'um fervor de adoração e de infinito reconhecimento, como um fumo sacrosanto de holocausto, a alma ardente da humanidade.

Nos campos, onde os homens se conservam mais puros, menos deformados pela civilização (ainda livres da contaminação das paixões vis e vergonhosas, da cubiça, da inveja, do rancôr, da ambição, da vaidade, onde a miseria é menos dolorosa porque o ar é puro, e as relvas dos caminhos, e as sombras das arvores, e as aguas das fontes, e o sol, pertencem a todos; nos campos onde a saude moral é mais robusta porque não ataca o maleficio das nevroses e a terra exige o esforço salutar dos musculos) o espirito popular prende-se ao atavismo das tradições pagãs.

O camponez póde prosternar-se em frente dos fetiches que lhe impõem abusando da sua credulidade e da sua ignorancia, póde bater no peito a tremer de medo entre as paredes frias e no crepusculo melancholico e sagrado dos templos... o que o catholicismo obteve d'elle, foi atravez do paganismo.

Na prisão onde o encerrou, a Igreja teve de deixar aberta uma fresta por onde penetrasse a luz necessaria á vida do encarcerado. E essa luz desce, a dançar, a rir e a cantar n'um raio de sol resplandecente, que traz nas suas scintillações de oiro os reflexos longinquos e eternos das harmo-

nias olympicas: o culto do Vinho dispensador do esquecimento e da alegria, o culto da Terra deusa suprema da abundancia, o culto do Amor simples e livre que fecunda o mundo.

Logo á tarde, quando a procissão dos *Taboleiros* tiver terminado o seu desfilar, quando os pães, a carne e o vinho, tiverem sido distribuidos pelos pobres e que em toda a freguezia não houver uma só creatura que sofra de fome, quando os balões se accenderem nos arcos de murta florida e as lanternas ás portas das barracas onde se vende o vinho, e na praça o povo se apinhar em grupos circulares e as danças principiarem ao som das guitarras, dos ferrinhos e das concertinas, o sopro divino das lupercaes passará como uma rajada, espalhando a embriaguez e a alegria delirante; e veremos a mesma onda de loucura, os mesmos movimentos descompassados, ouviremos os mesmos gritos, os corações rudes baterão a mesma cadencia precipitada de sabbat, e o espirito humano será o mesmo, frenetico, livre e feliz, das edades heroicas.

E penso na kermesse de Rubens...

Como elle entendeu a divindade immortal e dominadora da unica trindade que sobre toda a face da terra será eternamente adorada!

As suas camponezas são bacchantes; nos cabellos desprendidos adivinhamos as corôas de

hêra, os braços roliços e rosados erguidos na vertigem das dansas freneticas parecem-nos segurar os thyrsos rituaes.

Sob as formas atarracadas e grotescas dos homens governados pelos instinctos, surgem-nos os satyros lubricos e brutaes dos sequitos de Sileno. Envolve aquella multidão ebria de prazer, empolgada pelo desvario da alegria desencadeada como um tufão, o vendaval dos instinctos ancestraes consagrados pela antiga, forte e livre religião da Natureza.

Ao contemplarmos a tela acabamos por esquecer os campos hollandezes; o nosso pensamento vae alem das creaturas pesadas que alli palpitam de um intenso fremito de vida, vae além d'essa multidão flamenga alimentada pela carne succulenta que as extensas e riquissimas varzeas do Escalda, do Mosa e do Rheno fornecem; lembramos *dos outros*, dos antigos, dos felizes que viviam ainda mais fundidos na natureza, mais perto das suas divinas fontes de prazer e de fartura, do povo robusto, agil e nervoso, que comia os fructos doirados e aromaticos das planicies da Thessalia...

Ah! campos da minha terra! campos da minha terra!...

Como eu tenho saudades da monotonia dos olivaeas, da cegarrega das cigarras, dos gemidos das noras, e das rodas de rega a entornarem sem

fim a agua, em largas fitas de prata, dos seus alcruzados de barro! Como eu tenho saudades dos carros que passam de noite nas estradas solitarias, soltando os lamentaveis aulidos da sua queixa persistente, carregados, deixando atraz a poeira levantada a branquejar ao luar e um cheiro a chamusco do eixo mal ensebado...

E das vaccas bravas a pastarem, dispersas entre o montado, fazendo soar as badaladas tão doces e graves dos chocalhos...

E do grito dos pastores á hora do recolher...

A hora bemdita do recolher...

O dia acabou e prolonga-se ainda a tristeza infinita e solemne do crepusculo pairando sobre as eiras onde já se não trabalha e que exalam da sua terra calcarea, bem batida, incrustada dos bagos de trigo da primeira debulha, um bafo quente do sol armazenado alli durante o dia...

E os trabalhadores passam, depressa, com as enxadas ao hombro e os cestos de farnel, calados, moidos, pensando na ceia que os espera e na enxerga onde vão dormir tão bem.

Como faz calor! Não corre uma brisa. O horizonte conserva ainda um resto da grande barra de purpura que lá ficou depois do sol desaparecer e que é o indicio de outro dia esbrazante, amanhã.

Nos pinhaes, os noitibós soltam, alternadamente, as duas notas veladas e tristes do seu canto e parece-nos ouvir um concerto de flautas.

Lá em baixo, nas varzeas, nas lezirias, os rios, os rios, correm de mansinho, a marulhar sobre o calháo roliço dos seus leitos; e nas margens as *cegonhas* trabalham, pela fresca, abrindo os braços como um compasso, rangendo, estalando, fazendo soar o choque do balde na superficie da agua que depois se entorna a cantar nos calheiros de pau e vae correndo para as regadeiras da horta, sumindo-se nos canteiros de couves e entre as pyramides dos feijoeiros...

Acompanhando as curvas dos rios, os choupos, os chorões e as faias, descrevem pelo meio das planicies longas linhas sinuosas, todos inclinados na direcção do vento dominante que os curvou de nascença. E ouve-se entre os vimeiros o ramalhar precipitado ou cauteloso provocado pela passagem de alguma lontra.

Os rouxinoes cantam; e os grilos, os ralos e as rãs.

E todas estas harmonias se fundem e se juntam a não sei que vozes profundas exhaladas d'aquella terra que adoro e que nunca me será dado ouvir em mais parte alguma do mundo.

Vozes profundas que me teem dito tantas coisas desde que eu nasci e que o meu coração ouve melhor do que os meus ouvidos, vozes que falam de tantas visões passadas e mortas para sempre, evocadoras melancolicas de alegrias que não voltarão, de repousos que nunca mais conhecerei,



queridas vozes que eu saberia differençar entre mil e cuja simples recordação me faz chorar!...

Parece-me ás vezes que morri e que a minha alma é uma pobre alma penada a rondar, a rondar pelos campos da minha terra, de onde não pode apartar-se. Parece-me que ando com o vento a ramalhar entre as folhas dos eucalyptos muito altos, e que oiço piar o mocho que todas as noites vinha poisar no arco da sineta por cima da capella. Oiço tambem as gottas de agua a pingar de mansinho na cascata do jardim, e conheço as vozes dos cães que ladram constantemente ás sombras immoveis das arvores que o luar estende sobre a terra.

A pobre alma penada ronda a casa... mas não póde entrar; todas as portas estão fechadas; todas as portas que d'antes se abriam logo como sorrisos... E a alma arrasta-se a suspirar, sem que ninguem a oiça nem a veja; passa defronte dos curraes de onde sahe a espaços o telintar de uma campainha de cobre, o murmurio de uma phrase entrecortada do pastor que sonha... um balido muito doce que é talvez um sonho tambem ou um chamamento inquieto pela cria que se afastou um instante do calor maternal...

Passa defronte da abegoaria e ouve o resfolegar possante de um boi que trabalhou o dia todo e que suspira de prazer, agora, a descansar sobre a cama de matto roçado que cheira tão bem...

E ouve o remoer compassado de outros bois

e os estalidos seccos de um resto de ferrejo que uma lingua gulosa junta ainda na mangedoura antes de adormecer.

E depois o vento leva-a... e ella passa sobre o grande disco da eira deserta e branca de luar. Lá estão os molhos de trigo ceifado, que parecem tão loiros ao sol e que assim de noite são pardos e tristes. Bem amontoados formam a um lado da eira, altas pyramides truncadas; e do outro lado o monte da *moinha*, muito clara e leve como um rolo de algodão...

Ah! quando eu era pequena, como gostava de rebolar na moinha! E mais tarde como eu trepava á noitinha para cima dos molhos e me estendia lá no alto com a cabeça deitada para traz, sem vêr mais nada senão o ceu muito profundo onde se accendiam as primeiras estrellas!...

E a alma passa... Agora está no montado. E apetece-lhe abraçar os chaparros de outros tempos, hoje arvores feitas e já despidas da cortiça, com os corpos nus, lisos e escuros, alguns feridos es-correndo seiva em longas estrias negras como sangue coalhado.

O montado é tão grande, é tão solitario e tão triste!

Como eu gosto dos montados da minha terra, onde a gente se perde, onde não se encontra viv'alma! Como os entendo! Como sympathiso com a historia do seu longo crescimento, com as suas queixas contra o solo aspero, pedregoso e tão

secco, tão ingrato, sem um riacho, sem uma fonte, e duro e nu, incapaz de reter as aguas do ceu e de as fazer descer até ás pobres raizes seculares que luctam sósinhas, lá muito fundo, a morrer de sede!...

Descança-se tão bem á sombra d'aquella folhagem miuda que não deixa passar o sol, sob a protecção dos ramos enormes torcidos pelos annos, nodosos e tão fortes, correndo a vista pela perspectiva dos troncos que irrompem da terra, grossissimos, com um ar de eternidade, e se multiplicam sem fim á nossa volta, cada vez mais cerrados quanto mais longe, dando-nos a impressão de uma barreira inexpugnável e de um mysterio profundo onde ninguem poderá vir perturbar-nos e onde poderemos adormecer, se quizermos, em paz e para sempre!

No inverno á tardinha, depois dos dias muito frios (em que as mãos engadanhadas e golpeadas de cieiro se negam ao trabalho e é preciso aquecel-as á fogueira do rancho, de bocado a bocado) os *barrões* voltam da apanha da azeitona, e dirigem-se para a *casa da malta*... Os homens embuçados nas mantas que os tornam conicos, e as mulheres com saias pela cabeça; vão devagar; são setenta, oitenta, cem... figuras taciturnas, umas atrás das outras em fila, como as theorias dos baixos relevos egypcios. Ao passarem defronte da

nossa casa entôam um canto plangente em ter-  
ceiras.

«Viva o senhor nosso amo!...»

Principia quasi sempre assim, por este verso.

E as vozes afinadas sobem na tristeza do en-  
tardecer de inverno, parecem tocar nas nuvens  
baixas e misturar-se com ellas.

O canto é de uma melancholia infinita; e vão  
passando, sem parar, como um acompanhamento  
solemne de enterro...

E começa a chover. Uma chuva miuda que  
dentro em pouco escorrerá pelas biqueiras dos te-  
lhados em catadupas e nos toldará a vista dos  
campos antecipando a escuridão da noite.

Como é confortavel o candieiro acceso espal-  
hando o seu disco de luz sobre a meza do se-  
rão! E as portas e janellas bem fechadas, e as  
brazas latentes sob a cinza da brazeira, e a ceia  
na toalha muito branca alegrada por um grande  
ramo de flôres!

A gente do campo! São as suas mãos que ca-  
vam a terra clemente, que plantam as cepas, que  
guiam os lançamentos, que podam, que desfolham,  
que colhem os cachos maduros entre cantos e ri-  
sos de alegria...

É o suor do seu rosto que rega os cereaes; é  
o esforço dos seus braços que enterra no solo a  
relha da charrua, são elles que atravessam em

bandos alegres, devagar, os trigaes na primavera, mondando-os, limpando-os, curvados para o pão, a cantar sob o ardor feroz do sol; são as suas foicinhas luzentes como prata que mais tarde cortam as espigas maduras...

É ao ar livre, sob o olhar bondoso do dia, envolvidos na fragancia dos favaes, á sombra das oliveiras floridas, entre a verdura dos pampanos, encostados á enxada, que o desejo lhes nasce, livre e natural como uma grande flôr robusta e brava, encantando-os um momento, descendo como uma benção e uma recompensa sobre as agruras da sua rude vida tão corajosamente accete.

Dyonisos é para elles um bom companheiro, um bom amigo. Não lançam mão da embriaguez como um refugio contra pensamentos maus e obce-cantes. Bebem o vinho com sede, como bebem a agua das fontes; e a loucura que elle lhes espalha nas veias e que os torna tão felizes, não é um vicio.

Demeter poisa de mansinho a sua mão branca sobre os grandes corações infantis fazendo-os pal-pitar de um amor apaixonado pela terra que trabalham de sol a sol, prendendo-lhes as almas boas e rudimentares ás sementeiras que trarão a fatura, ás florações, aos fructos, dando-lhes a ignorancia e a indiferença salutar por tudo que não se ligue ao chão de onde vem toda a riqueza e todas as venturas.

Venus sorri-lhes com indulgencia. Gosta de os

vêr tão simples e tão sinceros nas exuberantes e francas expansões dos seus desejos, tão pouco subtis e requintados no amor que lhes irrompe no peito sem complicações, e forte como um pinheiro da serra e como elle natural e sadio.

Ah! campos da minha terra!

São sete horas da manhã.

O dia appareceu radioso. O sol ergueu-se n'uma gloria por detraz das montanhas e agora entorna a jorros a sua bemdita claridade sobre a terra... Mas este sol d'Africa não me aquece o coração!

As linhas delimitadoras da sombra e da luz riscam traços firmes nas casas da cidade, desenhando as fachadas, os angulos, os beirões, as chaminés, as torres, em figuras geometricas.

A minha casa é no extremo da cidade e vejo os campos em todo o esplendor das suas côres, surgindo aqui o ocre de uma argilla descoberta, mais além o vermelhão de uma saibreira; e os tons infinitamente variados dos verdes trepam n'uma orquestração deliciosa pelas vertentes, colorindo os jardins, os hortados, as culturas diversas que se escalonam, sobrepondo-se em degraus e subindo sempre; e finalmente os grandes e pesados massiços de pinhaes, lá muito alto, coroando os cimos com um ar solemne de florestas sagradas.

Respira-se bem. O ar está embalsamado pelos

ineffaveis perfumes da primavera, que nos dilatam o coração e nos sobem ao cerebro como os fumos de uma leve e voluptuosa embriaguez.

Abri as duas janellas do meu quarto, cujas paredes me opprimem, cujo tecto me pesa, e que de repente me parece pequeno.

Não me appetece trabalhar. Queria sentir sobre mim a queimadura do sol, fundir-me na vida profunda e inconsciente da materia, respirar em longos haustos a primavera que já cobre as arvores de fructo com a pennugem perfumada das suas florações, que faz circular nos pinheiros a actividade das seivas e romper das cascas rugosas dos troncos as lagrimas de resinas odoriferas.

Sei que entre o matto florido, á sombra das ervas altas, á beira das torrentes, e descrevendo rondas de loucura nos raios de sol, pullula a vida intensa dos insectos.

Lá em baixo, no jardim, oiço chilrear os passaros e a agua canta ao cahir da biqueira no tanque...

Mas não são estes campos que eu quero; a minha nostalgia atravessa o mar com as suas grandes azas melancolicas e leva-me para muito longe á procura dos rouxinoes e das andorinhas, e dos sobreiros, e dos olivae, e das lezirias muito extensas, e do tom cinzento da paizagem ao cahir do dia, e dos grandes rebanhos... de todas essas coisas calmas e deliciosamente tristes onde o meu

coração ficou preso e cuja saudade me faz soffrer como uma ferida incuravel.

Foi ha muitos annos, no Alemtejo...

Levantei-me ás seis horas da manhã.

Tanta claridade! Um ceu tão luminoso e tão profundo!

O sol fez-me pensar n'uma hostia consagrada consubstanciando na luz a divina Verdade e todo o prodigio da vida.

Em pé, defronte da minha janella aberta, mergulhada nas ondas de um ar puro e perfumado, na frescura da manhã toda palpitante de renovos, julgava ouvir estalar a terra sob a pressão das raizes turgidas, ouvir suspirar as ramarias afrontadas com a exuberancia das seivas.

Sahi de casa.

Atravessei os prados. As flôres dos trevos bordavam a varzea de roxo dolorido, de azul, de amarello e de purpura, côres opulentas e apaixonadas de pedras preciosas e de vitraes.

Dos lados do caminho, as gramineas irrompiam da terra como pontas de lanças onde tremiam ainda os diamantes fluidos do orvalho.

Por toda a parte, o verde triumphante da primavera, pallido ainda nos rebentos entumescidos, já intenso nos ramos novos cujas folhas se agitavam á passagem da brisa com gestos languidos de juventude enamorada.

As flores espalhavam no ar a innocente astucia



dos seus perfumes, preparavam no fundo dos calices o nectar destinado aos insectos, agentes de amor...

Entre as moitas ramalhudas sentia-se palpitar a azafama dos arthropodos, gente de rapina e de amores violentos, cujas correrias de hostes barbaras, cujas luctas mortiferas para a primazia da posse, se deixavam adivinhar na agitação apenas perceptivel de um ramusculo, n'um estalar discreto de folhas seccas, n'um zumbido de azas empoeiradas de oiro...

Espreitando, vi a cabeça épica de um grillo, com o seu capacete negro e luzente, encimado pelas duas plumas divergentes como um elmo medieval de parada ou de torneio; vi a poderosa fronte de minotauro do estúpido escaravelho que os antigos divinizavam concedendo-lhe a pesada honra de representar a immortalidade; vi a face hypocrita da louva-a-Deus com o seu ar ingenuo e edificante sob o qual se esconde a premeditação de atrocidades sem nome; vi a formiga obreira, avida, insaciavel, triste personificação da esterilidade e da ancia inextinguivel de riquezas, voraz, egoista e cynica.

Nos raios de sol revoluteavam borboletas e nos troncos das oliveiras espalmavam-se as cigarras atroando os ares com o seu canto ininterrupto e monotono.

As borboletas e as cigarras!

Ah! a longa vida miseravel das lagartas, o

somno lethargico das chrysalidas, os perigos, os soffrimentos, o trabalho penoso e ignorado do lento e difficil crescimento! E depois... dois dias apenas de felicidade para gozarem do calor e da luz, para a realização das nupcias no estonteante resplendor de um raio de sol... O abraço de voluptua tão ardente e tão curto, o sonho de amor tão breve, o fugitivo sonho de amor logo desfeito pela morte!...

Levantei a cabeça devagar, cheia de vertigens...

Tinha tido o spectaculo da gloriola vã; da necessidade de sobrenatural desfigurando a beleza real dos phenomenos naturaes; da hypocrisia; da voracidade e do cynismo; da injustiça pesando sobre a vida obscura dos trabalhadores heroicos e incomprehendidos; da illusão do amor como unica recompensa a todas as miserias, condensando n'um ephemero relampago, a eternidade...

E sempre o mesmo trabalho das cellulas renovando-se, reconstituindo-se, multiplicando-se, lutando contra os agentes destruidores que as vencem, que as desagregam, que as transformam n'outras cellulas para o eterno recomeço da vida.

Invadia-me a pouco e pouco uma grande melancholia.

A vida... Para quê? Valeria a pena?

Tinha a impressão de me ter debruçado sobre um abysmo no fundo do qual, penosamente, se fosse arrastando o homem... que afinal se differençava dos insectos pelo tamanho apenas...

Olhava em volta de mim e tudo parecia confirmar o meu sentimento de angustia e de desanimo.

Nada via que me confortasse...

N'aquelle casebre, além, uma pobre velha morria de fraqueza, de longas privações, de fome tantos annos supportada; o genro batia na mulher cada vez que a via dar de comer á mãe, dizendo que a desgraçada já não merecia o sustento.

Aquelle outro pardieiro, abrigava um casal com oito filhos pequenos, todos doentes e enfezados; o pae bebia e pouco ou nada trabalhava, andando sempre envolvido em rixas e entregando-se a todos os vicios.

Mais adiante era uma viuva; a filha unica abalara para Lisboa, farta de miseria, afim de lá valorizar a belleza...

Os camponezes appareciam-me sob o aspecto lamentavel dos camponezes descriptos por La Bruyère: animaes inferiores, vivendo em tocas de lama, apenas differentes dos habitantes das cavernas pela sua baixeza e cobardia.

Tudo escurecia; a luz do dia tornava-se embaciada e triste, e o horizonte fechava-se defronte de mim n'uma curva resumida onde a minha alma prisioneira se debatia como na cella redonda de uma penitenciaria.

Por toda a parte a miseria, sempre a miseria, embrutecendo o homem, atrophinando-lhe a intelligencia, alimentando os vicios pesados e torpes

pelos quaes nos ligamos á mais baixa animalidade!

Senhor! Tanta terra semeada, tanto pão a germinar, tantas promessas nas delicadas florações das arvores de fructo, tanta belleza e tanta abundancia espalhadas pelo sol sobre o mundo inteiro... e sempre entre os homens a miseria, a injustiça e a dôr!

A perder de vista, defronte de mim, os campos da minha terra pareciam-me malditos. Propriedades enormes, cada qual na mão de um só homem que lhes deixava metade em poisios quasi indefinidos, extensões enormes sem arroteia...

E tantos braços pedindo trabalho em vão, tantas forças perdidas, tanta gente valida refugian-do-se na hospitaleira America á procura de pão, deixando, empurrados pela fome, a patria onde as suas energias valorizadas fariam prodigios!

Quem pensava nos pobres?

Os appetites desencadeados dos grandes faziam da politica e da administração publica uma escada por onde içavam as suas ambições e as suas vaidades. E as seivas da terra eram desprezadas; o sangue virgem das populações ruraes desaproveitado, abandonado como coisa desprezível, sem que ninguem sentisse que estava alli, alli n'aquelles cerebros obstinados e pacientes, n'aquelles braços vigorosos e rudes, a salvação de todos!

Meditando tristemente n'estas coisas, tinha

continuado, sem dar por isso, a andar. Encontrava-me no alto de uma collina. Parei olhando em volta de mim.

Predeu-se-me a attenção a uma geira de terra, lá em baixo, cercada por um vallado, pequenina e insignificante na vastidão da paizagem.

Ahi, um homem curvado sobre a rabiça de um arado primitivo, estimulava ao trabalho um burro e uma egua, presos á mesma canga, miseraveis e esqueleticos, arreados de apparatus andrajosos feitos de cordas, de correias velhas, de pedaços de linhagem...

Qu'importava? Encostado ao tronco de uma figueira, lá estava o sacco da semente que dentro em pouco seria espalhada.

*A semente que dentro em pouco seria espalhada...*

Como esta phrase formulada no meu pensamento, me appareceu de subito repleta de significações profundas! Como illuminou bruscamente de uma luz radiosa e inesperada o meu cerebro e o meu coração! Assombrava-me não ter sentido até alli, tudo quanto de repente ella accordava na minha intelligencia.

Era tão claro! Emquanto aquelle homem existisse sobre a terra, a humanidade caminharia para o seu aperfeiçoamento, para a sua redempção.

Contemplei longamente aquelle espectaculo; os meus olhos beberam-n'o dando-me a sensação

de frescura e de repouso com que aproximamos os lábios de uma fonte crystallina, depois de uma grande e penosa caminhada á poeira e ao sol.

Era a esperança, era a salvação! Era o trabalho obscuro e perseverante, vencendo todos os obstaculos á força de obstinação, fazendo triumphar a vontade do homem, arrancando-o ás suas trevas originarias, aos seus antros prehistoricos, para lhe dar a conquista da terra, do oceano e do ar, para o elevar á realização do sonho, para o aureolar de ideal apesar da miseria, apesar dos instinctos e das paixões, apesar dos desenganos e do soffrimento.

Aquella força (apparecendo-me alli apenas embryonaria) era a mesma que fôra sempre o motor bemdito de todos os progressos humanos.

A sciencia, a arte, o aperfeiçoamento moral, todos os grandes factores de liberdade e de ascenção, tinham sido atravez dos séculos pacientemente creados e gradualmente desenvolvidos pelo trabalho obscuro e perseverante do homem.

*A semente que dentro em pouco seria espalhada...*

Ter confiança, ter fé n'estas palavras!

Entre mil homens, se um só preparar a terra e lançar a semente... é quanto basta. Ella germinará.

---

Ahi estava o segredo que eu momentos antes não descobrira, o segredo cujo mysterio gera a melancholia, o desanimo, o desespero; o segredo que de repente me fôra revelado pelo humilde lavrador e que agora resplandecia na minha alma como um radioso alvorecer!





## Pharoleiros

Da casa que eu d'antes habitava em Lisboa, situada n'um ponto elevado da cidade, avistava-se o pharol do Bugio.

Lembro-me do tempo que passava á janella de um dos torreões, em creança, olhando o pequeno traço vertical, que a torre lá muito longe riscava, poisada sobre o rochedo solitario, á entrada do Tejo.

Nos dias de calmaria, quando o ceu estava limpo e o sol brilhava, o pharol apparecia como um ponto apenas perceptivel, immovel no meio da superficie immensa e resplandecente de reflexos e de reverberações, fundido quasi no oceano esbrazante de luz. De noite os seus fogos intermitentes, muito distantes, perdidos já na orla do mar, afastados de todas as outras luzes que scintillavam no porto, apertavam-me o coração,

fazendo-me pensar na solidão dos pobres homens, encarregados de vigiar a lanterna.

Surgiam-me na imaginação como uns entes de mysterio, aquelles sêres que tinham o destino de viver sósinhos sobre um rochedo tão pequeno, rodeados de aguas profundas formando em torno d'elles uma barreira invencivel, por vezes cheia de ameaças, abalando com a pancada furiosa das ondas o triste morro que emergia como a fronte de um naufrago abandonado e prestes a succumbir...

Ah! as almas obscuras e palpitantes dos pharoes!

Olhando para o Bugio, como eu pensava na existencia limitada dos dois guardas condemnados á solidão, paralysados no topo do rochedo á entrada do grande estuario, sentindo relativamente tão perto de si a vida dos outros homens nas margens do Tejo, adivinhando o silvo dos comboios, as sereias dos automoveis, as campainhas dos electricos, os sinos das egrejas, o formigar da gente nas praias, todas as manifestações da actividade livre e feliz que não podiam compartilhar, votados á vastidão infinita, ao silencio e á solidão do oceano... nautas de navio phantasma, voando eternamente e eternamente immoveis, estrangulados pela angustia da despedida, pelo momento de entrada no desconhecido, mas sem nunca perderem de vista as paragens para onde não podiam voltar e sem liberdade de se aventu-

rarem á conquista do formidavel mysterio que se estendia defronte d'elles e que tambem lhes não pertencia...

O que pensarão? O que dirão durante as horas interminaveis do dia e da noite, aquelles homens encarregados de salvar tantas existencias e a quem ninguem agradece o sacrificio das proprias vidas?

Como elles fallam, os raios intermittentes da lanterna do Bugio! Nas noites de temporal, quando o mar embravecido agita em estertores de agonia as pobres embarcações, quantas vezes a luz do pharol apparece de subito no meio das trevas profundas como um grito de cruel triumpho soldado pelo espirito do mal, surgindo do impene-travel mysterio da morte como um chamamento que gela o sangue nas veias d'aquelles que assim vêem de repente, a dois passos, a catastrophe inevitavel!... E quantas vezes tambem, durante as noites calmas e negras, a luz do pharol scintillante ao longe, ao longe... annuncia aos que chegam de paragens remotas, cançados e tristes, o repouso emfim alcançado, a terra tão desejada, falando-lhes do lar, dos entes queridos, das recompensas ás immensas fadigas, do descanso tão rudemente ganho!...

Mas quem pensa nos pharoleiros? Almas escondidas de um corpo cujo trabalho produzido é o unico valor considerado, motores indispensaveis e obscuros de um organismo que o cerebro de ou-

tros homens tornou quasi humano. Nem um pensamento, nem uma sympathia vae além dos raios bemfazejos ou diabolicos para attingir os miseraveis sêres condemnados ao degredo para segurança e tranquillidade dos outros.

As esperanças e as agonias adejam em torno da luz que as attrae como attrae as aves migradoras e outras que se precipitam contra os vidros luminosos com uma violencia tantas vezes mortifera. Mas é a luz, é a luz que as chama, que lhes falla, que as envolve na sua encantação... e dos pharoleiros ninguem se lembra; dos pharoleiros, sem os quaes, porém, a luz se apagaria.

Este esquecimento da força motriz productora da luz que deslumbra, é tão humano! tão rico de tristes corollarios!..

Habitei durante alguns mezes uma povoação da costa de Portugal, lá para o norte, onde o mar é severo e intratavel, despedaçando-se em ondas enormes e incessantemente renovadas, com estampidos e clamores de furia, mesmo quando ao largo ha bonança, e dias calmos e radiosos se estendem sobre a terra.

A uns quinze metros da minha casa erguia-se a torre muito alta e ligeiramente conica de um pharol moderno, aperfeiçoado, cuja lanterna movida por um complicado machinismo de relojoaria, girava a noite inteira, fazendo scintillar as innumerables facetas dos seus crystaes, dos seus pris-

mas, das suas lentes, como um gigantesco diamante cujos fogos se avistavam pela immensidade do mar, a dezenas de kilometros.

E eu gostava de subir lá acima, ao cahir da noite, quando o pharoleiro accendia a lampada e dava corda ao machinismo.

O pharoleiro! Um pobre velho apaixonado pelo mar, antigo pescador atormentado de nostalgias, vivendo das recordações absorventes e exclusivas que o oceano imprime na alma d'aquelles que vivem algum tempo da sua vida profunda. Contava-me historias lamentaveis de temporaes e de naufragios, falava-me do mar como de um sêr pensante e cheio de malicia.

Dizia-me:

«É viva a agua do mar; apenas a gente a traz para terra, morre. Vê, como grita e chora e ri e se torce por ahi fóra? Pois vá buscal-a n'um copo e verá como fica logo quieta, calada, morta.»

Demorava-me ainda no estreito corredor envidraçado e circular, depois do velho descer.

O movimento lento do monstro luminoso, cegando-me de reflexos e de reverberações, dava-me vertigens; o calor suffocava-me; e se me voltava para fóra, o negrume que vinha subindo do mar inundava-me de mysterio e de terror sagrado.

Era bom: uma sensação profunda de solidão, de abandono, entre forças inconscientes e tragicas...

Em noites de nevoeiro accordava por vezes a

horas mortas com o grito intermitente e lugubre da sereia, cuja voz monstruosa ia levar o signal aos navios onde a luz do pharol, tolhida pelo nevoeiro, não chegava.

Abria a janella do meu quarto e tinha uma visão que destruía toda a realidade e me transportava a outras edades do mundo.

No nevoeiro densissimo, tudo que a luz do pharol costumava illuminar, se fundia, deixava de existir. Era como se uma pavorosa catastrophe tivesse aniquilado a terra... A atmospherá carregada de vapores espessos, pesados, filtrava apenas uma claridade livida, tenue, espectral. Lá muito alto, suspensa do ceu, uma estrella enorme girava n'um vagaroso movimento de rotação estriando a nevoa de raios que se alongavam em afastamentos infinitos onde a minha razão se perdia e que me faziam pensar nas azas abertas da aguia do Apocalypse...

A espaços a sereia soltava o seu aulido possante e desesperado com a cadencia de respiração que dá áquelle monstruoso gemido uma apparencia de vida inquietadora. E nos intervallos de silencio, a voz do mar embravecido tomava extranhas sonoridades... detonações, desmoraamentos, como se um cataclysmo formidavel estivesse em marcha...

Entretanto, o velho pharoleiro, gemendo a cada degrau (e eram tantos!), tolhido pela gotta, acabrunhado por uma vida inteira de trabalho, de

luctas, de perigos, com o pensamento preso á embarcação que de tarde levára os filhos para o mar alto onde áquella hora se encontravam mergulhados na bruma, subia ao alto da torre a fiscalizar o andamento do machinismo.

Pobre legião de pharoleiros dispersos sobre toda a face da terra, postados á beira sinistra dos abysmos e cuja missão nunca tem fim! Escravos dos signaes luminosos desde que se accenderam nos promontorios hellenicos os fogos pelos quaes se guiaram os navegadores da Odyssea, prisioneiros na torre de Pharos defronte de Alexandria, e nos pharoes romanos de Ostia e de Ravenna onde alimentavam as fogueiras de lenha e de madeiras resinosas, guardadores taciturnos da luz atravez dos seculos, vigias esquecidos e ignorados, attentos agora ao seu rude dever no alto das torres soberbas de audacia e de potencia que ostentam a projecção dos fócios electricos e das lentes Fresnel a leguas e leguas de distancia...

Quantas historias apaixonadas e terriveis, quantos episodios de loucura, quantos acontecimentos dolorosos, quantas agonias, quantos heroismos ignorados, teem encerrado as paredes dos pharoes solitarios, á beira dos oceanos!

Ao pensar n'estas coisas, lembro-me com um estremecimento de horror e de entusiasmo da aventura da viuva Matelot...

O pharol de Kerdonis fica situado em Belle-Ile,

do lado do Atlantico, sobre um planalto deserto, desolado, agreste, dominando as rochas onde o mar se despedaça e distante de qualquer povoação mais de doze kilometros.

Os fogos vermelhos e intermitentes da lanterna, projectam-se sobre a entrada do golfo do Marbihan e protegem sobretudo as embarcações francezas que annualmente voltam da pesca ao bacalhau na Terra Nova.

O pharoleiro adoeceu n'uma terça-feira de Paschoa e morreu pouco depois, á hora em que devia accender a lampada e dar corda ao machinismo.

Durante o seu estertor, a mulher lembrou-se de que a lanterna estava apagada e de que tantos desgraçados podiam perecer á entrada do golfo, enganados no seu caminho pela ausencia do signal. Deixou os dois filhos (um rapaz e uma rapariga, 13 e 14 annos) junto do pae moribundo, subiu á torre, accendeu a lampada, tentou em vão dar corda ao machinismo.

E voltou assistir á morte do marido cujo trabalho era o unico sustento da familia.

Apenas lhe fechou os olhos, lavada em pranto, subiu novamente a escada da torre. Mas, ou o machinismo de relojoaria se encontrava desarranjado ou ella não sabia fazel-o funcionar...

A lanterna conservava-se immovel.

Atravez da angustia, dos cuidados e dos tormentos que a obcecavam, não perdeu um segundo a noção do dever: era preciso que a lanterna gi-



rasse, que os fogos vermelhos apparecessem sobre o mar, intermittentes como sempre, aos olhos dos marinheiros que vinham de longe e que não deviam confundil-os com outros.

E toda a noite (uma noite medonha de ventania e de temporal, uivando e rugindo em torno da habitação fustigada pela chuva torrencial, enquanto o mar furioso arremetia lá em baixo contra os rochedos), toda a noite a viuva Matelot velou o marido morto, levantando-se de momento a momento para subir ao alto da torre onde postara os dois filhos encarregando-os de fazer girar com os dedos a lanterna, ora um, ora outro, inquieta sempre, com medo de que os pobres pequenos, vencidos pelo cansaço e pelo somno, não cumprissem até ao fim a sua missão...

Como é que os tripulantes das embarcações que n'aquella noite passaram incolumes, apesar da tempestade, a entrada perigosa do golfo, guiados pelos fogos vermelhos que desciam com os intervallos costumados sobre as ondas revoltas, não sentiram que a sua luz era differente, feita de piedade e d'essa outra claridade tão pura e tão rara que se chama o dever simplesmente cumprido, mesmo atravez da agonia e além da morte?...

Ah! as almas obscuras e palpitantes dos pharoes!



## Glorias

Um campo desolado sob o ardor do sol d'Africa, do sol esgazeado, queimando a terra, entornando os raios a prumo, de um ceu quasi branco e sem nuvens.

Não se avista uma fonte, uma arvore, uma cultura.

Sopra a brisa quente e esterilizante do deserto, impregnando o ambiente de uma tristeza infinita.

Nem um vestigio de habitação, nem uma silhueta humana, nem um animal pastando, nem uma fera espreitando a presa, nem o vôo de um passaro ou de um insecto.

Ao longe a ondulação melancholica de uma collina sobre a qual se estende a mesma sombra de maldição.

Um fundo para as phantasias macabras de Holbein; n'aquelle solo só podemos conceber o

sulco da charrua guiada pela mão descarnada da Morte...

E com effeito o espectro passou alli; a relha da sua tragica charrua abriu a terra.

Estamos em Marrocos, no pobre canto de terra que nenhuma potencia pensa decerto em disputar á França; o improvisado campo santo dos soldados e officiaes cahidos durante os combates de Moulouya, de El-Addouana e de Debdou.

No chão pedregoso e esteril onde só crescem aqui e além, tufos de matto curto e esgrouviado, as mãos piedosas dos companheiros d'armas, abriram trinta fossos, depositaram bem fundo os cadaveres, cobriram-n'os de terra e amontoaram sobre cada um as pedras dispersas, formando com ellas rectangulos em forma de campas.

As cabeceiras alçaram cruces toscas de madeira, e n'essas cruces enfiaram umas corôas funebres feitas de matto bravio e aspero.

Mais nada.

Mais nada... e dentro em pouco os agentes da natureza encarregados de destruir continuamente os vestigios da passagem humana sobre a terra: os phenomenos da atmospheria, os animaes, os insectos, as plantas, os organismos infinitamente pequenos que produzem um trabalho incessante e colossal, arrazarão os tristes rectangulos, dispersarão as pedras, anniquilarão as ossadas, e o deserto será de novo o deserto, como a lousa

sobre a qual um nome se escreveu e logo foi apagado.

E assim homens validos e fortes que poderiam fornecer vidas uteis, trabalho fecundo, lá vão cahindo uns após outros ao serviço de um phantasma...

Quando se realizou a coroação do rei de Inglaterra, não me chegava á mão um jornal, uma revista, um *magazine*, onde me não apparecessem desenhados, photographados, descriptos, os episodios d'essa grande representação destinada a deslumbrar o mundo, e na qual entraram como comparsas, rajahs da India, chefes de tribus africanas, personagens da Oceania, como testemunhos dos limites constantemente alargados do vasto imperio cujos tentaculos abraçam a terra.

E no meio do enthusiasmo e da admiração geraes, eu conservei-me sempre fria deante do desfilar das tropas disciplinadas e passivas, vaedosas das suas librés multicolores e reluzentes, deante dos *horse-guards*, soberbos e rigidos manequins vazios de pensamentos, deante dos *pares*, cobertos de arminho e com as fronte cingidas pelas corôas ducaes, deante das *filhas de condes* que seguavam a cauda riquissima do vestido da rainha Mary, deante dos coches reaes, preciosas obras de arte, ao lado dos quaes caminhavam na lama os lacaios empoados, deante do aparatoso cortejo dos bispos, dos principes, dos embaixadores, deante

te das cerimonias magnificentes de Westminster, deante da multidão britannica embasbacada e delirante.

Parecia-me tão pequenita a figura do rei e tão pouca coisa! Á minha vista os seus hombros deviam fatalmente vergar sob uma tal grandeza. E' que já lá vai o tempo em que havia hombros humanos capazes de supportar o peso do mundo. E se antigamente o supportavam era porque representavam aos olhos dos povos, forças divinas; aureolava-os o clarão do sobrenatural.

Os romanos viam sobre a cabeça de Augusto as mãos protectoras dos deuses que o tinham escolhido para governar o mais vasto imperio da terra. E as multidões curvavam-se á passagem de Carlos Magno porque n'elle residiam a sabedoria e o poder concedidos pelo Deus dos christãos ao mais digno entre os homens.

Uns e outros tinham a fé, tinham deante da vista o veu magico atravez do qual a realidade se decompunha tomando o prestigio do milagre; e assim aquelles eleitos revestiam-se de uma divindade que os elevava muito acima do nivel onde se agitava o resto da humanidade, curvada no gesto de adoração que atravez dos séculos vinha inclinando os homens como um vendaval inclina os cannaviaes.

Então, n'essas épochas em que o espirito do homem ainda obscurecido pela ignorancia, se conservava supersticioso, estas cerimonias consagra-

das e rituaes, engrandeciam-se de uma impo-  
nencia impressionante de mysterio religioso; e  
os monarchas passavam na apothese de imma-  
terialidade criada pela imaginação popular e que  
os isolava da atmosphaera respirada pelo rebanho...  
pelo lamentavel rebanho adorador e crente.

Hoje taes cerimonias parecem-nos anachronis-  
mos. Olhamos para ellas como espectadores indif-  
ferentes, sem que aquelle aparato nos impres-  
sione mais do que um faustoso scenario de opera,  
encantando-nos sem nos enganar, dando-nos a  
illusão sem nos fazer esquecer de que estamos no  
theatro. Basta-nos um momento de reflexão para  
que nos acuda a idéa dos bastidores onde os  
actores, esperando a vez de entrarem em scena,  
discutem entre si as pequenas miserias da vida  
real. E seja qual fôr o farrapo que as necessida-  
des scenicas lhes tenham lançado sobre os hom-  
bros: 'purpura ou burel, arminho ou estamenha,  
nós, gente moderna, que lemos, estudamos, e te-  
mos os olhos abertos pelas revelações da sciencia  
e o coração trasbordante de aspirações e de so-  
nhos bem mais altos... *sabemos* que os actores  
são homens, que os homens são todos iguaes, e  
que só a intelligencia e a bondade podem, em  
frente da nossa razão lucida, elevar alguns acima  
do nivel commum.

Ah! a chegada a Roma do aviador Beaumont  
depois de uma viagem de quatro dias atravez do

infinito, pelas regiões puras e livres do espaço, onde não ha fronteiras, nem estados, nem delimitações da vontade humana, nem leis, onde todos os heroes são iguaes em frente da sua aspiração immensa e em frente da morte!

Que vôo soberbo em pleno azul, pelos desertos inundados de luz etherea, onde os homens teem o deslumbramento de miragens desconhecidas e vertiginosas, de uma belleza extranha e colossal que a nossa imaginação difficilmente concebe, sentindo no organismo destinado a andar na terra, os fremitos ineditos do contacto com o elemento novo para o qual a selecção os não preparou ainda!... Triunphadores da altitude, sapadores arrojados e épicos de caminhos até agora interdictos á natureza humana, heroes da moderna Odyssea da sciencia e da liberdade!

Vem-me ao pensamento o bello desenho allegorico, de uma tragica oportunidade, que o celebre caricaturista francez Sem criou ha tempos : vogando na desolação de um ceu tempestuoso, um aeroplano solitario, cujas azas teem o aspecto de sudarios, cujo helice é formado por duas enormes foices, cujo aviador é o esqueleto symbolico, inclinando a fronte descarnada, olhando vorazmente o espaço com as orbitas vazias...

É a inimiga que os aventureiros do infinito encontram vulgarmente, o espectro que lhes surge, lá em cima, mais tarde ou mais cedo.

Qu'importa ? Nas immensas altitudes, tão longe



da terra, pairando em pleno sonho, como se devem sentir poderosos e soberbamente felizes, ainda que a sua gloria seja curta e acabe tantas vezes abruptamente com a queda fatal, com a morte fulminante!

Pequeninos pontos negros sulcando o espaço, apenas perceptíveis e porém tão grandes, os aviadores deixam atrás de si rastos de luz, symbolisam todas as correntes tradicionaes quebradas, a victoria da sciencia sobre os preconceitos, sobre as superstições, sobre a escravidão atavica, symbolisam o vôo triumphante do genio humano á conquista da justiça e da liberdade.

O cemiterio de Debdou e a aparatosa representação de Westminster são as sombras e os echos do passado que se afasta... Deixal-o ficar para traz, deixal-o afundar-se nas trevas dos seculos decorridos...

É bom levantar os olhos e vêr passar as fragéis embarcações aereas singrando o enorme oceano de luz e approximando-se a mais e mais das estrellas...



## Phantasmas

Na nossa memoria existem echos adormecidos que de repente accordam para repetir uma scena passada e esquecida, cordas que vibram inesperadamente, tocadas pela aza transparente de uma recordação e que nos fazem sorrir ou nos humedecem os olhos quando as fixamos um momento.

Scenas, figuras, paizagens, conversas, pequenos nadas, que mal nos prenderam a attenção, que nenhuma influencia tiveram na nossa vida e que se cravam na memoria mais tenazmente do que os acontecimentos graves e decisivos; fios tenuissimos de seda, quasi imperceptiveis, entrelaçando-se um aqui outro além, subtilmente fixados na rija trama das nossas existencias onde não se vêem senão de tempos a tempos, quando ao passar, por acaso, os fere o clarão de um reflexo.

Phantasmas que fluctuam, leves, ethereos, flo-

cosos como farrapos de nuvens... estrellas cadentes que atravessam o infinito da nossa alma... poeiras dançantes, luminosas e ephemeras no raio de sol que nos alumia... perfumes mortaes, voluptuosos ou castos que um dia nos envolveram durante segundos apenas... doces e vagas recordações de factos que o tempo idealiza, depura, crystalliza no cadinho da memoria e que de subito surgem transfigurados, revestidos de belleza, florindo-nos o pensamento como corollas milagrosas desabrochadas sob os nossos passos, attenuando-nos as agruras da marcha, embalsamando a atmospherica acre das realidades que nos oprimem, colorindo a triste perspectiva dos desenganos e das saudades.

Nascemos, soffremos, morremos; descrevemos a nossa orbita de penas e de prazeres, cumprimos o nosso mysterioso destino deixando atraz de nós uma obra concluida, ou um esforço apenas iniciado, uma aspiração... ás vezes só uma visão, um ideal sonhado, ou nada, a vacuidade... e passamos, mergulhamos na sombra, tendo sido fecundos ou estereis... (quem sabe?... e qu'importa?..)

Para muitos, porém, as horas melhores são aquellas em que, sentados n'uma encruzilhada da existencia, a descansar, vêem desfilar docemente as imagens do passado: divinas Tanagras guardadas, sem quasi o sabermos, no fundo da alma, e que de lá se evolam em certos momentos de vaga

melancholia, dansando á nossa volta rondas eurythmicas ao som de melodias esquecidas, dando-nos uma passageira e radiosa illusão de vivermos n'um mundo leve, inconsistente e encantador.

E não são as imagens magestosas ou tragicas ou dolorosas, ou ruidosamente alegres das horas vividas com intensidade, mas sim as *outras*, envoltas nas suas roupagens diaphanas, pallidas sombras ou reflexos irisados, fluctuando entre a realidade e a illusão, surgindo do negrume do esquecimento como ligeiras e amaveis aparições e n'elle se fundindo novamente, repousando a nossa razão inquieta do continuo decifrar de problemas, da obcecação das paixões persistentes, claras e deliciosamente futeis, jardins de sonho onde a imaginação se deleita, miragens que nos dão a fallaz e piedosa consolação das côres, das sombras, dos perfumes, dos fructos doirados e turgidós, das aguas crystallinas e cantantes... na aridez do deserto.

Quem não as conhece? Quem não as viu passar de mansinho durante os crepusculos do fim do dia, no intervallo que decorre entre as ultimas claridades do poente e o accender das luzes, visitantes dos solitarios ou dos que, rodeados de gente, sabem isolar-se um instante pelo espirito, entregando-se á magia do sonho?

Ricos ou pobres, trabalhadores ou ociosos, sabios ou ignorantes, bons ou maus, todos iguaes no momento de abandono em que os nervos se

distendem, em que desce sobre elles a graça infinita do repouso.

Seja qual tenha sido o seu destino, viajantes sedentarios, operarios de misteres violentos ou vigorosos trabalhadores da intelligencia, estudiosos, contemplativos, manejadores prosaicos de milhões, poetas ou simples camponezes curvados para a terra, quem não sentiu na sua alma, pelo menos uma vez, o roçar das azas divinas, tão leves, que nos transportam ás suaves regiões de um passado apenas entrevisto, pueril e encantador, onde nos é revelado um mundo differente e de onde nos vem a nostalgia de uma vaga e doce existencia que não foi a nossa?

Como accorda em nós essa reminiscencia?

Em que pontos perdidos do passado se apoia essa visão?

Procuramos entre as brumas da memoria, nos espaços mais longinquos e mais apagados, e por vezes não conseguimos descobrir a sua origem... e a imagem fluctua um momento em torno de nós com o prestigio do mysterio, como se viesse das profundidades ignoradas de uma turva preexistencia.

Se percorressemos o grande cyclo das vidas humanas, em nenhuma deixariamos de encontrar o momento delicioso que poisa sobre as almas com a misericordia de uma benção, de um perdão...

Na tranquillidade immensa do campo que pa-

rece recolher-se a meditar ao toque das Trindades, o cavador acaba de chegar a casa e senta-se no degrau da porta enrolando um cigarro, enquanto espera a ceia.

Ao seu lado, encostada á parede, a enxada, a gadanha ou a foicinha, representa a fadiga do dia inteiro sob a ardencia do sol que transforma a terra n'um brazido intenso onde as existencias humildes se consomem para produzir o oiro dos tri-gaes, a esmeralda dos pampanos, todas as riquezas e todas as abundancias que jorram como torrentes de vida a abastecer o mundo.

Na estrumeira defronte do cavador, cabriolam os filhos rotos e sujos, mostrando entre os farrapos, a rija nudez dos membros tismados. Dos lados da fonte chegam-lhe aos ouvidos as cantilenas, o papaguear e os risos das mulheres que foram encher os cantaros e que voltam depois carregadas, sombras difusas a mais e mais no crepusculo crescente, com o andar vagaroso, ondulante e o gesto biblico da Samaritana segurando á cabeça a amphora.

A casa não tem chaminé. Pelos intersticios das telhas escapa-se o fumo azulado da fogueira sobre a qual se prepara a ceia. E o fumo alastra, envolve a habitação: nuvem transparente, perfumada pelos acres e mysticos aromas das resinas queimadas.

O cavador sonha...

Que perfume subtil sóbe da terra, que fra-

gmento de melopeia se destaca entre as cantilenas das mulheres, para accordar assim na sua alma rude a reminiscencia de um fugitivo instante ha tantos annos esquecido?

O que estará elle fitando, n'um ponto longinquo e vago com o seu pobre olhar de animal inconsciente?

Uma tarde de verão... (ha tantos annos!) uma tarde de verão igual a esta. Na fonte. Uma figura esbelta de mulher... (Perfeita rapariga, benza-a Deus! Fresca e linda que nem uma flôr de romeira!) Que geito ella deu ao corpo, a damnada, quando poisou o cantaro no boccál do poço!... O que lhe disse elle? Nem se lembra... Um rude galanteio onde explodiu o seu desejo como os foguetes *de vistas* rebentam lá em cima no escuro, durante as noites de arraial.

Ella respondeu-lhe com uma gargalhada de troça; mas demorou-se ainda a sacudir n'um movimento brusco o cantaro afim de fazer saltar para fóra o liquido que trepára demais pelo gargalo acima... a acariciar com as mãos trigueiras o bojo frio e molhado da vasilha, para escorrer bem a agua... E depois, afastou-se devagar, pela azinhaga, entre as sébes altas de piteiras e de silvas, toda cingida no chale que lhe desenhava as formas...

Que era feito d'ella? Não sabia. Fôra servir para Lisboa e esquecera-a. Nunca se lembrára de perguntar a ninguem... Não se importára mais...



« Anda cear, Manel! » grita-lhe lá de dentro a mulher collocando em cima da meza o tacho fumegante.

E o homem levanta-se bruscamente como se accordasse em sobresalto.

Percebe que tem fome; installa-se com prazer deante das couves cosidas e da grossa fatia de pão de milho. Falla do tempo, da courelasita que traz de renda e que a mulher andou regando...

O sonho esvaiu-se, fugiu sem deixar vestigios. Mas por elle a natureza boçal do cavador foi um momento inundada como por um balsamo; a visão passou, mas ao passar tocou ao de leve na alma simples e bruta com as azas milagrosas do ideal...

Recoitada n'uma poltrona do *boudoir* Luiz XV, a mulher do banqueiro em voga, descança da sua recepção.

Acabam de sahir as ultimas visitas.

Está pensativa; deixou-se envolver a pouco e pouco pela doçura da hora crepuscular que fluctua misturando-se aos perfumes do ambiente.

A brisa faz ondular levemente as cortinas de renda, traz pelas janellas abertas o ruido confuso dos Campos Elysios por onde vem descendo a onda das carruagens e automoveis de luxo de volta do bosque de Bolonha. A illuminação publica alinha já as correntezas de luzes dos dois lados da magestosa avenida, scintilla com a pallida claridade lunar nos arcos voltaicos. Os globos

luminosos á entrada dos cafés-concertos mostram, entre a verdura do arvoredo, os seus desenhos caprichosos. O sussurro das vozes, o grito dos vendedores de jornaes, o rodar continuo dos vehiculos, as sereias dos automoveis, sobem fundindo-se n'um só ruido que se póde comparar ao do oceano e que se envolve no perfume subtil de Paris... esse perfume indiscriptivel e capitoso, feito de miseria e de esplendor, de labor fecundo e de loucura, dotado como os abysmos, do mais perigoso poder de attracção.

O crepusculo augmenta.

Lá em cima, o clarão moribundo do dia abraza o ceu de purpuras fazendo um fundo de imperial aparato ao Arco da Estrella, cuja silhueta grandiosa se recorta como um symbolo de gloria e de deslumbramento, desprendido da terra n'uma apothese.

A mulher do banqueiro olha em volta de si sem vêr os objectos que a cercam...

Os contornos dos moveis que teem a fragil gracilidade da época de decadencia que representam, descrevem na penumbra, vagamente, as curvas irregulares das suas linhas; torcem em espiraes os ornatos doirados, desenham as conchas, as plumas, as palmas, os moldes caprichosos do seu estylo pretencioso; sob a lacca dos paineis surgem as sedas sumptuosas e tufadas das saias das marquezas de altos penteados entremeados de pedrarias, os bastões enfitados das amaneiradas

pastoras de Wateau. Os medalhões de porcelana incrustados em madeiras raras recortadas de embutidos multicolores, abrem nas paredes ovas de claridade...

A mulher do banqueiro sonha.

Ha tantos annos!... no tempo em que era pobre, em que era *gentinha*...

Porque pensa n'estas coisas?

Foi uma canção de *boulevard* gritada lá em baixo no passeio por uma voz rouca de *camelot*, que lhe veio accordar um écho profundamente adormecido na memoria.

A tarde de um domingo de primavera...

Quantos annos teria então? Oito? Dez?

Assistira de manhã ao casamento de uma prima; e de tarde tinham ido todos merendar a um restaurante do Vesinet, e depois passeiar e divertir-se na floresta de S.<sup>t</sup> Germain.

Bebera Champagne e não estava costumada; na sua cabecinha precoce de garota parisiense, tudo que a cercava lhe apparecia n'um glorioso nimbo de alegria exuberante, de felicidade perfeita.

Como a floresta cheirava bem! Como era divertido ver os saltos dos esquilos nos troncos das arvores muito verdes, muito verdes... cheias de raios de sol que desciam atravessando a filigrana das ramarias como espadas de oiro! E como toda aquella gente estava bem vestida e enfeitada! Como os olhos luziam depois da merenda! Fala-

torio, risadas, jogos, correrias... E os noivos sempre a esconderem-se e ella a procural-os sempre (n'uma curiosidade infantil onde apontava já talvez qualquer coisa da perversidade presente), surprehendendo-os a cada momento enlaçados e com as boccas unidas...

.....

Sobre o contador, o relógio de bronze doirado faz ouvir o ritornello de Couperain que precede as badaladas do seu timbre atrevido e crystallino annunciando a hora.

A mulher do banqueiro estende o braço, dá volta ao botão da luz electrica; e o aposento inunda-se de claridade.

O sonho dissipa-se instantaneamente da alma d'aquella mulher onde n'este momento só ha lugar para um pensamento: ir vestir-se para o jantar na embaixada da Russia.

O sonho dissipara-se... No entanto as suas azas milagrosas tinham feito passar um segundo no espirito da mundana linda, millionaria, adulada e tristemente insensivel, a imagem da creancinha simples e sincera que ella fôra antes de conhecer a maldade dos homens e de aprender com elles a vida...

Mais do que os outros, os que viajam muito estão sujeitos a estas visões que lhes trazem reminiscencias de paizagens apenas entrevistas, de perspectivas de cidades atravessadas a correr,

pequenos factos, personagens insignificantes, aspectos que a imaginação decora e povôa, que a phantasia illumina e que ficam depois estampados na memoria com a suavidade de gravuras antigas a buril, de um delicioso claro-escuro, de uma infinita delicadeza de traços.

Podemos esquecel-as, nunca pensar n'ellas, não as recordar nas nossas conversas, nas nossas descrições, enthusiasmarmo-nos por outras imagens mais positivas, longamente analysadas, admiradas, estudadas... não importa! Os phantasmas persistem, não morrem, não desaparecem. Um perfume, um compasso de musica, uma impressão vagamente parecida que venha ferir de relance a nossa retina... e eis-os ahi vivos e encantadores, surgindo a povoar a nossa imaginação e o nosso isolamento.

As outras imagens, as reaes, as verdadeiras, são mais depressa as companheiras das horas movimentadas, activas e palpitantes de vida. Possuimol-as bem; falamos d'ellas sem receio, certos de que existiram de que passaram por nós.

Os phantasmas incolores das reminiscencias vagas, aureolados pela nossa phantasia, são mais discretos, não se apresentam a nós senão em certos momentos de leve apathia. Proximos parentes dos sonhos que desenrolam as suas phantasmagorias enquanto dormimos, não são porém as horas de repouso absoluto que elles escolhem para

nos visitar, mas não são também as de actividade cerebral.

Apparecem-nos de preferencia nas horas intermedias entre o somno profundo e a plena lucidez dos sentidos. São creaturas de crepusculo todas feitas de meios tons; a claridade do dia afugenta-as, assim como as trevas da noite; não habitam entre as realidades da vida nem se comprazem nas regiões ethereas da pura phantasia.

Teem um pé na verdade e outro na illusão; e a sua existencia é como um reflexo da primeira e uma projecção da segunda. D'ahi o seu ar brumoso, indeciso, e no emtanto verdadeiro, que nos dá ao contempla-las uma impressão de confiança e ao mesmo tempo um sentimento de duvida.

Impressão?... Sentimento?... Não. A sombra d'uma impressão, o echo de um sentimento apenas, porque não poisam na nossa alma, não pesam no nosso pensar. Passam, roçando-nos ligeiramente com as pontas das roupagens leves e fluctuantes, dando-nos a sensação fugitiva de um contacto macio, assetinado como a aza de uma andorinha que nos tocasse na rapidez do seu vôo escorregadio, e logo fugisse para longe...

Hontem, voltava eu para casa á noitinha, depois de um longo passeio a pé.

A atmospheria parada; não havia brisa.

Os jardins exhalavam perfumes de primavera. Os candieiros da illuminação publica ainda não

estavam accesos, e do poente espalhava-se uma claridade de mysterio, envolvendo todas as coisas n'um halo violeta esbatido.

Eu vinha andando devagar, olhando para a frente, e os transeuntes appareciam-me a mais e mais como sombras, de feições indistinctas, de contornos turvos, rodeados pelo crepusculo calmo de um entardecer immovel de sonho.

Passou por mim uma creança vestida de preto. Uma rapariguita de oito annos talvez, sem nada na cabeça e muito loira...

Um vulto apenas; mal distingui o rosto; e ella passou por mim, cantarolando, sem me ver.

Que poder de evocação se evolou n'aquelle instante da sua figurinha fragil?

Voltei-me, segui-a um momento com a vista enquanto se afastava na perspectiva da rua, entre as alas, de jardins gradeados, fundindo-se em breve na sombra...

Não era a primeira vez que eu a via... Mas onde? Quando? Em que circumstancias insignificantes e esquecidas? A que factos, a que momento da minha vida se ligáva o pequeno vulto que passára?...

A pouco e pouco, do fundo da memoria, foi-se levantando a reminiscencia, a principio turva, confusa, depois cada vez mais nitida... Não era aquella creança que eu vira... Era uma parecida, vestida de preto tambem e loira como ella, mas n'um paiz longinquo, respirando outra atmospherá,

movendo-se n'outro ambiente, illuminada por outra luz. . .

Foi em Sevilha; na *gare* de Sevilha; á noite. Revejo agora o clárão livido da luz electrica illuminando o interior banal da *gare*, com as armações de ferro arredondando-se em arcos a sustentar a cobertura sonora, as paredes sujas e altas onde se espalmam os cartazes multicolores. . . A azafama crescente dos viajantes á medida que a hora avança, correndo, gritando, gesticulando; e entre elles o rodar pesado dos carros empurrados a braços e carregados de malas. . . O estribilho monotonico do alugador de almofadas, o grito do vendedor de jornaes, de farneis, de bebidas. . . O estendal do pequeno livreiro exhibindo na capa de edições baratas e profusamente coloridas, os titulos sensacionaes de romances escabrosos. . . A atmosphaera turva de fumo, manchando tudo, impregnada de cheiro a carvão e a azeite, cortada pelo silvo estridulo e affilictivo das locomotivas impacientes na sua immobilidade, soprando jactos de vapor n'um rosfolegar violento de cavallos fozosos anciosos por devorarem o espaço. . .

Escolho um compartimento vazio; installo-me no meu canto.

Segundo toque.

O movimento redobra. Chegam retardatarios em correrias desenfreadas; toda a *gare* palpita da vida intensa e louca dos ultimos momentos, vida



ephemera que a locomotiva ao partir parece levar comsigo, deixando atraz um subito silencio, o entorpecimento ensomnado e monotono dos empregados occupando-se dos seus mistéres, vagarosamente, na plataforma deserta, que de repente parece muito maior, atravessando de lanterna na mão a linha negra de carvão onde a luz electrica estende sobre os rails polidos longas fachas phosphorescentes que vão sumir-se lá fóra no escuro...

Terceiro toque.

Á portinhola do meu compartimento apparece a cabeça de um revisor que logo se descobre pedindo-me na lingua de Cervantes (que tão soberbamente modula as expressões de cortezia) para eu permittir que na minha companhia e sob a minha protecção, siga até Madrid uma pobre orphã...

E rapidamente, porque o tempo foge e o comboio yae partir, explica-me:

Uma pobre orphã de pae e mãe. O pae, fogueiro, fôra esmagado havia dois dias entre a locomotiva e o primeiro wagon... A mãe fugira, pouco depois da pequena nascer, com um toireiro e depois... morrera no hospital. Havia uns tios em Madrid, gente de theatro *mas muito respeitaveis*, que promettiam encarregar-se da creança... Estariam lá á espera na gare... Se eu quizesse levar a pobre orphã commigo, seria uma caridade e não me incommodaria; era: «*tan poquita cosa!*»

O silvo do comboio annunciando a partida interrompeu o revisor.

Mal tive tempo de dizer que sim.

A portinhola fechou-se e o homem desapareceu atirando-me com uma d'aquellas benções andaluzas, vehementes e expressivas, que nos promettem todas as glórias do paraizo.

E eu vi defronte de mim uma pequenita de oito annos talvez, vestida de preto, com um saquinho de roupa na mão, e uns grandes olhos negros e selvagens que me fitavam com assombro e desconfiança.

Nem chapeu, nem lenço, nem mantilha sobre os cabellos encaracolados, de um loiro doirado e quente, apanhados na nuca n'um rolo atrevido onde se prendia um ramo de frescas e perfumadas violetas...

Era linda, airoza, cheia de graça.

Sorri-lhe, quiz acaricial-a, fiz-lhe algumas perguntas... Mas retirou da minha a mãosita fria, não acceitou o *plaid* que eu tentava repartir com ella, e respondeu-me por monosyllabos curtos e duros, com os olhos enxutos, um ar de desafio como quem não me quizesse dar a confiança de reconhecer o meu favor, e um traço de desdem ao canto da bocca vermelha que me fazia pensar nos rubis saborosos das romãs da sua terra.

Compreendi que o melhor modo de a conquistar seria affectar por meu turno o desprezo e a indiferença, tendo ella, como todos os seus patricios, a necessidade innata de vencer obstaculos e de provocar admirações difficeis.

Veiu sentar-se ao meu lado e dentro em pouco as perguntas fervilhavam:

Se eu não tinha medo de viajar sósinha, se não deixara algum namorado na minha terra, se já vira em todo o mundo paiz mais lindo que a Andaluzia ou *bailes* mais famosos que os de Sevilha...

Falou-me por alto da morte do pae: «*pobresito que tuvo una muerte tan disgraciada. . .*»

Um suspiro, um revirar de olhos compungido, e logo me declarou a sua pena de não poder agora, de luto, usar no cabello senão violetas...

Chegou a hora da ceia e abri o meu cesto de farnel que tive o cuidado de não lhe offerecer porque não acceitaria, mas que puz ao seu alcance sem uma palavra nem um gesto de convite.

O meu estratagema foi coroado de successo.

Dentro em pouco vi a minha companheira devorar sem cerimonia *sandwiches*, pasteis, doces, fructa...

Deitei um pouco de Malaga n'um copo que puz sobre a tampa do cesto, correndo o risco de o vêr entornar-se com a trepidação do comboio.

«*Com permisso de usted.*» disse a pequena immediatamente estendendo a mão para o copo.

E no mesmo instante o levou á bocca e o despejou.

Poucos minutos depois o vinho subia-lhe á cabeça. Não estava decerto costumada, e bem

pouco bastára para lhe fazer perder o equilibrio (tão instavel) do pobre cerebro desamparado.

Falava, falava... ria, cantava, dançava...

A graça felina, perversa e seductora da mulher andaluza, brilhava-lhe nos olhos negros como a lua brilha no fundo de um poço com reflexos mysteriosos e encantadores. E a sua alma de passaro, leve, dançante, irisada e flexivel, futil como uma petala que esvoaça ou uma pena que o vento leva, brilhante, pueril e fanfarrona, fragil e caprichosa, agitava-se, fluctuava em torno de mim, consubstanciando os aspectos variados, deliciosos e perturbadores, que me tinham impressionado durante uns poucos de dias na terra da Giralda, do Alcazer e dos *bailes*...

Sabia tudo; os seus oito annos eram instruidos de todas as verdades, de todas as malicias que a vida costuma ensinar mais tarde; o pequeno coração ainda por formar tinha já a sciencia dos vicios futuros; e toda ella me parecia na sua gracilidade semelhante á frecha que se appoia no arco tendido, toda fremente, prestes a partir para o alvo de perdição...

E acabou por adormecer profundamente, n'um abandono de pequena bacchante exhausta, o cabello solto, o fato em desalinho, miniatura de hetaíra predestinada ás orgias, n'um sonho precursor de turvas loucuras...

Curvei-me para ella, compuz-lhe o vestido e o penteado, cobri-a com o *pleid*, aconcheguei-lhe a

pobre cabecinha na almofada, e com os olhos humidos e o coração confrangido como se estivesse procedendo á sua ultima *toilette*, dei-lhe na testa um beijo maternal e piedoso como talvez ella nunca tivesse recebido...

De madrugada chegámos a Madrid. A pequenita accordou fresca e linda como um alvorecer de primavera, e entreguei-a ao homem que veiu ao seu encontro e que ella reconheceu: uma figura equivoca, entre toireiro e actor, com ademanes fidalgos de melodrama e collarinho sujo...

Já lá vão dez annos!

Pobre florsita andaluza! Em que *bailes* dançará a esta hora a dança fatal do seu triste destino?

.....

E bastou um crepusculo tranquillo ao entardecer e uma creança loira vestida de preto que passou por mim a cantarolar, para fazer reviver a imagem esquecida, o doce claro escuro da gravura antiga a buril, quasi apagada na minha memoria.



## Contrastes

Lembro-me de uma impressão que tive no anno passado ao folhear um numero da «Illustration»...

Lembro-me que ao chegar ao fim, fechei a revista com o coração apertado pela angustia, como se o espirito das trevas (o espirito obscuro e terrivel que paira inquieto sobre a inconsciencia dos tempos modernos) se tivesse evocado de entre as folhas do papel assetinado coberto de excellentes gravuras, desenhos de bons artistas, artigos firmados pelos principes das lettras francezas...

O bafo tepido e amargo da injustiça humana, o halito febril da miseria oppressa e revoltada, batera-me no rosto como a ventania de uma noite de tempestade irrompendo no aposento confortavel, por uma janella repentinamente aberta...

Encantada pelos versos primorosos de Rostand

glorificando na sua linguagem de harmonia as conquistas e os heroismos da aviação franceza, com o cerebro ainda vibrante do divino canto de entusiasmo e de esperança, prendeu-se-me a attenção á pagina central onde o lapis de Simont fixara um aspecto da representação ao ar livre da «Aventurière» no parque de Maisons Lafitte, pela prestigiosa companhia da Comédia Franceza. Ao fundo, em scena, o delicioso vulto do Cecile Sorel, destacando-se na soberba decoração inundada pela claridade verdadeira que descia de um ceu transparente e era coada por um arvoredado de filigranas subtis, inclinando-se e recortando-se com a gracilidade das ramarias de Corot.

Depois, a mancha clara da multidão elegante installada na improvisada plateia... E no primeiro plano um grupo de mundanos exhibindo com a naturalidade de aves brilhantemente emplumadas, òs requintes da moda; as mulheres cingidas nas saias estreitas, de cinturas curtas e pescoços nús, com os grandes chapéus coroados de flores e as longas mantas de tecidos leves e flexiveis lançadas sobre os hombros como farrapos de nuvens, fazendo as suas figuras resurgir-nos no pensamento as visões extravagantes das *Incriveis* do Directorio... E os homens perdidos na largura dos jaquetões e das calças que pareciam feitos para outras pessoas, com os chapéus postos para traz, as caras rapadas, os gestos affectados, um todo de Pierrots modificados um pouco ao gosto do dia...



A pagina inteira de Simont rescendia a vida scintillante e afortunada d'aquelles privilegiados da sorte, que passam a existencia no seio da mais requintada civilização do mundo.

Não ha creaturas que mais solidamente possum o talisman precioso da felicidade facil e pueril do que os francezes do mundo elegante. O prazer tem o condão de os arrastar de sensação em sensação, aflorando-os apenas como uma caricia de ephemera volupia, sem nunca ser vencido pelo aborrecimento nem perturbado pela sombra melancholica da meditação.

O seu perfeito contentamento da vida é tão estupefacante, que ao vel-os, ao ouvil-os, pergunto por vezes a mim mesma se não estarão continuamente representando; se depois, sósinhos em sua casa, não terão horas negras, duvidas, inquietações, dores, cuidados, como o resto dos mortaes. Mas logo esta suspeita é dissipada se os fixo um momento; nas suas pupilas dançantes apparece-me a chama vivaz da futilidade, flôr de inconsciencia que tão claramente me explica a sua invejavel bemaventurança...

Voltei a pagina e o ceu escureceu...

Tinha defronte de mim a miseria russa.

As doenças phisicas e moraes, as taras, o alcoolismo, a epidemia, a immundicie, a ignorancia, o fatalismo alvar, a exaltação morbida dos martyres, o soffrimento, a dôr, a injustiça, toda a

lama, toda a podridão, toda a enorme e lancinante desgraça pintada pelos ardentes apóstolos da verdade: Dostoiewsky, Tolstoï, Gorki, me appareceu de subito documentada pela photographia, pelo relatorio official, pela crueza inexoravel das estatisticas.

Percorri com um estremecimento de compaixão e de horror as notas eloquentes do Dr. Buizard, enviado pelo governo francez ao imperio dos tzares para ahi estudar as epidemias de cholera.

O theatro ao ar livre de Maisons Laffitte desvaneceu-se da minha memoria como a illusão optica de uma miragem.

O inferno dos *traktirs*, das casas de operarios, dos refugios nocturnos, dos immundos albergues onde vegeta a miseravel população de trabalhadores, de vagabundos, de parias, na mais repulsiva falta de asseio, na mais abjecta promiscuidade, passou-me defronte dos olhos, emquanto a memoria me repetia os echos de antigas leituras: as prisões, a Siberia dos deportados, a immoralidade dos julgamentos, as perseguições, a condição dos camponezes entre os quaes a abolição da servidão pouco ou nada melhorou a sorte cavada pela ignorancia, pela desconfiança e pelo medo, reduzindo a uma profunda bestialidade milhares de entes humanos.

E admirei-me de ter podido, momentos antes, demorar o pensamento na decifração do cerebro da *gente que se diverte*, quando essa gente consti-

tue uma percentagem tão diminuta e tão insignificante da humanidade. E via-a agora, sob o seu verdadeiro aspecto: uma gotta de agua inutil, dançante no fundo da pequena taça do prazer, tirada ás ondas tumultuosas e eternamente torturadas do mar sem fim e sem repouso da immensa miseria humana.

D'estes espectaculos de agonia, o meu pensamento voltou por uma reacção natural ao pequeno nucleo de privilegiados a que se dá o nome de *sociedade*. Mas não era já na élite mundana representada pelo lapis de Simont, que eu pensava; não era nos elegantes escolhidos pela sorte, aos quaes o destino marcou os melhores logares e que vivem, como flores raras e delicadas, fructos de uma longa selecção, no meio de um luxo verdadeiro e requintado.

Não era n'essa élite que eu pensava, n'essa élite de cujo seio brotaram as Côrtes de amor, as flôres da Renascença florentina, as reuniões de Rambouillet, os altivos heroismos dos martyres de 93, e tantos outros prodigios; mas sim na turba inquieta que se agita em torno d'essas constellações e que passa a existencia n'uma lucta sordida para conseguir imital-as, reivindicando o nome de *sociedade* e sem elementos de aprofundar a natureza dos seus modelos, mediocres em tudo, incapazes de comprehensão e contentando-se com as exterioridades.

Figurantes de uma vida que não pôde ser a sua, sem dinheiro para a representação do luxo que exhibem, sem educação nem conhecimentos para o espirito e para o gosto que querem e julgam ter, sem qualidades para a nobreza de alma de que tentam revestir-se, seres inuteis e muitas vezes nocivos, collocados em eminencias onde o exemplo a dar é um dever mas onde as multidões modernas cada vez mais esclarecidas, vêem em lugar de virtudes, vicios, em lugar de grandeza, mesquinhez, em lugar de convicções, mentira e cynismo.

Pensava sobretudo no elemento feminino d'essa *sociedade* que tem a sua séde nos grandes centros e que se reproduz, sempre renascente como a grama, nas pequenas cidades de provincia, augmentando as suas absurdas pretensões na razão inversa do seu valor real.

Passavam deante da minha imaginação, processionalmente, as longas theorias das *senhoras da sociedade*, e moviam-se em interminaveis linhas sinuosas dentro de um circulo sempre o mesmo, n'um entorpecimento de somnambulismo, embriagadas com o hachich da lisonja, da adulação, da intriga, da ambição e da vaedade.

Vinham-me á idéa coisas antigas... Um dia quando eu era ainda muito nova, um velho amigo meu, ao ver o entusiasmo com que eu falava de certas senhoras que n'um baile me tinham deslumbrado pelo seu vestuario, pelas suas joias,

pelo seu porte de rainhas e sobretudo pela côrte de adutores que as cercava, disse-me com melancholia:

«Se tu soubesses como elles as desprezam!»

O sentido d'esta phrase escapou ao meu entendimento pouco perspicaz de então: só muito mais tarde, muito mais tarde, o comprehendí.

Lisonja, adulação, intriga, ambição, vaidade...

Pobres *senhoras da sociedade!* Não podem ser felizes senão sob a acção d'estes narcoticos. Não podem ser felizes senão arrastadas no turbilhão de mentiras que as leva aos pequenos triumphos contestaveis de onde tiram tanto orgulho.

O dia que não traga ao seu insaciavel appetite de prazer, o *tea*, a recepção, o *flirt*, o espectáculo, o baile, o jogo, o torneio de equivococ ditos de espirito ao qual os mais nobres e puros sentimentos são sacrificados, o pretexto de exhibirem um vestido ou um chapéu, a occasião de excitarem a inveja das outras mulheres ou o desejo dos homens... esse dia cahe sobre ellas como um infortunio.

Passam a vida a lutar contra o seu terrivel inimigo, o Aborrecimento, esse dragão de mil cabeças sempre renascentes, que não sabem nem podem vencer sosinhas e contra o qual precisam do incessante auxilio dos extranhos, dos indifferentes. Para obterem esse auxilio sujeitam-se a humilhações e a vergonhas que acabam por não perceber; que batem sobre a sua sensibilidade

calejada sem a ferir. Sujeitam-se a tudo; perdem a noção do brio, da dignidade; sophismam a moral, a religião, seja o que for que se erga no seu caminho e as separe dos *outros*. . . d'esses *outros* com quem se não importam mas de quem precisam desesperadamente para se livrarem do Aborrecimento, que de dia para dia, de anno para anno, as ameaça com mais obstinação.

As primeiras rugas que apparecem nos seus rostos cançados, veem acompanhadas de uma indizível agonia contra a qual em vão se debatem na defeza da sua formosura e da sua mocidade. E a inclemente passagem do tempo vence-as, inflingindo-lhes uma velhice quasi sempre ridicula e torturada, que lhes traz o calice das desillusões e das incuraveis nostalgias.

Quando não se refugiam nos excessos de praticas religiosas que as consolam com os philtros embrutecedores da superstição e da idolatria, tornam-se a presa do Monstro cujos rigores evitaram tanto tempo a troco de holocaustos penosos; porque, na *sociedade* de que falo, sobre todas as coisas que envelhecem e se tornam desagradaveis, sobre a fealdade, a ruina, a doença, a velhice, a solidão e a dôr, é lei deitar-se o sudario da indiferença e fechar-se o caixão do esquecimento.

Ao cobrirem-se de cabellos brancos, as suas pobres cabeças ôcas não terão a aureola bemdita da indulgencia, da bondade e do amor, as tres flores da alma que, durante a vida, com mais cui-

dados devemos cultivar, na previsão dos ineffaveis aromas com que mais tarde embalsamarão a nossa descida para a terra.

Nos seus corações onde a frivolidade e o egoismo seccaram todas as seivas proveitosas, nos cerebros estiolados mantidos sob o dominio absoluto dos nervos, crescerão as plantas damninhas: o azedume, a amargura, o septicismo, a inveja, o rancôr, parasitas da alma, cuja vegetação ramalhuda, intrincada e bravia, lhes embargará a vista do ceu e as privará da communhão divina com a luz...

Estou reconhecida ao destino que me impoz o trabalho como um dever e uma necessidade; o trabalho é o grande regulador das energias humanas; é o melhor disciplinador do cerebro; canaliza as nossas forças para um fim que sabemos util por muito modesto que seja, e concede-nos as alternativas de applicação e de repouso, bemdito movimento de fluxo e de refluxo, tão indispensavel ao equilibrio da alma como a regularidade da respiração é indispensavel ao equilibrio do corpo.

Estou reconhecida tambem ao destino por não ter permittido que a minha vida fosse restringida a um meio sempre o mesmo, por me ter feito conhecer de perto circulos bem differentes, conservando o meu espirito livre de qualquer parcialidade, dando-me a liberdade de poder comparar e julgar.

Ha certos viajantes que dão a volta ao mundo passando dos grandes transatlanticos de luxo para os compartimentos reservados de primeira classe nos comboios, pernoitando em hotéis faustosos e tendo sempre nos theatros e em toda a parte os melhores logares; ha outros que a miseria conduz de porão em porão, de *fourgon* em *fourgon*, de estrebaria em estrebaria, arrastando-os por todas as lamas. Nem uns nem outros vêem o mundo que percorrem, senão de um modo imperfeito, atravez de lentes especiaes fixadas pela sorte deante dos seus olhos e decompondo em frente da sua razão o aspecto verdadeiro de todas as coisas. As condições da minha vida teem-me permittido viajar com os primeiros e com os segundos, alternadamente; e tambem com os outros, com os mediocres, os que se conservam entre duas aguas, olhando para os privilegiados como quem olha para o sol, e olhando para os miseraveis como quem olha para uma estrumeira.

Hoje aqui, amanhã muito longe, demorando-me nos pontos percorridos o bastante para me impregnar dos seus ambientes respectivos mas sem criar raizes em nenhum d'elles, atormentada por um desejo ardente e constante de verdade e de luz, tenho momentos em que me parece vê-los a todos, como o caminhante chegado ao alto de uma collina pode vêr na varzea as culturas diversas, fundindo os seus verdes variados n'um conjuncto de harmonia; o caminhante vê os humildes



e rasteiros prados de trevo, os abundantes trigaes, as tristes charnecas e as vinhas productoras da alegria e da loucura, cada qual com a sua utilidade, e todas necessarias, obedecendo o seu desenvolvimento e a sua decadencia, não á vontade do homem, mas sim á fatalidade da evolução que nos arrasta...

Recapitulo n'este momento as minhas impressões de quatro mezes de inverno durante os quaes, habitando a ilha da Madeira, presenciei a passagem do cholera.

O clima é privilegiado, a terra clemente; a miseria não se póde comparar á grande miseria da Russia. No emtanto vi e senti o bastante para comprehender muitas coisas dolorosas e crueis, e tambem para ter a deslumbrante miragem das virtudes e dos heroismos que, nas horas tragicas, rompem as trevas do infortunio, illuminando-o com o seu fugitivo e divino clarão.

Havia já algumas semanas que se espalhavam uns certos boatos: um vapor, vindo da America, escondera o flagello que os seus flancos encerravam; entregara a umas lavadeiras de um bairro afastado, algumas roupas infectadas do terrivel microbio... Multiplicavam-se os casos de doenças intestinaes com symptomas a mais e mais alarmantes...

Um dia uma mulher cahiu na rua, fulminada pelo mal cujo nome se murmurava ainda a medo,

e a noticia espalhou-se de repente levando comsi-go o panico.

Antes de saber o que se passava, sahi de casa n'esse dia e encontrei logo um visinho a quem estendi a mão como de costume; porém, não se aproximou.

«Não me toque!» disse elle muito pallido «Vemho agora lá de baixo. O cholera está officialmente declarado.»

O meu primeiro pensamento foi mandar os meus filhos para Lisboa.

Dirigi-me á agencia dos vapores.

De um dia para o outro o aspecto da cidade transformara-se por completo. As ruas desertas; os estabelecimentos quasi todos fechados.

Os raros transeuntes tinham um ar taciturno, preocupado.

Ao dobrar uma esquina encontrei tres macas dirigindo-se para o Lazareto, acompanhadas por um policia; e mais adeante, á porta de uma casa, a padiola funebre sobre a qual é costume levar os caixões.

Na agencia disseram-me que, em vista da declaração official da epidemia, os vapores esperados não tocariam no porto, e os que tocassem não receberiam passageiros nem carga.

Voltei para casa muito inquieta, oppressa por uma angustia que as ruas desertas augmentavam.

Mandei chamar o medico, li as theorias de Metchnikoff sobre o contagio do cholera e fiquei

mais tranquilla. Compreendi que usando de prudencia e de sangue frio, o perigo não era grande. Organizei a defeza da minha casa o melhor que me foi possível; era preciso não perder a cabeça, inspirar confiança aos que me cercavam e cumprir o meu dever serenamente e com perseverança.

E os dias foram correndo. Entretanto as desgraçadas condições da ilha peoravam de momento para momento.

A cidade é cosmopolita e vive sobretudo da continua passagem dos estrangeiros. O porto deserto era a ruina do commercio, a miseria negra de toda a população da praia, barqueiros, arrais, carregadores, vendedores ambulantes, mergulhadores...

A gente do campo chegava ao mercado carregada com os productos da sua industria e o negocio era desgraçado: ninguem comprava hortaliças, fructas nem legumes.

Todos os dias o povo recalcitrante ás prevenções prophylacticas, fechado na escuridão da sua ignorancia profunda, contribuia com mais victimas para a voracidade do flagello. E á medida que este crescia, alastrando pelas camadas baixas onde a falta de asseio e a obstinação contra a sciencia, lhe davam largo pasto, a desconfiança e a superstição desenvolviam-se de um modo assustador, como succede sempre entre os cerebros obscuros, inacessiveis aos conhecimentos mais elementares,

onde o inexplicavel passa logo a ter fóros de sobrenatural.

Formulavam-se na consciencia popular turvos problemas que as paixões de alguns mais cultos tratavam de explorar miseravelmente:

Porque seriam os ricos poupados e só os pobres cahiam, feridos pelo mal mysterioso?

Sem duvida, eram maldições, *sortes*, *olhados*, lançados pelos poderosos sobre os humildes com medo de que estes, tão numerosos, acabassem por comer a sua parte dos bens da terra; E d'ahi? Deixar-se-hiam assim matar como carneiros, sem se defender, sem se vingar?

Alguns padres, nos pulpitos, diziam que o cholera era uma das pragas que Deus destinára ao povo portuguez por acceitar a republica, a expulsão das congregações e as affrontas á Egreja.

Fosse o que fosse, o mal vinha dos grandes, dos ricos.

Os medicos passaram a ser encarados como agentes de ruina e de morte. Nos campos, eram perseguidos e maltratados, as pharmacias destruidas, os hospitaes de isolamento saqueados, os doentes transportados para longe, escondidos entre o matto, mettidos em moinhos velhos e abandonados...

O Lazareto representava um lugar de perdição onde os enfermos morriam assassinados, onde se realizavam atrocidades sem nome.

Quando apparecia um caso suspeito, a familia

encobria-o, tratava de curar o doente com fumos de ervas aromaticas de virtudes conhecidas, ou com rezas e sortilegios.

A gente do mar acabrunhada, sem trabalho e sem pão, começou por passar os dias encostada ao parapeito do caes com os olhos apathicos fitos no porto deserto. Depois, acossada pela fome, reuniu-se em grupos, exaltou-se, fez manifestações de hostilidade contra as autoridades.

E as autoridades arrebanharam os desgraçados aos cinquenta, aos cem, aos duzentos, encarregaram-n'os da limpeza da cidade, dos serviços de desinfecção, do transporte dos doentes e dos mortos, do policiamento das ruas porque os agentes eram poucos.

E deu-se um facto muito curioso e que me encheu de profunda satisfação: aquelles maltrapilhos sujos, miseraveis e mal encarados que dias antes encontravamos com expressões aterroradoras de odio e em cada um dos quaes sentiamos um inimigo, apenas o trabalho os disciplinou, apenas perceberam a responsabilidade que tomavam e a confiança que n'elles era depositada, transformaram-se n'um regimento ordenado e fiel, cumpridor do seu dever perigoso e arduo, sem uma queixa, sem uma revolta.

Ah! a grande alma docil, generosa e forte do povo portuguez, tão desprezada, de quantos prodigios seria capaz se uns braços confiantes se estendessem para ella, se uma piedosa mão a guiasse!

O flagello continuava.

Dos campos vinham noticias aterradoras. A superstição e o medo, ao serviço dos interesses lesados pelas medidas prophylacticas, desencadeavam paixões bestiaes. Temia-se a todos os instantes uma invasão de hordas selvagens inundando a cidade, destruindo tudo.

O regimento, recrutado entre os camponezes do districto, não inspirava confiança. Se a invasão tivesse lugar, voltar-se-hiam para os invasores, contra nós. Davam-se repetidas revoltas no quartel, logo abafadas, e varias deserções; estas noticias, que as autoridades tentavam esconder, filtravam até ao conhecimento do publico, tornadas mais inquietadoras pelo prestigio do mysterio.

Da metropole, nada! Nem dinheiro, nem reforços, nem os desinfectantes pedidos. Passavam-se dias e semanas sem que um vapor ancorasse no porto.

Estavamos isolados no meio do Atlantico, desamparados, sósinhos com o nosso mal e com as nossas inquietações.

Entre a população mais culta principiava tambem a apontar a revolta. Os viveres subiam de preço, annunciava-se que em breve escasseariam.

As boticas e drogarias vendiam os desinfectantes com circumspecção, receando o momento em que faltassem de todo.

Ouvi personagens influentes, indignados com o abandono ao qual a metropole nos votava, fa-

lar a serio em promover um movimento geral na ilha, em a offerecer ao protectorado da Inglaterra...

Durante essa crise terrivel em que todos pareciam perder a cabeça, devemos a nossa salvação a dois homens cujo heroismo foi para mim um espectáculo consolador:

O Dr. João Lomelino, que foi sósinho para o Lazareto deixando a mulher e as filhas, tomando sobre si o pesado encargo de tratar os doentes (que pelo seu numero e pela natureza do seu mal dariam trabalho a uns poucos de clinicos), assumindo um posto perigoso ameaçado pela superstição e pelo fanatismo populares, e desempenhando-se da sua missão com tal superioridade, que dentro em pouco e quasi sem recursos, organizou todos os serviços com uma ordem e uma perfeição inexcediveis, conseguindo afinal desvanecer a desconfiança e o rancor á medida que os enfermos, curados, vinham sahindo e contavam a sua caridade, as suas noites perdidas, os seus cuidados, o seu trabalho constante, a sua abnegação de todos os momentos.

O outro heroe foi o Dr. Manuel Gregorio Pestana Junior, então administrador do concelho. A elle se deve o aproveitamento da gente do mar, cuja revolta transformou em fidelidade, a organização de uma especie de milicia recrutada entre os empregados do commercio com alguns dos quaes tive occasião de falar e que estavam todos promptos a dar a vida pela defeza da cidade; to-

dos os serviços de ordem e de saneamento; todas as medidas sensatas e corajosas. Estava em toda a parte ao mesmo tempo; animava uns, entusiasmava outros, falava a todos, fazendo nascer no coração do povo da cidade a confiança e o respeito pela sua autoridade e pelo seu valor. Não descançava, não dormia, arriscava tudo no cumprimento da missão que se tinha imposto, fazia milagres, sem apoio, sem auxilio, tomando sobre si terríveis responsabilidades, ardendo no fogo sagrado da sua mocidade generosa, deante da qual nenhum obstaculo parecia invencivel.

Quando finalmente chegou de Lisboa um navio de guerra, um commissario da Republica, medicos, recursos pecuniarios, tropas, João Lomelino e Pestana Junior tinham feito o mais importante; o caminho estava desbravado e as mais graves difficuldades vencidas.

É com um prazer intenso que lhes faço esta justiça; é com a mais profunda sinceridade que confesso a minha parte na grande divida de reconhecimento que elles teem pleno direito de exigir de nós todos, passageiros da pobre embarcação que tão bem dirigiram atravez do temporal. <sup>(1)</sup>

Ah! os horriveis quatro mezes de pesadelo!

---

<sup>(1)</sup> Não tenho relações pessoasas com Pestana Junior nem com João Lomelino; conheço apenas da vida de um e de outro os traços a que me refiro.



Os dias em que á volta da minha habitação os casos fataes se multiplicaram; os dias em que via o pesado carro tão lugubre das desinfecções, escoltado pela sua guarda de farricôcos encapuchados de linhagem, rondar a minha porta; em que ao sahir, encontrava logo os cangalheiros, os enterros summarios sem acompanhamento, sumindo-se pelas vielas com um ar de vergonha ou de medo; em que as portas abertas para a sahida dos caixões, exhalavam soluços e gemidos e logo se fechavam como portas de sepulchros!

Como era triste, á noitinha, vêr a cidade tragicamente illuminada pelas grandes fogueiras rubras e fumosas, onde ardiam, dentro de barricas, objectos heterogeneos e plantas escolhidas *pelos que sabiam*, afim de afugentar os espiritos maus! E desfilando pelas ruas tortuosas, o cortejo dos doentes transportados á força, em redes, para o Lazareto, cobertos por lençoes como se já em vidá fossem amortalhados; e os carros de bois onde se apinhavam os miseraveis caixões a caminho do cemiterio, atirados para alli e amarrados de qualquer forma como fardos, mercadorias de pouco valor; e ao luar, os barcos que chegavam ao caes com o seu carregamento sinistro de mortos...

Gosto de ter estado na Madeira durante aquelle tempo, gosto de ter sentido de perto o bafo da morte, a sensação terrivel de abandono assim per-

dida n'uma pequena ilha a meio do Atlantico, de onde não podia sahir e onde tinha por companheiros a angustia e o perigo.

São lições salutaes, que tornam a alma de melhor tempera; que nos fazem medir a nossa capacidade de resistencia ao panico, a nossa aptidão de defeza pessoal e de coragem serena; que nos proporcionam a comprehensão do dever que nos incumbe (a nós, espiritos mais esclarecidos) de dar o exemplo e de manter á nossa volta a confiança e a obediencia aos preceitos estabelecidos pela sciencia e pela razão, consolações e refugios suprêmos que nos são concedidos pela Verdade.

## Cemiterios

Como são expressivos e eloquentes os cemiterios de aldeia! Como nos falam, como nos ensinam, como encerram lições profundas, se nos damos ao trabalho de traduzir a sua linguagem de mysterio, o sussurro dos cyprestes, o gemer do portão de ferro, o gesto desconsolado das cruzes de madeira que o tempo mutila, que vão cahindo e que ninguém renova!

Desesperos, miserias, resignações, repousos, agonias, torturas, lagrimas de viúvas sem pão e de orphãos desamparados, lagrimas escondidas de amantes, lagrimas hypocritas de herdeiros, sorrisos de creanças que não comprehendem, historias diversas de dôres sem consolação e de rapidos esquecimentos... Quantas harmonias nos canta o vento passando sobre as covas recentemente cobertas, entre as flores que murcham a pouco e pouco!...

O primeiro cemiterio que eu vi...

Que idade teria eu? Nem sei. Muitas coisas importantes succederam depois d'isso em volta de mim, das quaes a minha memoria não guardou vestigios.

Era á tardinha, no campo; uma charneca da Estremadura, solitaria e melancholica.

Como eu fosse andando pela mão do meu pae, reparei que se descobria ao passar deante de um portão de ferro avermelhado pela oxidação, fechando um cerrado rectangular em cujos quatro cantos se erguiam quatro cyprestes esguios e negros.

Como não visse ninguem, perguntei-lhe porque tirava o chapéu, e respondeu-me que era um signal de respeito pelos mortos que alli estavam enterrados.

A idéa da morte era ainda vaga, informe, no meu cerebro. Tinha já visto alguns animaes sem vida, mas não concebia que a gente pudesse morrer como elles. Quando me contavam que alguém morrera, não sabia bem o que essa palavra significava; e acalmava a ligeira inquietação despertada por ella no meu espirito, com a supposição de um somno muito longo ou de uma viagem mysteriosa de onde se voltava mais tarde ou mais cedo.

Larguei a mão do meu pae e espreitei entre as grades ferrugentas: um rectangulo de terra onde algumas cruces de madeira se erguiam do chão

pedregoso, coberto de grama, de ervas daninhas, de silvados, de folhagem resequida...

« Onde estão os mortos? »

« Debaixo da terra. »

« Enterrados! Não podem ver, não podem respirar... Que maldade! E elles deixam? »

« Os mortos não sentem. O que se mette debaixo da terra são os corpos, os corpos sem vida que apodrecem. As almas vão para o ceu. »

« As almas? »

« Sim... A intelligencia, a consciencia... »

« Já sei! Os corpos são enterrados e os miolos vão para o ceu! » exclamei eu triumphante.

Mas o meu pae mudou de conversa.

Afastavamo-nos agora do cemiterio quando encontrámos na azinhaga, um enterro: o padre, o sacristão, quatro homens levando aos hombros uma especie de taboleiro comprido onde ia deitado o morto, embrulhado n'um lençol que o envolvia todo até ao pescoço.

Tinha um lenço vermelho atado á cabeça que oscillava balançando de um lado para o outro na cadencia da marcha.

Como a azinhaga era estreita, o meu pae arredou-se commigo do caminho, fazendo-me trepar para o talude; e eu vi bem o morto. As palpebras desciam, cerradas, sobre os olhos muito encovados nas orbitas; os beiços delgados e contrahidos deixavam os dentes descobertos n'um sorriso que me pareceu horrivel; todo o rosto apresentava

uma côr que eu nunca vira em rosto algum, uma côr de terra, um pouco esverdeada. Ia muito bem barbeado e as suissas negras e compridas destacavam-se como borrões de tinta sobre a alvura do sudario.

Quando o enterro passou e continuámos o nosso caminho, agarrei com mais força na mão do meu pae. Tinha mêdo, não sabia bem de quê.

A idea que, momentos antes, me satisfizera sobre a ida dos miolos para o ceu, parecia-me agora absurda. A minha razão não podendo aceitar a separação do corpo e da alma, convenci-me de que o meu pae me enganára mascarando com a mentira um mysterio terrivel, que não me era dado conhecer por eu ser ainda creança, e que me enchia de pavor.

Como me lembro da volta para casa, atravez da charneca deserta e tão triste, á luz do poente de outono!

A espaços voltava-me para traz: uma perspectiva de collinas baixas ondulava docemente a terra coberta de matto roçado; e sobre uma d'essas collinas, ao longe, tão só, tão triste, o rectangulo traçado pelos muros do cemiterio a cujos cantos os quatro cyprestes esguios e negros, riscavam no ceu quatro pontos de exclamação.

E foi assim que a morte me appareceu pela primeira vez.

Mais tarde, muito mais tarde, passei uma vez por outro cemiterio de aldeia.

Era ao meio dia; um domingo de primavera.

Na orla do pinhal erguia-se a fachada branca e alegre da igreja onde o sol batia, e a torre subia acima do tecto pontegudo, levantando na gloria do ceu todo azul o sino de bronze, pequenino e luzente, cuja voz clara soava pelos campos como o telintar de uma campainha de crystal.

Ao lado da igreja o presbyterio caiadinho e todo enfeitado de trepadeiras floridas; a dois passos, o portão do cemiterio pintado de fresco.

A aldeia ficava mais longe, lá em baixo, na outra margem da ribeira, detraz do pinhal...

E o cemiterio era um jardim. Entrava-se logo n'uma alameda de cyprestes e entre os grossos troncos alinhados solemnemente como as columnas de um templo egypcio, viam-se as campas marcadas no chão por gradeamentos de madeira, symetricos, rectangulares, tendo no topo a cruz. E as plantas marinham pelas ripas, enlaçavam o symbolo da redempção, coroavam-n'o de rosinhas de tocar, perfumavam-n'o de jasmims e de madre-silvas, engrinaldavam-n'o de purpura com as flores dos martyrios.

Sobre as tumbas limpas e regadas, florião geranios, malvas, craveiros; e os caminhos estreitos bordavam-se de violetas.

O prior era novo; vivia com uma irmã que tinha a paixão das flores. Cada campa era assim transformada n'um açafate de perfumes e de côres que persistiam e augmentavam de belleza e

de esplendor, mesmo quando os pobres corpos enterrados já tinham sido esquecidos e transformados em pó.

Ah! que lindo cemiterio á luz do sol do meio-dia!

Como alli a morte cantava e ria aureolada pela belleza triumphante da vida!

Todos os passaros alli vinham chilrear, celebrando os seus amores ephemeros e radiosos na embriaguez da claridade do ceu, na doçura dos aromas da terra. E aos domingos, depois da missa, as creanças espalhavam-se entre as campas, atraídas pela alegria das côres, pelo borboletar dos insectos que juntavam os seus sussurros mysteriosos de amor, á grande symphonia da natureza...

E como me sentasse a descançar á sombra de um platano, pensando em todas estas coisas, fui distrahida da minha meditação por um ruido leve que me fez voltar a cabeça...

Por detraz de uma sébe entre duas campas floridas, um grupo de namorados tão enlevados no seu amor que nem davam pela minha presença, abraçavam-se e beijavam-se n'um transporte de paixão. A violencia do seu desejo fazia-lhes esquecer o lugar onde se encontravam. Para elles a morte não existia.

Tinham razão; e tudo em volta de mim o proclamava: a morte era uma das phases da vida, apenas uma transformação da materia no seu eterno e lento caminhar...



Lembro-me d'outro cemiterio. . .

Um cemiterio em ruinas; os muros esbarrondados, as campas esmagadas sob os pedregulhos desmoronamentos, violadas pela atroz cubiça dos ladrões de sepulturas, os cactos bravios crescendo com um desenvolvimento sinistro sobre a terra onde já se não enterravam os mortos havia mais de um seculo. . .

Não sei porquê, o cemiterio fôra abandonado. Uma grande profanação, dizia a lenda, tornara-o n'um campo maldito, retiro de feiticeiras hediondas que alli preparavam maleficios, solo producto de plantas venenosas cujas raizes o inferno alimentava. . .

Tinham construido outro na vertente opposta da collina. E aquelle perdera o seu prestigio de campo santo; os seus mortos eram tão antigos! Ninguem os conhecera; ninguem se lembrava de ter visto transpôr os humbraes do seu portão, o cortêjo solemne de um enterro.

Iam lá buscar pedras e cantarias quando precisavam de materiaes de construcção.

As paredes da capellinha erguiam-se apenas do chão, informes, lamentaveis, na desolação do terreno saqueado; as campas privadas de lages jaziam com as largas maxillas abertas n'um ricto de estertor; algumas ossadas mutiladas, craneos quebrados, appareciam aqui e além entre os montões de caliça. Os gradeamentos de ferro, os bates do portão, tudo fôra arrancado para um re-

começo de utilidade n'outros pontos e com fins diversos...

Algumas arvores seculares, cujas copas durante annos e annos tinham assombreado a melancholia das sepulturas, mostravam ainda, rente ao chão, os restos dos troncos cuja madeira fôra cortada, transformada em luz e calor.

Só ficára a um canto um chorão esgrouviado, depennado pela ventania, pelas agruras do tempo, como um pelicano velho e triste, como o unico sobrevivente de um massacre, contemplando em volta de si, estupefacto, o desastre e a ruina, e esperando sem commoção a sua hora, admirado apenas de o terem deixado ainda vivo...

Era uma madrugada de inverno, gelada e cinzenta...

O vento uivava; o ceu muito baixo, pesava sobre a terra como um sudario.

Da aldeia lá ao longe, da aldeia miseravel e suja, subia penosamente o fumo das lareiras onde se preparavam os tristes almoços.

O chorão, no seu canto, agitava as longas hastes n'um interminavel gesto de adeus.

E de toda aquella desolação se erguia para mim o grande fremito doloroso do desespero, a fatalidade do esquecimento sem remedio, o caminhar cego dos acontecimentos que se sobrepõem, sepultando successivamente no nada as dores mais amargas, as alegrias mais exuberantes...

tudo disperso e fundido, como poeira, como fumo...

Um outro cemiterio que eu vi encontrava-se alcandorado a setecentos metros de altitude, n'uma rocha quasi a pique sobre o mar.

Em volta uma perspectiva grandiosa de serranias bravas, erguendo para o ceu pincaros descaroados e agudos, afastando-se em ondulações e em angulos: descendo em linhas abruptas e intrincadas, ora cobertas de vegetação sombria, ora lividas na sua nudez lavada pelas invernias, calcinada pelos incendios das florestas...

Uma noite de luar, sem uma brisa, solemne e calma.

A aldeia, composta de casaes dispersos e raros, dormia profundamente. Ao meu lado branquejava a torre da igreja, silenciosa, immovel, com um ar de repouso definitivo como se nunca mais as suas portas devessem abrir-se, nem sobre toda a face da terra existisse já um unico fiel para acudir ao chamamento da sua voz de bronze.

Um cemiterio novo, cujos muros caiados riscavam na terra negra o rectangulo reservado aos mortos, onde poucas covas ainda se tinham aberto, sem uma flôr, sem uma arvore, espectral e nu sob a luz fria do luar.

Encostei-me a uma grande cruz de pedra que erguida sósinha sobre os seus tres degraus no meio do cemiterio raso, parecia um prégador cuja

voz tivesse morrido, e cujo largo gesto de braços abertos se tivesse petrificado sob a influencia do silencio e da immobildade que o cercavam.

Tinha deante de mim a immensidade do mar onde a lua estendia uma estrada de luz que se perdia a distancias infinitas na bruma do horizonte.

Se percorria com a vista a paizagem, inundava-me a mesma impressão de vertigem em frente das montanhas solemnes e austeras, que pareciam esmagar-me com a sua grandeza, com a historia da sua existencia atravez dos seculos.

No ceu bruxoleavam estrellas, pequeninas á minha vista imperfeita; e cada uma d'ellas era um mundo rolando nos espaços, descrevendo orbitas onde a minha razão se perdia.

E debaixo do solo que eu pisava... os mortos, gente como eu, que jazia confundindo-se com a terra de onde viera, descrevendo tambem uma das secções da orbita ininterrupta a que estamos condemnados em alternativas sem fim de movimento e de repouso.

Sentia-me insignificante e perdida, oppressa de angustia em frente das forças colossaes que me rodeavam e se impunham á minha razão. O meu patrimonio de intelligencia, que em certas occasiões de orgulho desmedido, me dera a impressão de um poder sem limites, parecia-me de repente comparavel ao fremito de azas de um insecto, que ao passar, me tocara no rosto.

E assim n'aquelle momento comprehendi a vaedade das nossas illusões, o transitorio e ephemero sentido da nossa existencia, tão igual á existencia das gottas de agua, dos grãos de areia, das formigas, das moscas que passam n'um raio de sol, de todas as coisas que vivem e morrem, mergulhando e emergindo alternadamente da eternidade da materia, para um fim que nunca nos será dado conhecer...

Habitei durante alguns annos uma cidade de provincia onde havia um cemiterio cuidado, florido, limpo, assombreado e luminoso como um parque.

E era um prazer que eu me dava de vez em quando, durante a belleza das tardes calmas do outono, ou ao sol posto na primavera e no verão, ou no fim dos dias claros e frios de inverno: o transpôr devagar o portão de ferro, percorrer as alamedas entre as altas e solemnes columnatas negras dos cyprestes, sentar-me lá ao fundo no banco de pedra defronte da capella.

Um repouso tão grande, depois do dia inteiro de trabalho, depois das horas activas occupadas pelos cuidados e deveres da minha vida!

Era como se entrasse n'outro mundo; n'um mundo completamente differente d'aquelle onde se passava a minha existencia e que, apesar de comprehender dois hectares apenas de terreno, se alargava, se ampliava defronte da minha imaginação e tomava conta de espaços infinitos.

Se qualquer cuidado me atormentava, d'estes cuidados diarios, que as lentes poderosas dos nossos nervos e da nossa fraqueza augmentam, chegando a toldar-nos a luz do sol como azas negras de monstruosas borboletas (que por serem ephemeras não deixam porém emquanto duram, de nos cobrir com a sombra do seu vôo agoirento), a visita ao cemiterio era mais salutar para mim do que todos os antidotos de que geralmente se lança mão n'estes momentos de desanimo e de cansaço.

No cemiterio as pequenas miserias da minha vida, tomavam gradualmente as suas proporções reaes. Aborrecimentos caseiros, desapontamentos, ligeiras contrariedades, insignificantes despeitos, indignações e coleras que sobem na alma com fervores espumosos e fugitivos de Champagne... todas as particulas de amargura sem consistencia e sem duração, que aglomeradas, constituem o mau humor, horas dolorosas e inquietas que absorvem momentaneamente as nossas capacidades de alegria, tudo isso se evaporava no lindo jardim de sonho onde os mortos me falavam.

«Como é ridicula a tua preocupação!» dizia-me devagarinho uma campa antiga onde já ninguem vinha depôr flores. «Compara a existencia tão curta de um insecto aos longos annos que se estendem ainda defronte de ti; compara a duração da tua propria existencia á eternidade de escuridão e de silencio, que te espera. Não esbanjes a

tua divina aptidão de gozar a luz, os perfumes, as côres, os largos horizontes, o ar puro e livre. Despreza tudo que é feio e torpe. Tens tão pouco tempo! Depois... nada, o esquecimento... Não vale a pena. Olha para mim!»

Um mausoleu novo, de marmore branco estriado de laivos rosados, suspirava com melancholia:

«Tudo é vaedade!...»

Uma corôa de perpetuas esfrangalhada, coberta de pó, apodrecida pela chuva, miseravel, chamava ironicamente a minha atenção sobre as letras, outr'ora doiradas que a decoravam:

«Saudade eterna.»

Da vala commum erguiam-se vozes lamentosas:

«Durante a vida não conheci senão a miseria e a dôr...»

«A miseria, a dôr e a injustiça...»

«A miseria, a dôr, a injustiça e a revolta...»

«Eu roubei para dar de comer aos meus filhos...»

«Estive na prisão cinco annos e sahi de lá semelhante a um animal feroz.»

«Eu nunca tive lar.»

«Eu não conheci o amor.»

«Eu disse a verdade combati os preconceitos, trabalhei a vida inteira, fui sempre honesto e morri de fome.»

Havia n'um canto um pequeno recinto onde estavam enterrados tres suicidas. E o pequeno recinto dizia:

«Estão aqui os reprobos; aquelles a quem, nem sequer depois de mortos, é concedido um lugar ao lado dos seus semelhantes. São os que não tiveram sorte ou geito, durante a vida, mas que, pelo menos souberam morrer. Aquelles que marcaram na sua idéa a hora de partir... e partiram sem medo. Aquelles que venceram a dôr e se elevaram acima da condição de escravos, sacudindo bruscamente dos hombros todas as miserias, n'um orgulhoso gesto de negação. Aquelles que sem hesitar entraram na sombra eterna, escolhendo-a com a coragem de uma vontade livre e forte.»

E todas as campas falavam :

«Repara bem como é insensata a importancia que dás aos factos que te parecem magnos e pelo amor dos quaes perdes tempo e gastas as tuas energias. Se em taes occasiões te lembrasses de nós, punhas de parte com um sorriso esses cuidados vãos, e prender-te-hias apenas ao que tem valor, ao que importa.»

«Ao que importa?»... scismava eu.

E a pouco e pouco parecia-me que um mundo novo se estendia defronte de mim.

Às vezes a tranquillidade do cemiterio era perturbada por gritos, correrias e gargalhadas de creanças. Esses ruidos, como de resto os cantos dos passaros, os zumbidos dos insectos, a passagem da brisa nas ramarias, pareciam alli muito



differentes; tomavam um ar ethereo, puro, rythmico, de uma harmonia que não era da terra, com intervallos de silencio profundo como se a morte passasse entre elles afim de os purificar, de os tornar crystallinos e leves, com um vago sabor de bemaventurança, que me fazia pensar na beatitude do paraizo do Dante ou nas visões extaticas do Apocalypse, em todas as coisas grandiosas, obscuras, ineffaveis, que tocam na eternidade e que nos dão a vertigem dos abysmos sobre os quaes paira sempre a nossa razão inquieta sem conseguir desvendar-lhes o mysterio.

Todos estes pensamentos se erguiam como linguetas de fogo d'aquelles dois hectares de terra...

E eu olhava em torno de mim com assombro: as plantas, as flores, os passaros, os insectos, as pedras, a terra, tudo se me apresentava com os mesmos perfumes, as mesmas côres, as mesmas formas que via n'outros jardins, n'outros campos. O qué os tornava portanto alli tão differentes? Que nimbo escondido os aureolava?

De onde vinha o seu poder, sobre os meus sentidos e sobre a minha razão?

Seria a divina encantação gerada pelo continuo perpassar da dôr, da saudade e do esquecimento?

Seriam a immensa aspiração de paz, a immortal esperança de justiça, e a sêde inextinguivel de amor, que vibram em nós emquanto nos resta um sopro de vida, e que depois, ainda depois, continuam a fluctuar sobre os nossos corpos mortos,

unicos ideaes sobreviventes á grande hecatombe de tudo quanto o nosso cerebro foi capaz de criar?

Seria a poeira levantada de todos os successivos desmoronamentos cujas ruinas informes e invisiveis coalhavam o chão: desmoronamentos de altos castellos do sonho, de pretenciosos palacios da Vaedade, de fortalezas inexpugnaveis onde se acoitam as paixões humanas?

Nos momentos de grandes crises moraes, quando desgostos verdadeiros e terriveis poisavam sobre o meu coração a sua mão de ferro, era ainda no cemiterio que eu procurava o lenitivo, o calmante.

No cemiterio habitam os grandes mestres da immobilidade e do silencio, virtudes que actuam sobre as feridas da alma como unguentos de maravilhosa efficacia.

Do silencio e da immobilidade nascem os pensamentos profundos que nos afastam de nós mesmos e nos concedem a misericordia de visões longinquoas, de vastos golpes de vista abrangendo horizontes enormes, onde a nossa individualidade se funde e deixa de ter importancia.

Qualquer coisa tem alli uma significação inesperada e impressionante: as azas da nossa imaginação palpitam, frementes, sensiveis ao minimo ruido que passa, aos gestos quasi imperceptiveis da vida sussurrante e intensa que pullula em torno

das campas como um protesto, uma negação vehe-  
mente lançada á face da morte.

Voltava-me para a *campa antiga onde já nin-  
guem vinha depôr flores...* A principio os meus  
olhos (queimados pelos espectaculos vertiginosos  
ou brutaes da civilização onde a nossa capacidade  
de admirar em breve se embota) viam apenas uma  
velha louza rachada, roida nos angulos, invadida  
pelos musgos que alastravam sobre ella placas  
sombrias esverdeadas ou de um vermelho escuro  
de sangue pisado. Cresciam-lhe em volta, irrom-  
piam entre as fendas, as ortigas e os tufos de gra-  
mas; e uma silva desgrenhada trepava pelas as-  
perezas da alvenaria, tentava a ascenção da cruz  
que o tempo enegrecera.

E eu pensava com a obtusa melancholia hu-  
mana, tão cega e tão imbecil:

«Pobre campal! Já n'outro tempo a cobriram  
de flores, a cuidaram, a regaram de lagrimas, a  
aureolaram de saudades... E agora até o nome  
gravado se tornou illegivel no marmore poido pelo  
tempo...»

E enquanto estas ideas me accudiam, os meus  
sentidos (apurados pela proximidade da morte que  
me rodeava, impregnando-me dos seus effluvios  
profundos) prendiam-se á vegetação bravia em  
torno da campal.

Sementes humildes trazidas pelas aves ou pelo  
vento e que alli tinham germinado, crescido livre-  
mente no milagre das suas côres e da sua graça

agreste, que nos habituámos a desprezar suggestionados pelo desvairamento do convencionalismo... Folhas compridas e invaginantes da grama, de um verde escuro, rijas e erectas como lanças de um exercito em marcha, deixando adivinhar na sua robustez a persistencia e a força das raizes rusticas e tenazes... Flores singelas e puras da silva nascendo entre os espinhos e abrindo-se, pequeninas e modestas, inconscientes da belleza delicada da sua estructura e do perfume subtil que emanam, como as virgens martyres condemnadas nas arenas romanas, atadas nuas aos postes de ignominia e de dôr e com os olhos erguidos para a sua radiosa visãõ do paraizo, esquecendo por ella a injustiça e a inepta maldade humana...

Em volta da campa zumbiam os insectos gulosos de nectares, fazendo brilhar ao sol os elytros de metaes preciosos, o velludo sumptuoso dos abdomens, as gazes das azas diaphanas e irisadas.

E os passaros cantavam sobre ella como sobre o mauseleu novo, como sobre a valla commum...

A pouco e pouco este spectaculo e as observações que elle originava no meu espirito de momento para momento mais lucido, esbatiam a angustia que me opprimia o coração, reduziam a mais e mais o volume e o peso do desgosto que ao entrar no cemiterio me esmagava.

Sentia-me tão pouca coisa! A engrenagem da

---

vida apparecia-me tão surprehendente e tão poderosa !

Ah! que bellos ensinamentos e que divinas horas de paz, eu devo ao modesto cemiterio onde a vida me surgia atravez da morte, sem mascara e toda nua, fremente de força e de paixão, no esplendor do seu eterno triumpho!



## Os Japonezes

Acabo de ler o «Typhon», o impressionante «Typhon» criado pelo grande dramaturgo hungaro Langyel, que subiu á scena no theatro Sarah Bernhardt em Paris e que tem sido traduzido n'umas poucas de linguas e representado nos principaes palcos da Europa.

Ào chegar á ultima linha, puz o livro sobre a meza e fiquei a pensar no Japão. Accordavam-se-me na memoria echos esquecidos, avivavam-se-me impressões quasi apagadas, vinham de longe em revoadas, recordações pueris: um livro, um artigo, o *fac-simile* de um desenho, um biombo, um leque, uma anecdota, um perfume, uma estatueta, um objecto de uso commum, a guerra... nada... tudo... um mundo!

Quando se declarou a guerra russo-japoneza, toda a gente dizia:

« Coitados dos Japonezes! »

E a Rússia apparecia-me sob a forma de um urso gigantesco preparando-se para devorar uma florsita de *lotus*, uma pobre flor de *lotus*, criada nas aguas tranquillias de um tanque minuscuro ornado de embrechado, á sombra perfumada de cerejeiras floridas, na visinhança de um kiosque guarnecido de campainhas de porcelana que telintavam docemente á passagem da brisa, sob um ceu claro e uniforme riscado pelo vôo melancolico das cegonhas...

A imaginação mostrava-me uma série de imagens accumuladas na minha memoria sem eu dar por isso; e o que eu via assim fazia-me sorrir e era delicioso de puerilidade, de poesia ingenua e de doçura:

Gente pequenina e risonha, andando com pasinhos curtos de mascarados, calçando cothurnos altos, saracoteando-se n'um equilibrio instavel, vestida de sedas sarapintadas e enfeitada de flores; uns nomes difficeis de pronunciar e de reter; uma lingua falada baixinho e depressa com o som da matraca monotona do pica-pau, e escripta com tinta da China em longos rolos de papel com letras de aspecto inintelligivel feitas de rectas pequeninas, curtas, cruzando-se, atravessando-se, n'um desenho complicado e laborioso de teia de aranha...

Via os japonezes occupando-se em misteres extraordinarios e pacificos que o turbilhão da



nossa vida europeia nos não deixa compreender: bolas de marfim recortadas a canivete, arrendadas como filigranas, demandando mezes de applicação, girando umas dentro das outras sem que a nossa razão lhes encontre a minima utilidade; a cultura de essencias gigantescas, atrophiadas, reduzidas a plantas de vaso por meio de pacientes e mysteriosos cuidados transmittidos de geração em geração, cedros seculares da altura de meio metro, macieiras e pereiras carregadas de fructos enormes e succulentos sem que o seu ramo terminal atinja a cintura de um homem. . .

Via-os habitando casas muito frageis divididas interiormente por biombos de seda pintada ou bordada, representando flores e passaros de um extranho colorido, de um desenho subtil e minucioso; dormindo em esteiras multicolores, sentando-se no chão em circulo com gestos de requintada cerimonia, com sorrisos perennes de cortezia, tomando chá por chavenas em miniatura e alimentando-se de arroz em porções que não satisfariam o appetite dos nossos filhos de seis annos.

Vagamente passavam-me na memoria quadros amaneirados de idyllios cujos heroes tinham o nome de flores e de fructos e que falavam de amor em metaphoras subtis, guiando-se para os seus encontros clandestinos pelas aparições da lua.

Casas sonoras como tambores, a obcecação do rufo continuo e enervante das cigarras, os bonzos hieraticos praticando o culto de Boudha em tem-

plos pequenos ornados de figuras monstruosas de rostos convulsionados, escancarados em esgares hediondos, enquanto lá fóra, pela orla dos beirões, se alinhavam as campanulas de crystal suspirando á passagem das andorinhas...

A festa nacional das cerejeiras floridas, as lanternas de papel multicolores percorrendo as ruas em interminaveis procissões...

As deliciosas *musumés* com o seu riso curto de passaros, as suas graças infantis, as pernas apertadas na roda limitada do kimono e o busto cingido na facha de seda, apparecendo por detraz de biombos e atravessando jardins floridos de chrysantemos, flores vivas e sem pensamentos como ellas...

As danças das *gheishas* de uma volupia superficial, feita de gestos e attitudes amaneirados e convencionaes...

E de quando em quando, um estremecimento inquietador: a recordação de japonezes exhibindo no circo as suas habilidades, desenhando n'uma taboa com facas afiadas, atiradas de longe, os contornos de um companheiro espalmado, de braços abertos e sorridente... a noticia brusca, (mandada por um correspondente de Tokio) de massacres, de supplicios, do desencadear repentino de uma loucura sanguinaria, logo abafada, extincta, esquecida como um sonho...

Depois começaram a chegar as noticias da

guerra, todo o magnifico desenrolar d'aquella série de victorias, de prodigios; a estupefacção causada pelos esplendidos armamentos, pelo exercito enorme e disciplinado, pela esquadra, pelo épico heroismo.

A surpresa de uma civilização surgida de subito, preparada n'um espaço de tempo relativamente curto, sem que a Europa a presentisse, e tendo sobre a nossa civilização, a vantagem enorme de se enraizar n'um povo fremente de mocidade e de enthusiasmo, vigoroso e sadio, desconhecendo ainda todos os males de que soffremos, todas as doenças resultantes do cansaço e precursoras da decadencia.

Os assaltos desesperados ás collinas de Porto Arthur, os ataques furiosos de Liao-Yang, o impulso formidavel contra os entrincheiramentos de Mukden, eram feitos de guerra que nenhum exercito europeu seria capaz de realizar porque os propulsavam forças que não possuímos: o phrenesi, a febre, o enthusiasmo, a fé ardente, cega e incondicional.

A guerra russo-japoneza foi para a Europa a revelação do Japão. Deu-se n'esse momento um facto milagroso sem precedentes na historia; o mysterioso Oriente desvendava-nos de subito um dos seus mais profundos e terriveis segredos.

A terra do Japão, sempre tão agitada pelos phenomenos sismicos, tornara-se toda ella n'um vulcão de onde irrompia a lava candente sob a

forma de um povo robusto e inesperado, constituindo uma nova potencia cujos flancos encerravam uma civilização adeantadíssima, fogo impetuoso mostrando-nos o advento de uma raça até alli desprezada e que agora raiava no nosso horizonte com o fulgor de uma aurora.

Os japonezes, que eram para nós entes longínquos, personagens de fabula, visões de sonho, com a sua face amarella e glabra, a sua turva personalidade de gnomos industriosos, sorridentes e inoffensivos, appareciam-nos de repente fundidos n'uma nação perfeitamente organizada, superiormente administrada, provida das mais altas virtudes civicas, da mais poderosa intellectualidade, das mais importantes energias collectivas, dotada de todos os elementos de combate que caracterizam os povos predestinados á supremacia.

E então, estupefactos, sahimos da nossa indolencia, da nossa modorra, da nossa inconsciencia. A imprensa occupou-se detalhadamente d'aquelle prodigio. Por toda a parte, o assumpto dominante era o Japão: o Japão guerreiro, o Japão intellectual, o Japão politico, o Japão artista, o Japão perseverante, forte e dominador, apparecendo a uns como um exemplo salutar, a outros como um milagre, um motivo de profunda admiração, a quasi todos como um perigo.

A origem da historia japoneza ascende a 660 annos approximadamente antes de Christo.

D'ahi até 1853, os destinos d'aquelle paiz não tem nada que os distinga da normalidade da evolução social dos outros paizes do mundo, a não ser o traço fortemente característico da sua bravura e do seu desejo intenso e persistente de ascensão.

Uma serie de dynastias que successivamente dominam, trazendo guerras com o estrangeiro, luctas intestinas, o alargamento progressivo do territorio, a fundação de novas cidades, a glorificação de varios heroes, a promulgação de leis importantes, a autocracia do clero boudhista, a malograda tentativa de S. Francisco Xavier e as represalias sangrentas que se lhe seguiram, a elevação de Saiko-Lama em cujo reinado se construíram os mais bellos monumentos do imperio, succedendo-lhe o famoso Iyeyas (seculo XVII) que assegurou a florescente e poderosa dynastia dos Tokugawa, deixou leis de grande valor e fechou definitivamente o periodo das guerras civis.

Entre 1853 e 1858 algumas nações estrangeiras, sob o pretexto de um tratado de commercio, intentaram forçar varios portos do Japão; o que desencadeou a revolta do povo seguida de massacres e de uma revolução que lançou por terra os Tokugawa, abrindo-se então uma era nova de onde data a marcha precipitada do Japão no caminho da mais rapida e estupefacante civilização de que o mundo tem memoria.

Em menos de sessenta annos a nação sahiu da

sua ganga medieval e galopou n'uma cavalgada vertiginosa até ás linhas avançadas occupadas pelos povos mais progressivos.

O regimen feudal foi abolido, a constituição proclamada; construíram-se caminhos de ferro, adoptou-se o calendario gregoriano; introduziu-se a vaccina, a telegraphia, a photographia; iniciou-se um pederoso movimento em favor da instrucção publica; uma bolsa e uma camara de commercio estabeleceram-se em Tokio; promulgaram-se codigos e a administração foi completamente reorganizada.

O exercito em 1875 comprehendia um effectivo de pouco mais de 20:000 homens. Em 1896, no momento da guerra sino-japoneza, o exercito superiormente organizado pelo modelo do exercito allemão, provido de um corpo de officiaes, que pelo seu valor physico, intellectual e moral, pode ser considerado um dos primeiros do mundo, contava um effectivo de paz de 100:000 homens, mais um *landwher* de 70:000. Na occasião da guerra russo-japoneza, o Japão levantou um milhão de combatentes munidos dos melhores armamentos, perfeitamente instruidos e disciplinados.

O sub-solo do Japão é riquissimo, e a sua industria prodigiosamente desenvolvida n'este curto periodo, sabe aproveitá-lo, assim como a agricultura tira fabulosas vantagens dos terrenos, apesar da sua orographia torturada. O Japão produz arroz

e outros cereaes, *saki*, porcellanas, faianças, sedas, sementes de sirgo, tecidos variados de algodão e seda, phosphoros, objectos de bronze, de vidro, papeis, coiros, moveis, uma riqueza immensa resultante de um trabalho intelligente e constantemente aperfeiçoado.

Acompanhando e animando a industria, a expansão rapida do movimento commercial com a Inglaterra, a Allemanha, a França, os Estados Unidos, a China e a India, tem-se tornado colossal.

A sua administração é exemplar.

A familia japoneza tem uma organização robusta e feliz. Em nenhum paiz do mundo a educação da creança é mais cuidada. A instrucção tem tomado uma importancia capital, existindo hoje escolas superiores, capazes de rivalizarem com as melhores da Europa. A litteratura é riquissima. No século VIII terminava já o periodo poetico e entrava-se no periodo classico que se estende até ao século XII. Hoje em dia a litteratura japoneza caracteriza-se sobretudo pela sua feição essencialmente popular: peças de theatro, contos, novellas, romances, tudo subordinado a um fim educativo, repositorios de conhecimentos variados e de solida moral ao alcance de todas as intelligencias.

Attribue-se em geral uma influencia quasi exclusiva á China antiga sobre a arte japoneza; e é um erro. A arte japoneza é influenciada pela India, pela Persia, pela Corêã, *um pouco* pela China, e *sobretudo* pelo genio nacional. Diferencia-se da arte

de todos os outros paizes, pela sua subtileza, pela sua gracilidade, pela vida intensa de que palpita, pela consciencia minuciosa, meticulosa, com que é criada e executada. Toda ella emana uma poderosa vitalidade, infinitamente variada e expressiva. É essencialmente decorativa; todas as suas manifestações teem em vista a ornamentação das habitações e dos templos. Os xarões preciosos, os curiosos productos esmaltados de olaria, os vasos de grés lisos ou flameados, as porcellanas finas, os bordados riquissimos, as primorosas e delicadas pinturas em sêda, os deliciosos berloques de madeira, de metal, de marfim, a maravilha dos bronzes opulentos, as estampas a côres, as cinzeladuras em metal e as incrustações, são outras tantas formas d'essa arte especial que não visa á sumptuosidade nem aos grandes effeitos theatraes do ar livre, mas que tem por fim o conforto e a esthetica interna das habitações, a glorificação, por assim dizer da vida intima.

As artes, como a industria, como a administração, como a educação, como a litteratura, como todas as energias da nação, tendem para o mesmo fim de criarem a felicidade e a grandeza de um povo cujo orgulho collectivo não conhece limites.

O japonez teve sempre sonhos descomunaes, visões de allucinado. Detraz da sua fronte impassivel, os projectos mais ousados e phantasticos, germinaram e cresceram como plantas de prodigio.

No seculo XVI projectava a conquista da China;



no seculo XVII fitava os olhos obliquos no Mexico; quando guerreava na Mandchuria, julgava que perseguiria os russos até ao Ural; e quando soube o resultado do ultimo tratado de paz, o desapontamento da sua ambição foi tão grande, que desencadeou a revolta com todos os horrores que estão ainda n'aquelle sangue palpitante das recordações feudaes e impregnado da crueldade innata que o rapido desenvolvimento da sua civilização não pode até agora vencer por completo. Tem a vontade obstinada do barbaro e não conhece obstaculos; caminha com o pensamento fito n'um ideal absurdo e gigantesco; assimila as melhores qualidades da Europa, aperfeiçoa-se em tudo tenazmente e crê na sua predestinação: *o Japão, o povo mais adeantado e intelligente da Asia, será chamado um dia a dirigir a civilização do Universo!*

O boudhismo póde ser considerado a religião nacional, ainda que todos os japonezes (mesmo que officialmente sigam o boudhismo ou o shintô) professes escrupulosamente a lei de Confucius, não excluindo o seu scepticismo relativo aos dogmas religiosos e a sua incredulidade que chega a attingir as raias do atheismo.

Essa forte concepção da moral, criada pelo grande philosopho chinéz quinhentos annos antes da nossa era, e que subsistiu ate hoje, inhabalavel e serena, elevando e enobrecendo os espiritos,

ancorando-se no fundo das almas para as quaes a idolatria, o fetichismo, o christianismo e todas as religiões firmadas no sobrenatural, são apenas leves agitações superficiaes, é certamente (alliada a causas secundarias) o segredo do temperamento estoico do japonez. Comprehende-se a superioridade de uma raça que nunca submetteu ao servilismo a sua faculdade de pensar, que não conheceu o jugo moral de um deus iujusto e cruel e que pode marchar sempre desprendido das peias atavicas de uma tradição de medo.

O japonez não conhece o medo. A morte não o assusta; é para elle uma seducção; tendo-a como certa e fatal, habituou-se a encaral-a como um bem.

O Japão é o paiz do suicidio. Ultimamente a estatistica revela-nos n'um periodo de 15 annos o numero espantoso de 122:411 casos de creaturas, que tranquillamente e por sua livre vontade, renunciaram á vida.

Namorados que as circumstancias separam, casados que o matrimonio torna infelizes, descontentes com os seus negocios ou com os negocios da patria, doentes incuraveis, estudantes sem futuro, homens e mulheres, velhos e moços, todos os desilludidos ou aquelles que não podem exigir da existencia o que tinham esparado, os vencidos ou os que não se sentem com energia para luctar, todos preferem a morte escolhida livremente, heroicamente, á morte arbitraria que só virá de-

pois de uma vida mais ou menos longa e que não os tenta.

O individuo conta pouco no Japão; o importante é a collectividade. A vida mesquinha, baseada no egoismo, na satisfação e no prazer exclusivos do *eu* (que forma o alicerce da nossa civilização no momento presente e que será a causa da sua ruina), é lá desconhecida.

O japonês pratica o *harakiri* ou corta as carótidas ou envenena-se, ou asphixia-se, ou precipita-se debaixo de um comboio, ou lança-se na cataracta do Kegon ou na cratera do vulcão Assama, com a sensação tranquillada de realizar um acto logico, e profundamente convencido da sua moralidade.

A existencia que a sorte lhe proporciona não lhe convém? Não póde ter o que desejaria? Um desgosto incuravel mina-lhe a vida? Sente-se irremediavelmente infeliz, inutil ou nocivo?

Suicida-se.

A sua individualidade não faz falta ao Japão e isso é o essencial. O imperio continuará sem elle a prosperar, a engrandecer, seguirá o seu caminho glorioso na historia; as flores das cerejeiras desabrocharão do mesmo modo; na primavera haverá os mesmos renovos, as mesmas florações, os mesmos vôos e cantos de passaros; realizar-se-hão as mesmas festas nacionaes. Não faz falta. Pelo contrario, a sua doença, ou a sua condição desgraçada, ou a sua melancholia sem remedio, incommo-

darão os outros, pesarão sobre os que o rodeiam... Então, viver para quê? O homem não pôde escolher a sua vida, mas pôde e deve escolher a sua morte. Essa liberdade que o resgata do soffrimento, que lhe abre as portas de todas as prisões, é bem sua, é o patrimonio da sua superioridade sobre os outros animaes, é uma nobreza da alma que o eleva prodigiosamente e lhe dá a palma suprema da renuncia. . .

E o japonéz suicida-se.

Não terá razão? E ao lado d'esta limpida e estoica moral, a nossa moral humilhante de resignação e de medo, não fará triste figura?

O « Typhon » é um estudo primoroso do caracter japonéz.

Tokeramo personifica a alma nacional, orgulhosa, ardendo na sede inextinguivel do poder collectivo da raça, a fé apaixonada no glorioso destino do povo eleito, a fé que une todos os japonezes como cellulas de um só organismo, tendentes todas, não ao seu desenvolvimento proprio, mas sim e exclusivamente, á prosperidade e ao engrandecimento illimitado do organismo.

Tokeramo personifica tudo isso, mas tudo isso transplantado para um meio europeu e debatendo-se dolorosamente no meio das influencias collossaes do ambiente que respira e que actua como um dissolvente fatal na pureza da sua alma estoica de heroe.

Langyel traça com uma vigorosa firmeza de desenho, com um encantador e subtil colorido, os contrastes da natureza nipponica, que aos nossos olhos de occidentaes apparecem estupeficanos.

Um mixto do radioso e candido enthusiasmo de Parsifal e das chamas mal extinctas da crueldade barbara; o sentimentalismo que resalta suave e commovente na saudade da patria, na scena deliciosa da evocação das lendas nacionaes a par do acre sabor machiavelico emanado de todo o papel de Kobayaki no 3.º acto.

Não comprehendemos bem mas admiramos com tudo que ainda nos resta de enthusiasmo, a fé, a dedicação incondicional, a abnegação até á morte em favor da idéa dominante e collectiva, o sacrificio épico e sereno do joven Hironari accete pela colonia como um bem invejavel, todo o ardor do fogo intimo que queima as almas de illuminaçoes e as funde n'um corpo só, virgem e nobre como o de um archanjo, separando-os do resto da humanidade pelo qual professam o desprezo que nós sentimos pelos animaes inferiores.

O enredo da peça é banal. O que impressiona é o altissimo espirito que a rege, e de onde se destaca, não a figura de um homem, mas sim a imagem viva e robusta de uma raça nova, extranha e formidavel, em lucta contra a nossa raça exhausta, envelhecida, amollecida pela decadencia de uma civilização secular intensa.

Não é um drama; é uma rajada de epopeia

que poderia ter germinado no cerebro de Shakespeare; a encarnação de um lancinante momento historico da humanidade; um grito de alarme, talvez; a irreductibilidade fatal do astro que se extingue em frente do astro nascente; um clarão fulgurante como a voz de um vidente resoando sobre a multidão descuidada e sceptica, fazendo correr um fugitivo fremito de inquietação... e logo abafada pela onda dos interesses mesquinhos que nos assoberbam, pela onda de indolencia e de indefferença egoistas e inconscientes onde nos afundamos como um sol que brilhou e que declina a mais e mais até mergulhar no oceano... deixando atraz de si a morte.

## As Desertas

Os compendios de geografia dizem, referindo-se ás Desertas: «Um grupo de ilhotas sem importancia.»

Effectivamente sem importancia.

Não existem habitantes nas Desertas, nem culturas, nem fontes, nem arvoredos. A vegetação é rara e magra, o solo é quasi todo constituído pela rocha viva; não ha, se pode dizer, terra aravel. E as cabras selvagens e os coelhos bravos que lá crescem, luctam com serios embaraços para conseguirem viver.

Mas para mim as Desertas são um mundo.

Teem uma alma; uma alma estranha, profunda, eloquente... e variavel tambem), como as almas humanas.

Ao contemplal-as, surgem-me na imaginação as mais assombrosas evocações. Esqueço o tempo, encantada a ouvil-as, enquanto os meus olhos

admiram os seus cambiantes divinos, os seus aspectos sempre novos e inesperados.

Ora se afastam para distancias infinitas (visões ethereas, longinquas, inaccessiveis), ora se approximam, claras, nitidas, com um ar de sonoridade e de graça, mostrando os angulos afiados das suas ravinas, os recortes agudos dos seus campanarios, as rectas das suas torres e das suas ameias de basalto, o estranho conjunto da sua architectura de sonho que a luz transforma e onde o homem não tocou.

Às vezes são azues, opacas; entristecem lá no meio do oceano como se tivessem nostalgias e se tornassem de repente misanthropas. Outras vezes desatam a rir, futeis, transparentes, radiosas de luz e de ligeireza.

Passam do azul escuro e turvo para o rosado macio da carne, como um barometro de cobalto.

Falam de todas as tristezas e de todas as alegrias; são expressivas como gestos de tribunos, como rostos de actores: são impressionantes como vozes inspiradas de sybillas e de illuminados.

São tres.

Tres como os pessoas da Santissima Trindade, como as Virtudes theologaes, como as Graças... e tambem como as Parcas.

Da janella do meu quarto não vejo senão duas, mas sinto a terceira escondida e presente; e todas tres me falam, e todas tres me acompanham, como tres amigas, como tres camaradas.



Por sua causa não conheço a solidão. Que bellas coisas ellas me contam!

São tres...

Ao olhal-as ponho-me ás vezes a pensar na lenda «*dos tres vivos e dos tres mortos*»; e quando isso acontece, fico entretida horas, sem precisar de outra distracção.

É tão extraordinaria a lenda «*dos tres vivos e dos tres mortos*»! Tão pequena e tão grande, tão simples e tão transcendente, tão antiga e tão moderna, tão ingenua e tão profunda!

Quando ella me surge na imaginação, ao entardecer, elevando-se como um resplendor, como um vôo de águia, como um gesto de propheta, por cima das Desertas, não oiço nem vejo mais nada...

Sinto-a avançar da antiguidade, sósinha e pathetica, dominando o espirito humano, toda impregnada do perfume oriental da sua origem, colorida dos tons ardentes de que as metaphoras, no tempo afortunado dos Ommíadas, marcaram a litteratura arabe.

Vejo-a brotar, espontanea e limpida, da alma de algum vidente contemporaneo de Haroun-al-Raschid; e ouço-a contada a meia voz á sombra dos maravilhosos e perfumados pomares de Bagdad, no tempo em que o piedoso califa protegia os christãos na Syria e enviava a Carlos Magno a chave do Santo Sepulchro... E a voz grave do narrador sentado n'algum banco de mosaico, ou de

preciosos azulejos, ou de marmore, eleva-se no ar calmo e suave, enquanto sobre a sua cabeça pensativa se inclinam os ramos lustrosos das laranjeiras carregadas de pomos doirados, e que as outras arvores ostentam fructificações de crystal e de pedrarias como nos jardins mysteriosos e deslumbrantes onde o Aladin foi buscar a lampada encantada...

E vou seguindo a lenda:

Agora vejo-a perdida entre os manuscriptos empoeirados de uma bibliotheca de Sevilha ou de Granada na epocha da decadencia dos Abássidas; e depois, passando para a Italia, levada talvez por um dos trezentos mil musulmanos que Fernando III expulsou da Andaluzia.

Quanto caminho percorrido!

No entanto, em meados do seculo XIV, Andrea Orcagna, o unico mestre sobrevivente da escola primitiva de Florença, encontra intacta a prodigiosa lenda. No seu espirito religioso e grave, emergido laboriosamente das trevas da Edade Media, a metaphora arabe accorda um echo profundo.

Estamos no momento em que principia o alvorecer da era redemptora que dentro de cem annos abraçará a Italia. Mas por enquanto é um alvorecer turvo, hesitante, luctando por vencer o nevoeiro denso das superstições, dos terrores mysticos, dos labyrinthos da dialectica e da escolastica, onde a razão humana se perde. A arte da pintura balbucia ainda; procura a vida e custa-

lhe a enconral-a. Mas Orcagna, obcecado pela lenda *dos tres vivos e dos tres mortos*, pinta com fervor os seus frescos no Campo Santo de Pisa.

Pensa no grande rectangulo descoberto que tem por detraz de si, inundado de sol, e cuja claridade se vem recortar nas arcadas sobrias, esbeltas e cheias de uncção, do claustro. Pensa na terra que se estende sobre esse rectangulo, na terra que as galeras pisanas trouxeram orgulhosamente dos arredores de Jerusalem e onde se encontram tantas ossadas de corpos decompostos pela podridão tal qual como se estivessem enterados em chão profano. Respira o bafo gelado de crypta mortuaria que vem dos ultimos seculos decorridos alastrando-se sobre a humanidade como um sudario. Evoca o christianismo symbolisado nas magnificas cathedraes mysteriosas, cheias de renuncia e de silencio, onde o sol apenas penetra filtrado pelos vitraes doloridos, amortecido por visões de martyrios e de agonias. Exalta-se ao repetir os cantos da Divina Comedia.

A Morte reina sobre o mundo; e é á sombra da eterna segadora que Orcagna trabalha, sentindo sobre a sua fronte o reflexo immovel da lamina curva, reluzente e fria da gadanha symbolica.

Ninguem pensa em viver senão os desvairados, os réprobos. As vozes propheticas e lugubres sahidas dos conventos, terrorizam as almas e impõem o abandono absoluto dos interesses terrestres, a renuncia ás alegrias da existencia. A preoc-

cupação dominante dos espiritos é a morte, a previsão incessante do além-túmulo.

E Orcagna pinta o «Triumpho da Morte»; e para melhor demonstrar o vazio e a nullidade da vida e dos prazeres d'este mundo, conta a lenda arabe...

Lá estão *os tres vivos*, os tres grandes da terra com o seu brilhante acompanhamento de damas, pagens, cortezãos, soldados, de volta de alguma caçada ou de algum torneio, orgulhosos do seu poder, do seu esplendor... E na volta do caminho encontram *os tres mortos*, os tres reis deitados nos seus caixões abertos e representando ingenuamente *os tres graus da decomposição*; a inchação, os vermes e as cobras, a redução do corpo a esqueleto. Foram grandes e poderosos como aquelles que se ácham agora á sua frente, voltando um a cabeça com enjôo e repulsão, o outro fitando no chão o olhar pensativo e triste, o terceiro tapando o nariz...

É a lenda «*dos tres vivos e dos tres mortos*».

Ah! minhas lindas Desertas, que eu agora mesmo estou vendo, irisadas, poisadas sobre o mar com a ligeireza de nuvens transparentes e ephemeras! Que bellas historias ellas me contam e como povôam a minha solidão!

Ás vezes, á hora do poente, nos dias em que o sol mergulha no mar deixando no horizonte um

brazido e o ceu em volta semeado de nuvens resplandecentes, afigura-se-me que a luz ao despedir-se, abraça e beija as Desertas e lhes confia, até á madrugada seguinte, o deposito sagrado das Côres.

E então, enquanto o horizonte se vae a pouco e pouco apagando e que as sombras da noite principiam já a surgir do lado do nascente, eu vejo as Desertas immoveis e concentradas como tres relicarios. Tornam-se concavas, translucidas; transformam em crystal as suas rochas opacas; irradiam uma claridade sobrenatural como a taça milagrosa do Santo Graal. Contem no seio, fundidos, os amarellos pallidos, opulentos ou alaranjados dos topazios, o vermelho luminoso e rico dos rubis, o carmezim das granadas, o intenso e divino azul das saphyras, o verde das esmeraldas limpido e profundo. Assemelham-se a tres virgens christãs ajoelhadas defronte do altar onde tivessem commungado e onde se conservassem extaticas, transfiguradas pela intensa illusão de possuirem em si um Deus de infinita bondade e de suprema belleza.

Mas o poente empallidece a mais e mais; a noite avança lá do nascente... E nas Desertas as côres amortecem, languidas, descoradas, a morrer de saudades. Os rubis perdem o seu fulgor, as esmeraldas transformam-se em opalas, as saphyras em turquezas, os topazios em amethystas doloridas, magoadas...

Depois, na ilhota maior, as rochas altas e agudas desenham recortes vagos de cathedraes gothiccas; e as côres prisioneiras, que momentos antes brilhavam como um thesouro pagão, scintillam agora... amortecidos e mysticos vitraes illuminados interiormente por cyrios lacrimosos e lampadas de azeite bruxoleantes em volta de sacraríos.

E eu evoco as lendas christãs glorificadas na Edade Media, lembro-me dos milagres, dos martyrios, dos prodigios; revejo as multidões de Bellini em volta de Santa Ursula, a Santa Catharina de Luini levada ao ceu pelos tres anjos, o S. Jorge de Carpaccio combatendo o dragão, todas essas coisas encantadoras e radiosas criadas pela fé e enobrecidas pela arte.

Os ultimos reflexos do sol vão desaparecer no poente... Em torno das Desertas, de toda a orchestração das côres triumphantes, fica apenas o verde puro que não se allia a nenhuma outra côr, que não se funde, que envolve as ilhas moribundas n'uma aureola suave antes de ser absorvido pela sombra.

E a noite desce; e a lua surge no seu quarto crescente, como a lamina de uma foice, polida e fria, mostrando-me as Desertas negras, boiando lá ao longe no mar...

Então o rumo das minhas ideas muda mais uma vez: penso nas phocas de olhos de velludo que se abrigam nas mysteriosas grutas d'aquelles

blocos de basalto, gemendo e lamentando-se como almas penadas.

As phocas... E ahi vae a minha imaginação para a Escandinavia, para os encantados fiords da Noruega, subindo até Bergen, procurando o sol pallido que não abandona durante mezes e mezes o horizonte polar. Penso nos runas sagrados e á minha volta apparecem os epicos vultos da mythologia do norte. Envolvem-me as estranhas e grandiosas harmonias evocadas pelo genio de Vagner; oiço as vozes cubiçosas dos Niebelungen erguendo-se das entranhas da terra, o canto das Filhas do Rheno, o passo firme de Sigfried perseguindo o seu sonho de gloria, o tropel longinquo da cavalgada vertiginosa das Walkirias...

.....  
É que as Desertas teem a magia de Shehr-zade; e eu comprehendo o Sultão que escutou as historias maravilhosas, sem fastio e sem cansaço, durante mil e uma noites.





## O Gigante

Desde que cheguei a Lucerna, principiei a namoral-o.

Foi uma d'estas paixões fulminantes, o *coup de foudre* romantico de 1830, que tinha em si a desculpa de todas as loucuras e que a moral comoda d'esse tempo em questões de amor perdoava, acceitando com suspiros de resignação fatalista, os desvarios do coração em frente da catastrophe sentimental que o fulminava.

Logo de manhã, ao abrir a janella do meu quarto, eu via a *sua* fronte magnifica e arida, os *seus* flancos gigantescos sulcados de ravinas, epicas cicatrizes marcadas pelos recontros com os elementos atravez dos tempos; o *seu* vulto sombrio e tragico desenhava no ceu recortes monstruosos aureolados de prestigio, como a figura de um heroe lendario que nem a morte pudera vencer e que assistia, impassivel, á passagem dos seculos.

A sua belleza e a sua força eram superiores a todas as bellezas e a todas as forças. A sua testa, coroada de penhascos desiguaes, tocava no infinito; a sua alma commungava com a alma fugitiva do firmamento emquanto o seu organismo era irrigado pelo sangue ardente e generoso que lhe subia pelas raizes profundas desde as entranhas da terra.

Possuia todos os segredos poderosos dos Niebelungen e todos os philtros sagrados dos espiritos leves guardadores das supremas altitudes. Condensava no coração enorme as palpitações de todos os horrores, de todos os mysterios, de todas as trevas, de todas as claridades, de todos os pavores, de todos os deslumbraamentos, de todas as illusões e de todas as melancholias. Todas as vibrações do espirito humano pareciam mesquinhas comparadas ás vibrações do seu espirito que guardava em si, como n'um tabernaculo, as fontes da alma universal.

Nasci n'uma planicie e habituei-me desde a infancia á vastidão dos horizontes que se perdem em afastamentos apenas ondulados como a superficie do mar.

Durante a vida inteira vi a cupula do ceu assentar no circulo baixo de um horizonte por onde o olhar se espraia sem encontrar um obstaculo. As nuvens passavam e as tempestades; o ceu por vezes descia, carregado de vapores que se torna-

vam em torrentes de chuva; e os rios largos e serenos engrossavam, trasbordavam, inundavam as planícies transformando-as em mares de onde emergiam as copas redondas das oliveiras, as cabelleiras dos chorões, os troncos altos e esguios dos choupos... E logo voltava a limpidez da abobada azul e a linha circular do horizonte; e a minha vista de novo se estendia sobre as vastidões infinitas e razas.

As primeiras montanhas que eu conheci, foram os Pyreneus, depois os Appeninos, depois os Alpes, depois a serra da Estrella e os relevos formosíssimos da ilha da Madeira. E de cada vez foi um deslumbramento novo, uma attracção irresistível, um desejo infinito de subir, uma sede inextinguível de posse, uma paixão absorvente semelhante ao amor exigente e insaciavel, um goso indiscriptível feito de extasis e de terror sagrado, um mundo de sensações estranhas, contradictórias e divinas.

Ao chegar a Lucerna, já embriagada pela travessia do S. Gothardo, olhava constantemente para as montanhas e obcecava-me o desejo da altitude, attrahida pelos monstros que me cercavam e cujos cimos tocavam no ceu.

O Rigi estendia-me as suas vertentes risonhas; o Stanserhorn, encostado aos Alpes cobertos de neves eternas, promettia-me deslumbramentos ineditos... Mas os meus olhos fixavam-se já no

Pilatos, fascinados pela sua musculatura colossal, seguiam com uma paixão crescente a belleza taciturna dos seus relevos, a matta cerrada da base de onde emergia a nudez dos flancos gretados de abysmos, os pincaros bravios que se confundiam com as nuvens, escaldados e lividos.

O tempo estava mau; chovia quasi constantemente.

Aconselhavam-me a ascensão ao Rigi que as nevoas deixavam mais livre, ou ao Stanserhorn que me daria a visão mais perfeita dos Alpes... E eu não partia, tolhida pelo meu amor, esperando um dia mais claro, demorando-me, dando varias desculpas á minha inercia; no fundo transida de um mysterioso terror, tomada pela idea fixa de que traiçõaria o Pilatos se fosse a qualquer outra altitude vibrar das commoções que só elle deveria dar-me.

Ao entardecer encostava-me ao parapeito do Seebrücke e mergulhava-me na contemplação da montanha encantada, que de manhã se mostrara clara, de uma nitidez de crystal, depois, durante o dia, se toldara de nuvens, para agora surgir de novo em toda a gloria da sua tenebrosa formosura.

Não me cansava de o admirar; pensava nos thesouros que encerra, nas amethystas que se incrustam na sua rocha, na prodigiosa flora que o cobre... povoava-lhe as florestas e as solidões, de espiritos ligeiros ou profundos emanados do mysterio da sua alma insondavel.

E o sol descia a pouco e pouco. As sombras espalhavam-se sobre o lago e principiavam a trepar pelas encostas apagando as côres; o Bûrgenstock tornava-se mais negro sob o seu manto de florestas, mirando na água immovel a escuridão da sua massa alongada, como um leão deitado.

Ao longe a cordilheira dos Alpes, brilhava de uma claridade translúcida, levemente rosada... E o Pilatos avançava para mim, aproximava-se; os seus relevos fundiam-se, achatavam-se, deixavam de existir; toda a minha atenção se prendia aos recortes da gigantesca silhueta, que se erguiam, irregulares e selvagens como as ameias de uma fortaleza de Cyclopes, como as madeixas hirsutas e rebeldes de um Atlas sustentando nos hombros o peso do ceu.

E um dia, ao abrir de manhã a janella do meu quarto, um ar gelado trespassou-me até aos ossos e vi o Pilatos coberto de neve.

Era um manto real espesso e imponente, de uma radiosa alvura, pincelado aqui e além de negro (nos pontos onde a neve escorrera sem se fixar, ao longo das escarpas verticaes), como as romeiras de arminho cobrindo os hombros dos soberanos durante o aparato das grandes ceremonias.

Em Lucerna toda a gente se admirava; havia

cincoenta annos que o Pilatos não apparecia assim coberto de neve n'aquella epocha do anno.

E bruscamente, tomada de um subito ardor, resolvi não esperar mais, subir n'essa mesma tarde, ir dormir lá acima a dois mil e tresentos metros de altitude, afim de esperar sobre a neve, na madrugada seguinte, a apotheose do sol.

O dia principiava a declinar quando entrei no funicular que me levaria em cinco quartos de hora ao *Pilatus-Kulm*, sobre uma linha milagrosamente construida, que trepa entre penhascos e despeñhadeiros, atravessando abysmos, furando a rocha, até ao grande hotel.

Como poderei descrever essa jornada de sonho que excedeu tudo quanto a minha imaginação tinha phantasiado?

Primeiro foi a travessia da floresta verdejante, salpicada de oiro pelos raios obliquos do sol, mostrando-me pelas aberturas das suas luminosas clareiras, entre a filigrana pallida das ramarias, lá em baixo, cada vez mais distante e mais fundo, o lago onde se mirava com os cambiantes da madreperola, o ceu colorido pelo poente.

A aldeia de Horv, plantada como um presepio entre pastagens e bosques, alvejava apontando o ceu com a grimpa da sua egreja, disseminando em volta, n'um largo raio, os *chalets* rusticos tornados pequenos pela distancia, como brinquedos de creanças.

Os vapores da carreira riscavam no crystal do

lago as grandes linhas espumantes da sua esteira triangular. Um comboio passou entre a pradaria viçosa, traçando uma recta negra emplumada de branco pelo penacho de fumo, e logo desapareceu n'um bosque. O horizonte alargava-se; e todas estas coisas insignificantes e risonhas diminuíam de tamanho e perdiam importancia; a actividade humana nas suas variadas manifestações fundia-se no grande conjuncto, como as colmeias, como os formigueiros. Os dorsos arredondados das collinas achatavam-se; as linhas delimitadoras das culturas desapareciam.

E subiamos, subiamos sempre...

De um lado e outro do funicular os relvados espessos matizavam-se de flores raras, de arbustos que eu nunca vira; uma flora riquissima e estranha, de paraizo. Havia a doçura dos violetas pallidos, os tons magoados dos roxos sombrios, a escala ardente dos escarlates em bagas de porcelana, em folhagens que um outono precoce tingia de sangue vivo; havia as harmonias do azul, do amarello e da purpura real... e o oiro, o oiro desmaiado, muito puro, todo feito de luz; o oiro fulvo do Oriente; o oiro velho dos bordados antigos, o mais lindo de todos, o que menos brilha mas é tão rico de sumptuosas evocações e tão carregado de nostalgias...

As habitações rareavam. Às vezes, em torno de um *chalet* friorento cujas aguas compridas tocavam quasi no chão, abrigando escadinhas exte-

riores e fachadas de madeira esculpida, algumas vaccas recolhendo das pastagens, fartas de bôa erva succulenta, voltavam-se para nós agitando docemente os chocalhos musicaes, seguiam-nos com o olhar meigo e triste. Os barretes dos pastores (sentados no talude) pareciam corollas vermelhas sobre os cabellos loiros, sobre o azul do olhar tranquillo.

Depois, as folhas luminosas das faias, a fili-grana da floresta multicolor, foram dando lugar ao verde sombrio dos pinheiros e dos cedros; e a rocha escalvada e nua principiou a surgir do solo onde as pastagens se tornavam asperas e difíceis.

Já não viamos vestigios de vida humana; apenas de longe em longe, algumas cabras guardadas por nm pastor imberbe, de collete de velludo, que augmentava a melancholia da paizagem com as notas de falsete de uma canção dos Alpes vibrando na limpidez do ar como um ritornello de ocarina.

E subiamos, subiamos sempre...

Agora nem uma habitação, nem gado, nem viv'alma.

Algumas arvores erguiam aqui e além os troncos mutilados, partidos a meio, torcidos, dilacerados, carbonisados pelo golpe fulminante de um raio.

Principiava a tragedia. Entravamos nas regiões do silencio eterno, no imperio dos grandes



cataclysmos da materia bruta, dos desmoronamentos gigantescos, das tempestades taciturnas e horrendas, das infinitas desolações. Cercava-nos a grandiosa harmonia das forças colossaes e indomaveis.

O silencio descia com o crepusculo.

Entallados n'um vallado mais fundo, presos a uma raiz mais contorsionada, appareciam já alguns flocos de neve; e á medida que subiamos, o chão tornava-se branco a mais e mais... Por fim só essa brancura monotona, uniforme, gelada e solemne, recobriu tudo como um sudario.

Se olhava para traz, via as sombras da noite que inundavam os valles e tragavam as collinas e os montes; e á minha volta a neve resplandecia de um clarão lunar que lhe parecia proprio e dava a toda a paizagem o phantastico aspecto de um campo de outro mundo... d'esses mundos que vemos por vezes em sonhos e cuja luz diffusa, vaga, indecisa e fria, não é a luz da terra.

Agora á minha esquerda, erguia-se a pique uma colóssal muralha negra fechando-me abruptamente o horizonte d'aquelle lado no fim de um enorme lençol de neve. Era longe de mim? Era perto?... Não sei. A perspectiva enganava-me; tinha a impressão de que as leis physicas alli eram outras.

Á minha direita, a neve estendia-se em ondulações, trepando sem fim, perdendo-se lá em cima n'uma successão de pincaros altissimos...

A espaços abria-se uma ravina onde se despehava uma torrente; batia-me na cara o halito do abysmo.

Era o deserto, a solidão absoluta, o silencio profundo e sinistro onde palpitava apenas a respiração offegante da machina empurrando o wagon, com um som abafado e cavo como se estivesse envolvida em espessas camadas de algodão em rama.

O frio tornara-se cruel; o ar rareficado fazia-me latejar as arterias das fontes. Embrulhada n'um casacão de pelles e com um grosso cobertor sobre os joelhos, conservava-me quieta, dominada pela sensação de que o minimo gesto seria uma irreverencia no meio da magestosa immobilidade que me cercava, no meio do silencio extatico onde vibrava a alma sombria do Pilatos na sua communhão com a eternidade.

Já era noite fechada quando sahi da estação do funicular e me dirigi para o *Pilatus-Kulm*, o grande hotel solitario que brilhava sobre a neve como um pharol.

A neve, da altura de meio metro, gemia sob os meus passos com estallidos de vidro.

Inundou-me um intenso sentimento de alivio e de repouso ao entrar no casarão confortavel e banal, resplandecente de luz electrica, aquecido, povoado de gente de serviço agaloada, encasacada e correcta, munido de campainhas electricas, de ca-

sas de banho, de telephone, de todas essas coisas uteis e semsaboronas a que o progresso nos habituou, mas que alli me pareciam milagrosas.

Tinha chovido muito e a nevoa persistente afugentara os viajantes.

Ceei sósinha, n'uma casa de jantar enorme, profusamente illuminada e cujas mezas postas, luzindo da alvura das toalhas e do brilho dos crystaes, poderiam accomodar de tresentos a quatrocentos hospedes.

Depois da ceia, vagueei pelas salas, folheei um Bottin qualquer, parei no vestibulo defronte de um balcão cheio de bugigangas sentimentaes: a classica *edelweiss* entallada nas medalhas de vidro em forma de coração, cestinhos de palha bordados a lãs de côres, pequenos *chalets* rusticos de madeira recortados como rendas dentro das suas bocetas de papelão, pedacitos de rocha com incrustações de amethystas brutas, microscopicos alpenstocks e picaretas de montanha, que se abriam contendo facas de papel e canetas, chiffres de cabras montezas applicados a varios utensilios de escriptorio. Havia tambem, no mesmo balcão um estendal de postaes illustrados e de photographias com visões de radiosas alvoradas sobre os Alpes, alpinistas atados uns aos outros como enfiadas de pinhões trepando muralhas de gelo, atravessando abysmos, paizagens de opereta sobre fundos de geleiras e de bosques, vaccas do Simmenthal e pastores com o traje nacional offerecendo flores

alpestres ás pastoras de compridas tranças loiras e de olhos baixos...

Em todo o hotel estavam n'aquella noite cinco hospedes apenas: quatro inglezes rigidos, automaticos e silenciosos, e eu.

O gerente, de sobrecasaca e collarinho muito alto, passeava na sala de leitura deserta, com uns grandes ares de *lord*, fumando um enorme charuto. Mais adiante, n'outra sala, defronte da chaminé onde roncava uma fogueira de lenha, os quatro inglezes, solemnes como se estivessem postados detraz dos balcões das suas casas commerciaes na *City*, entregavam-se ás delicias de um *bridge* absorvente.

Approximei-me de uma janella; as vidraças duplas, embaciadas pela humidade do ar que se condensava nos vidros impedia-me de ver para fóra; o escuro impenètravel e o silencio que envolviam o hotel, deram-me a impressão de que estavam enterrados a uma grande profundidade abaixo do nivel do solo.

E tanto a rapariga que vendia os postaes, como os inglezes que jogavam, como o gerente, como os criados passando de vez em quando no vestibulo, todos se moviam e falavam pouco e sem ruido como se houvesse algures, n'um dos innumerados quartos do casarão enorme e vasio, um mysterioso doente ou um morto.

Installara-me defronte de uma meza, perto da janella, a escrever. No silencio ouvia-se apenas o

arranhar da minha penna no papel e as phrases curtas e rapidas dos inglezes:

« *Hearts.* »

« *Yes.* »

« *I leave it to you.* »

De repente, ao meu lado, qualquer coisa veio bater ao de leve na vidraça, lá de fóra, do escuro... qualquer coisa subtil como o tamborilar de uns dedos de fada.

Voltei-me em sobresalto; e como o ruido se repetisse, aventurei-me a abrir uma greta da janella.

Com uma baforada de ar gelado, entrou na sala um pequenino floco de algodão em rama; um farrapo de nuvem que redemoinhava perdidamente na vastidão dos aposentos.

E aquella apparição da creaturinha alada e leve, esvoaçando embriagada de luz e de calor, produziu um milagre: a vendedeira de postaes e bugigangas, que dormitava detraz do balcão, acordou e precipitou-se na sala; acudiram dois criados de casaca e um moço de avental verde; o gerente interrompeu o seu passeio e abandonou o charuto; os inglezes levantaram-se da meza de jogo; o ambiente somnolento vibrou de exclamações e de gritos; o pavimento encerado rangeu sob as correrias...

E foi uma caçada em forma, emocionante e cheia de imprevisto, até que a pobre avesinha,

exhausta, cahiu entre as mãos de um dos seus perseguidores

Era cinzenta; a cabeça coroada por uma pôpa arrogante; a cauda formada por um comprido leque de pennas riscadas transversalmente n'um desenho caprichoso onde os tons se degradavam em cambiantes infinitamente delicados. As suas formas tinham uma elegancia aristocratica e rara; cada penna era uma maravilha de belleza.

«Já temos dez, apanhados hoje desde que se accenderam as luzes», explicou-me a vendedeira de postaes. «Quasi todos diferentes e de variedades desconhecidas aqui. São passaros de arribação; não sabemos os seus nomes, nem de onde veem, nem para onde vão. Um professor de Lucerna recommendou-nos que apanhassemos todos que pudesseamos, para elle os estudar. E é muito facil; os pobresinhos agora, tontos com o frio repentino do Pilatos, attrahidos pelas luzes e pelo calor do hotel, precipitam-se contra as vidraças e entram logo, apenas abrimos as janellas.»

Sentei-me novamente no meu canto e continuei a escrever. Porém esta scena repetiu-se durante o serão umas poucas de vezes; o numero dos prisioneiros que vinham assim, transidos de frio, bater ás portas da prisão, elevou-se a dezesseis.

E cada um provocava o mesmo alvoroço, a mesma emoção repentina que fazia vibrar pelo espaço de uns minutos, de uma vida febril, aquella

gente silenciosa e somnolenta, como se as pequeninas azas frementes trouxessem em si um sortilegio, espalhando uma actividade ephemera sobre as sombras caladas e taciturnas, crystalizadas á minha volta n'uma immobilidade de sonho. E eram encantadoras aquellas baforadas de vida que vinham galvanizar o ambiente moroso...

Cada novo captivo apresentava um aspecto differente e cada um era um prodigio de belleza e de graça que nos cabia na mão fechada. Havia-os de cabecinhas chatas e de bicos recurvados como aguias em miniatura; outros de longas pennas na cauda abrindo-se como soberbos mantos reaes. Vestiam brocados e velludos, sedas de furta-côres, romeiras bordadas a pedras finas... E a todos agitava o mesmo tremor nervoso, o mesmo bater desordenado do coração afflicto, o mesmo olhar de inquietação, de pavor e de angustia.

Ao vel-os, o meu pensamento evocava as suas longas viagens, o ardente desejo de luz e de calor que assim os fazia andar constantemente atraz da primavera, juntando-os aos milhares nas costas de longinquos e mysteriosos paizes, afim de partirem aos bandos atravez dos mares, por cima das montanhas, passando de continente para continente com a regularidade do fluxo e do refluxo das ondas, e deixando o caminho juncado de pequeninas victimas do cansaço, condemnadas á prisão e á morte pelas leis inflexiveis da selecção.

Na madrugada seguinte, quando vieram bater

á porta do meu quarto para eu acordar, julguei, como Tartarin, que tinha acontecido alguma desgraça. Esquecera o lugar onde me encontrava e o espectáculo que me esperava lá fóra.

Atravez da vidraça não entrava a mais leve claridade, e tive de dar volta ao botão da luz electrica para poder ver o relógio.

Eram cinco horas.

Lavei-me e vesti-me á pressa, com a sensação persistente de que me preparava para assistir a uma catastrophe.

Embrulhei-me em tantos abafos que perdi por completo a minha apparencia humana e, ao olhar para o espelho, julguei ver o vulto de um animal prehistorico, um d'esses monstros extinctos cujo nome difficil acaba em *auro* e que, pelas suas formas estranhas, desconhecidas, perturbam a nossa razão.

Segui o interminavel corredor, lugubre como o corredor de um convento de trapistas; atravessei o vestibulo onde o porteiro me lançou sobre os hombros mais um cobertor e me indicou o caminho que devia tomar lá fóra, sobre a neve, para chegar ao ponto mais alto, de onde me seria dado o espectáculo do alvorecer.

E sahi para a brancura immaterial, para o frio cortante, para a immaculada transparencia do ar livre. Fui andando sobre a neve endurecida e escorregadia.

Quando principiei a subir o carreiro que ser-



pendeava pela vertente a prumo, vi que o para-peito de madeira que me protegia contra o abysmo, estava coberto de crystaes de gelo em forma de pennas, como se, na passagem, as avesinhas migradoras da vespera tivessem alli deixado os seus despojos.

O ceu clareava a mais e mais. Lá em baixo nos valles, era noite ainda: mas á minha volta a neve resplandecia.

Poucos minutos depois de eu chegar lá acima, principiou o deslumbramento.

Cada momento que passava, tornava maior o panorama grandioso que se estendia em torno de mim.

O nascente ia-se tingindo de verde pallido cujos tons suaves se degradavam até se fundirem no azul escuro do resto do firmamento.

Já os Alpes, fechando o horizonte immenso com a sua barreira de crystal, começavam a colorir-se de um rosado macio e translucido que a pouco e pouco se avivava. E a minha imaginação galgava a' maravilhosa cordilheira de diamantes e phantasiava do lado de lá, *o outro mundo*, o mundo da bemaventurança eterna que o Angelico viu todo resplandecente de azul, de escarlate e de oiro.

E o sol appareceu n'uma gloria de luz, n'uma apotheose de côres, inundando a terra com a profusão dos seus raios luminosos como espadas chammejantes de archanjos.

Os lagos surgiam lá em baixo, semelhantes a incrustações de madreperola e de prata; as collinas avelludavam-se do verde brilhante das pastagens, manchavam-se das sombras mais escuras dos bosques, salpicavam-se de casaes dispersos, mosqueavam-se de culturas.

Lucerna brilhava como uma joia no meio da vastidão infinita que se estendia para todos os lados; e outras cidades luziam tambem, outros lagos reflectiam o ceu, outros montes, outros valles, outras collinas... E a nevoa que alastrava aqui e alem sobre a terra o seu manto ligeiro, acrescentava a illusão á realidade afim de tornar ainda mais vasta a immensidade que os meus olhos contemplavam.

O Bürgenstock e o Rigi e o Stanserhorn ficavam abaixo de mim; aquelles gigantes que vistos de Lucerna, me pareciam tocar nas estrellas!

Nunca me encontrara a uma tal altura, nunca abraçara com a vista espaços tão infinitos, nunca deante dos meus olhos se desenrolara uma tal symphonia de côres.

O meu orgulho tornou-se desmedido; considerava-me n'aquelle momento, acima de todas as miserias, inacessivel a todas as dores, n'um antegoso do paraizo e da eternidade. Imaginava ter aos meus pés o Universo, imaginava que os meus olhos o abrangiam, que a minha razão o comprehendia e que nada mais havia digno de ver-se para mim, sobre toda a face da terra.

## Na Dinamarca

Durante a minha estada na Dinamarca empreendi um dia uma peregrinação piedosa ao castello de Kronborg, scenario onde se desenrolou a mais soberba tragedia que o genio humano tem criado.

Atravessam-se tres pontes sobre tres fossos largos, cheios de agua, antes de se poder vêr a fachada do castello; e de repente apparece-nos, tão sobria, tão grandiosa, tão cheia de magestade, tão impregnada de evocações, tão enaltecida pela poesia, que o nosso coração bate mais apressado... como se Shakespeare nos tivesse dito a verdade, como se o que elle contou estivesse agora succedendo detraz d'aquellas muralhas altas.

Todas as paredes falam na linguagem nobre do poeta.

É ao cahir da tarde, no infinito prolongamento do crepusculo...

Vozes de sombras, vozes de além tumulo pas-

sam como vôos cansados de pombas que veem de muito longe:

«Alto!... Quem vem lá?»

A segunda sentinella responde, entre a bruma:

«Sou eu.»

Depois Marcellus pergunta:

«Então?... Reappareceu esta noite?»

E o mysterio surge, cresce, confrange-nos a mais e mais o coração, apertando-o n'uma angustia indefinivel.

Ah! o grande pateo de entrada com as suas torres esguias apontando o ceu como se quizessem invocar o seu testemunho para a demonstração da immensa dor humana, as carrancas infernaes das gotteiras, a regularidade austera das janellas que parecem olhos de assombro, olhos profundos e immoveis de phantasma obstinadamente fixados no horror do passado que não quer morrer!

«Ha mais coisas na terra e no ceu, Horatio, do que as sonhadas pela tua philosophia...»

Como elle palpita alli em cada pedra enegrecida pelo tempo, o espirito do nebuloso principe dinamarquez! Como elle vagueia á sombra das velhas muralhas na excitação febril das suas noites de insomnia, no tormento das suas duvidas, cambaleando sob o terrivel peso que Shakespeare confiou aos seus hombros debeis: a encarnação da pobre alma incerta e fraca da humanidade!

«Ser ou não ser... eis a questão. Haverá mais nobreza d'alma em supportar a funda e a

frecha da fortuna ultrajante... ou então em nos armar contra um mar de sofrimento e vencel-o pela revolta? Morrer... dormir... nada mais...»

É o tragico desalento das nossas horas de agonia durante as quaes todas as claridades escurecem, e a esperança e a fé se afundam no oceano de um ardente desejo de aniquilamento!

Subi á esplanada onde lhe appareceu o espectro do rei. E a sua voz estrangulada pela loucura, vibrou no meu coração :

«...Quem quer que sejas... quer tragas as brisas do ceu ou as rajadas do inferno... Porque abriu o sepulchro as suas pesadas maxillas de marmore para te lançar de novo n'este mundo? E nós, bufões da natureza, porque nos abalas assim a imaginação com pensamentos inacessiveis á nossa alma?»

Parecia-me ouvir o lamentavel gemido do espectro diaphano, intangivel, fugitivo, confundindo-se com as brumas que sobem do Sund:

«Não te esqueças... não te esqueças...»

A côr do ceu, a côr do mar, a costa esfumada da Suecia ao longe, o silencio profundo, a luz vaga, de uma sobrenatural serenidade, a luz d'aquelles longos, longos crepusculos do norte, parados, angustiosos como deviam ser os crepusculos das primeiras edades do mundo, antes do apparecimento da vida...

Como Shakespeare adivinhou a Dinamarca!

Como synthetisou soberbamente na encanta-

dora figura do Hamlet, a indecisão do ambiente que se respira, a melancholia inquieta da paisagem, a incompreensível, incerta obcecação dos dias intermináveis, do céu tanto tempo iluminado, mudando vagarosamente do cinzento terreo para o azul cinzento... mais pallido... branco... verde claro... vermelho turvo... rosado... n'uma escala macia e triste de meios tons indefiníveis!

O castello de Kronborg não me trouxe desillusões. Apareceu-me superior ao que a minha imaginação tinha phantasiado. Todo elle rescende não sei que perfume de magestade triste, de augusta e epica serenidade, de terror sacrosanto, como se os dois espiritos abraçados de Shakespeare e de Hamlet lhe pairassem eternamente em volta, prestando-lhe uma alma de mysterio, fazendo-o palpitar de uma vida intensa e concentrada, erguendo-o n'uma attitude quasi humana, pensativo, melancholico, a reflectir nas aguas escuras do Sund as grimpas das torres, os labores austeros da fachada, e guardando para sempre a marca tragica dos acontecimentos que o poeta criou nos seus flancos e que lhe deram a palma da immortalidade.

Quando penso no tempo que passei na Dinamarca, é sempre como n'um periodo irreal da minha vida, fluctuando entre a verdade e o sonho: qualquer coisa como a visão de um paraiso, imperfeito sem duvida, porem bastante privilegiado para que no meu pensamento, o separe de todas

as outras paragens do mundo onde os homens existem e soffrem. O que lá vi e observei, arreigou profundamente no meu espirito a convicção da enorme capacidade de aperfeiçoamento de que a humanidade é susceptivel.

É uma nação rica, prospera e bem governada. Nas ruas de Copenhague não presenciei a exhibição do luxo a que as outras capitães da Europa me teem habituado; em compensação nem uma unica vez encontrei a miseria, quer nas cidades, quer nos campos.

A agricultura (a industria mais moralisadora que existe) occupa quasi metade da população; o povo é dos mais instruidos que eu conheço.

As leis são prudentes e ajuizadas; a repartição das terras e dos bens é equitativa; e em todo o paiz se respira uma atmosphaera de contentamento calmo e fecundo, propicia ao desenvolvimento dos sentimentos nobres, ao amor do estudo e do trabalho, á cultura das sciencias e das artes.

Assim, florescem as duas escolas scientificas a cuja testa respectivamente se encontram Streenstrup e Schiaedte; e a pedagogia enriquece-se com os trabalhos notaveis de Heegard e Feilberg.

Na esculptura apparece-nos o genio calmo de Thorwaldsen cujas criações possuem o cunho da belleza imperecivel da estatuaria grega; e o theatro dinamarquez, relativamente o mais rico da Europa, eleva continuamente o seu nivel desde o principio do seculo XVIII.

Etiam com as suas operetas e comedias, e o romancista Benzon, criam obras que alcançam uma popularidade assombrosa.

Finalmente Holger Drachmam, denominado *o Shakespeare dinamarquez*, tornou-se um dos mais illustres representantes da escola realista.

Ha no espirito dinamarquez um mixto de solido bom senso e de poesia elevada que estupefica. Aquella nação, comprehendendo o genio do progresso moderno, alliou á alma sonhadora herdada da suave deusa Freia, dispensadora da juventude eterna, a noção exacta dos meios mais praticos para alcançar a felicidade terrestre.

Havia já tres semanas que eu estava em Copenhague, quando tive de ir a Helsinborg, na costa sul da Suecia, a uma afamada exposição agricola d'aquella região.

A Suecia, a Noruega... que sonho! Que desejo ardente me torturava de ir sempre mais para o norte, de conhecer aquellas paragens de mysterio, aquelle mundo tão novo e tão imprevisto para os meus olhos de meridional!

Foi uma jornada linda pela costa da Zelandia, toda povoada de casaes risonhos e pittorescos, ora pintados de branco e telhados de ardosia ou de tijolo, ora cobertos de colmo e de musgos, riscando na planicie verdejante os angulos agudos das empenas, com a frescura das janellas quadradas, pequeninas e todas floridas, detraz das quaes



se vêem cortinas brancas de renda e se adivinha o bem estar das populações ruraes tão afortunadas.

Prados a perder de vista avelludados de trevos abundantes, campinas de uma deliciosa monotonia cortada aqui e além por massiços e pequenos bosques ramalhudos de faias e carvalhos, que parecem reproducções de télas de Wateau e de Laneret sob um ceu differente, [um ceu brumoso e triste do norte.

A espaços apparece a agua cinzenta do Sund do outro lado do qual se esbate a costa da Suecia; a ilha sueca Hven com as torres das suas egrejas e a brancura dos seus casaes, poisada levemente sobre o mar, envolvida em nevoas transparentes comô a visão de um sonho.

Aqui e além surgem os moinhos altos, conicos, com as grandes velas hirtas em cruz, terminados por uma cupula bysantina, tão inesperada n'aquelle ambiente septentrional.

Por vezes, nas cumieiras das casas mais altas, um grande ninho esguedelhado, com a silhueta immovel da cegonha, de pé a vigiar os filhos. As vaccas vermelhas dinamarquezas, de armações curtas e de cabeças airosas, pequenas e robustas, animam a paisagem.

Principiamos a travessia do Sund. E então é como se bebessemos um filtro encantado; tudo se transforma; entramos n'um mundo novo.

Á medida que nos distanciamos da costa, ap-

parece-nos á esquerda o vulto magestoso e calmo, impressionante, do castello de Kronborg.

Os bosques dinamarquezes mergulhando quasi no mar, e as torres e o casario de Helsingor afastam-se e esbatem-se a mais e mais; detalha-se a mancha de Helsinborg espalhando-se n'um amphitheatro doce sobre o fundo escuro das florestas, erguendo as chaminés das fabricas, apresentando as fachadas de tijolo dos palacios, lançando para o ceu a nota epica do seu velho castello cuja torre alta é coroada pelo vôo continuo e pelo grito plangente de centenas de milhafres.

Passam junto de nós algumas embarcações costeiras, pesadas, sombrias, com as grandes velas quadradas e negras enfoladas ao vento, a quilha rasgando a superficie da agua, o bojo largo e chato onde os tripulantes (figuras taciturnas) teem o aspecto de phantasmas ao afastar-se e mergulhar gradualmente nas brumas do canal.

E ao ver esses tripulantes evocam-se-me no pensamento os seus remotos antepassados, os Vikings, que nos seculos XI e XII sulcaram os mares da Europa nos seus *drakars* de carvalho, calafetados com pêlo de boi alcatroado, erguendo na prôa altiva a cabeça do dragão symbolico, içando a vela quadrada tambem...

Inclinavam-se quarenta remadores e mais sobre os remos em forma de pangaios, e os guerreiros, de pé, com as lanças compridas em punho, os escudos redondos e chatos apoiados á borda da

embarcação, exploravam os mares com os olhos de aventureiros a luzir de cubiça e de ousadia sob a pala do elmo recurvado como um barrete phrygio.

Reconstituíam-se-me na imaginação aquellas heroicas expedições de barbaros lançados á conquista do desconhecido, entrando arrojadamente pela embocadura dos rios, pilhando cidades e conventos, assenhoreando-se da maior parte da Irlanda e da Inglaterra, de toda a Friza e da Normandia, subindo o Sena até Paris, avançando até Hespanha, até á Italia, luctando contra os finlandezes e contra os eslavos, assolando as costas do mar Morto e do mar Caspio, penetrando finalmente em Constantinopla onde a civilização bysantina os impregna; e voltando á patria com ella no sangue e com a alma rude de vandalos perturbada pela revelação do christianismo.

E parecia-me ver expandir-se lentamente na peninsula escandinava, o espirito oriental.

As florestas seculares onde Siegfried entendera a linguagem dos passaros e matara o dragão Fafner, transformavam-se em egrejas e basilicas floridas do estilo bysantino. Os runas sagrados já não se gravavam nas pedras, e diziam outros mysterios; inscreviam no pergaminho a lei da Scania; os Eddas e os Sagas passavam gradualmente da atmosphaera pagã para o ambiente austero das bibliothecas monacaes; a lenda barbara curvava-se ás necessidades da propaganda religiosa do Orien-

te; a epopeia livre e audaz da mythologia abraçava-se do amor de Jesus. O heroe celtico Hartus, gloria dos trovadores pagãos, partia agora á testa dos Vinte e quatro da Tavola Redonda á conquista do Santo Graal; e o bispo que presidira ao grande acontecimento da conversão dos hungaros, passava a ser tio de Brunehilda que os Sagas tinham criado cinco seculos antes!

A Islandia inteira abraçara o christianismo.

O impulso de todos aquelles povos para a nova religião era colossal; repudiavam as tradições do culto pagão com um doloroso horror.

Aquellas regiões de sonho e de mysterio, envoltas nos seus infinitos crepusculos de limbo, terras de clarões lividos e rubros e de brumas eternas, absortas já na encantação estupefacante do polo, aspiravam com ardor á luz descoberta pelos Vikings. Queriam assimilar na sua alma barbara, obscura e indomavel a civilização latina, substituir os seus heroes lendarios e triumphantes, pelo martyr crucificado no Golgotha.

Assim a Escandinavia galgou as enormes distancias ethnicas que a separavam do Occidente, e crescendo em força e em poder expandindo-se, instruindo-se com um ardor apaixonado, conseguiu no seculo XVIII chegar ao seu apogeu, representando um papel importantissimo na politica europeia, tornando-se n'uma grande potencia pela sua intervenção na guerra de trinta annos.

Porém desde o principio do seculo XIX a Suecia

deixa de se occupar dos interesses internacionaes e concentra o seu esforço no desenvolvimento continuo e fecundo da industria e no progresso da sciencia.

A exposição agricola de Helsingborg interessou-me muito.

Senti na palpação intensa de vida que me rodeava, o grande impulso industrial de um paiz digno da nossa admiração, a elevação do seu povo esclarecido, o intelligente desenvolvimento da sua agricultura.

Achava-me longe das exposições aparatosas da minha terra, por onde o camponez circula incomprehensivo e pasmado, e de onde parte sem levar o mais leve proveito, nem a sombra de qualquer ensinamento util.

Alli as machinas, os productos, os animaes eram examinados e commentados pelo publico attento, com o criterio robusto de um raciocinio bem orientado. E eu tinha um intenso prazer ao presenciar o movimento intellectual que me cercava.

O povo entendia, observava, assimilava, já educado, capaz de conhecer o seu interesse e de aspirar ao progresso, liberto dos grilhões do empirismo e das credices alvares, confiante na sciencia.

A este meu prazer misturava-se a sensação que me vinha dos aspectos novos, da harmonia reve-

lada na saude physica e moral d'aquelles entes equilibrados e perfeitos.

Entre as nuvens de pó e de fumo, na confusão de vozes da gente e dos animaes, rancos de machinas, redemoinhos da multidão, passavam ao meu lado mulheres com os pescoços e os braços nus, vestidas de côres alegres, grandes, esbeltas sadias, de um asseio escrupuloso, brancas e loiras, com a pelle assetinada, rosada, fresca e pura como folhas de rosa, os olhos claros e transparentes, os dorsos flexiveis: o typo das virgens fortes que povoam a mythologia do norte e que o christianismo nunca apagou, o typo das Walkirias.

Um carro puxado por tres cavallos possantes e enormes, fez tremer a terra ao meu lado; o cocheiro tinha a barba frisada e loira e os olhos azues; era muito grande, espadaúdo e forte; guiava os cavallos de pé, com uma redea em cada mão.

Era bem o descendente dos Vikings, o aventureiro e o conquistador, mas tendo acompanhado o movimento do progresso humano, dirigindo agora a sua actividade n'outro sentido, tendo comprehendido que a aventura e a conquista nos tempos modernos se exercem em campos differentes, e dando com essa comprehensão a prosperidade á sua patria.

Quando depois de atravessar a Zelandia, embarquei em Korsör, levava em mim o sentimento melancholico de uma grande saudade.

O mar estava liso e irisado como as aguas do Lemam. A costa da qual me afastava, reflectia no enorme espelho de crystal os seus bosques verdejantes e a sombra dos grandes moinhos industriosos; a planicie parecia a continuação do mar, tão plana e avelludada, fundindo a pouco e pouco os seus verdes variados n'um tom unico de uma doçura infinita.

A minha vista abandonava difficilmente aquella deliciosa terra de promissão e fixava-se na sombra da Fionia que se detalhava gradualmente defronte de mim, mais pittoresca, mais variada, mais parecida com outras paisagens onde os meus olhos tinham descansado.

A luz, a pouco e pouco, mudava.

Ao desembarcar em Nyborg, o sonho estava prestes a acabar. O Grande Belt ficava longe, atraz de mim, com os seus reflexos de aço polido onde se mirava o ceu quasi branco. Já longe tambem a doçura dos crepusculos, a orchastração das sombras, e a paz infinita d'aquelles campos de uma divina monotonia onde nos parece que as vidas humanas devem ser eternas.

Ao descer a Jutlandia, o sonho tinha morrido; e no Sleswig o funcionario e o militar allemães com a sua lingua rude, a sua rigidez convencional e os seus movimentos de automatós, assustaram e puzeram em debandada as ultimas visões do meu paraizo perdido.

Embrulhei-me na manta de viagem, cerrei os

olhos para não ver os representantes da civilização germanica, isolei-me o mais possível no canto do wagon, repetindo mentalmente as immortaes palavras de Siegfried:

« Se eu devesse viver medroso e sem amor, lançaria a vida para longe, para traz de mim, como lanço este bloco de terra. »



## Na Hollanda

De Hamburgo a Amsterdam foram nove horas penosas de comboio, sob um ceu pesado e baixo de trovoada, atravez de um ar morno e suffocante.

A travessia de certas regiões do norte, sobretudo das dunas do Zuiderzee, deixou-me uma impressão de monotona melancholia.

Não era aquillo que eu esperava na Hollanda.

Campos magros e desolados, extensões nuas, o areal pardo e uniforme onde se levantam rachiticos tufos de vegetação inutil, e aqui e além, habitações friorentas de grandes aguas inclinadas até ao solo, de grandes beiraes que avançam tornando as fachadas sombrias... umas pobres fachadas medrosas onde se recortam janellas pequenas e quadradas que não deixam adivinhar os interiores.

A desolação augmenta á medida que avanço e o dia vai declinando. As dunas tornam-se mais desertas e aridas; apenas surge a espaços uma cabana denegrida e meio arruinada.

No crepusculo cinzento e livido de tempestade, vejo caminhos solitarios onde passam figuras tristes de mulheres antigas, vestidas de preto, com os cabellos repuxados para traz ou apartados a meio da testa como nos retratos dos pintores flamengos primitivos e com as toucas brancas muito simples que se harmonisam com o seu ar recolhido e conventual.

A noite descia a mais e mais; acabou por cobrir de todo a terra, sem que um aspecto mais risonho viesse attenuar o meu desapontamento ao entrar no paiz dos canaes, dos moinhos, dos prados, do solo fertil, do asseio escrupuloso e do intelligente e methodico aproveitamento do chão que se desfaz em carne, em queijo, em manteiga e em flores.

Ao chegar a Amsterdam, encontrei nas ruas illuminadas o movimento commercial, febril, anti-esthetico e banal de todos os portos de mar, o ar cosmopolita de gente de passagem que se quer divertir grosseiramente, seja como fôr, contanto que se desforre das longas horas passadas sobre a monotonia apathica das ondas, ou dos momentos de angustia a luctar contra as tempestades.

Apenas installada, debruço-me á janella do meu quarto de hotel e tenho a surpresa de ver o aspecto da *calle de Sierpes*, em Sevilha, á noite. Esta impressão é-me desagradavel. A dominação hespanhola na Hollanda foi tão anthipatica e tão cruel,

que não posso querer bem aos hollandezes por guardarem, mesmo ligeiramente, o cunho de uma tal affronta.

Estou de mau humor. Vou-me deitar cansada e triste, sem reacção possível contra a desillusão, contra o desapontamento que me afflige como um desgosto.

Accordam-me no dia seguinte as notas claras e alegres dos carrilhões. É domingo. Atravez da bruma leve que paira quasi constantemente sobre os Paizes Baixos, toda a atmosphaera se impregna de luz.

Percorro as ruas com um sentimento delicioso de resurreição.

Vejo a Amsterdam dos livros, das photographias, das estampas, que d'ella me tinham falado antes de eu a conhecer.

As casas parecem-me envernizadas, as ruas escovadas e enceradas; não ha poeira, não ha lama; tudo é limpo, nitido, immaculado.

O verdadeiro character da deliciosa *Veneza do Norte* apparece-me como uma revelação. Os numerosos canaes que a cortam em todos os séntidos, as suas casas estreitas e altas, de empenas viradas para a rua e mostrando as fachadas polidas e brilhantes, os seus monumentos, as suas egrejas, a sua alma austera e conservadora das tradições, o seu burguezismo impregnado de uma aristocracia especial, tudo a pouco e pouco me penetra encantando-me.

Almoço n'um restaurante, perto da janella muito larga que abre para a rua. O parapeito d'essa janella é tão baixo que dá pela cintura de quem passa; e eu tenho a impressão de estar no meio de toda aquella gente cheia de placido bom humor, que vai desfilando deante de mim como uma procissão.

N'uma casa fronteira ha o ensaio de um orpheon (qual será a rua de Amsterdam que não conta entre as suas casas pelo menos uma séde de sociedade de musica?) cujas vozes graves e afinadas se elevam com uma uncção religiosa.

Passam as burguezas vestidas sem gosto e de physionomias inexpressivas, mas muito bem pregadas, com as formas opulentas apertadas nos trajes modernos que não valorizam o seu genero de belleza, muito limpas, brancas e coradas, cheirando ainda ao sabão das monumentaes lavagens domesticas do sabbado.

Não, os trajes modernos não valorizam o genero de belleza das burguezas de Amsterdam; appetite-me recuar de alguns seculos, penteal-as de novo e toucal-as e vestil-as á maneira dos retratos hollandezes do seculo XVI.

Pelles macias de fructos maduros de uma finura e de um colorido de veludo e de setim, expressões, gestos e attitudes de uma placidez desabrochada no ambiente calmo dos lares profundamente honestos, refractarios á comprehensão dos modernos ideaes de emancipação, contendo em si a felicidade completa dos simples, criada entre as pa-

redes bem lavadas, enfeitadas de faianças, orna-  
das de moveis pesados cheios de roupas finas e  
bordadas, tendo junto da janella a cadeira funda  
e confortavel onde se pensa docemente no desa-  
brochar das tulipas...

Quasi todas ellas teem os olhos azues, claros,  
ingenuos; no entanto ha no fundo d'esses lagos  
tranquillos não sei que fulgor latente, não sei que  
força intensa de obstinação que nos faz pensar  
nas heroínas de Harlem...

Em numerosos grupos, os asylados e asyladas  
aproveitando a sua liberdade do domingo, mistu-  
ram-se á multidão dando-lhe a nota pittoresca dos  
seus trajes copiados dos antigos trajes nacionaes.  
E os jaquetões pretos e vermelhos, os bonés das  
mesmas cores, os corpetes abertos e de mangas  
curtas sobre as camisolas brancas e as camisas  
engommadas e bordadas, vestindo aquella mocidade  
forte, sã e feliz de viver, dão-nos uma extra-  
nha visão de scenario de opera, harmonisando-se  
com os cantos do orpheon e com os carrilhões que  
fazem vibrar no ar de quarto em quarto de hora,  
pequenos trechos de musica popular, como vãos  
alegres de passaros redemoinando sobre a ci-  
dade.

E esta impressão accentua-se com o perpassar  
das mulheres do povo de toucas de cambraia al-  
vissima e brincos e enfeites de oiro placados so-  
bre a testa e nas fontes...

Sigo com interesse o andar bamboleante dos

*lobos-do-mar*, com o boné de seda preta, a barba de *passa-piolho*, o cachimbo ao canto da bocca chocarreira, os olhos vagos e queimados de quem viu muitas vezes a morte cara a cara e pouco valor dá ás coisas da vida que tem presenciado sobre todos os pontos do globo.

Ao olhar para elles, penso que são os descendentes dos *Gueux* que Guilherme de Orange lançou contra os hespanhoes do duque d'Alba, a sacudir o pesado e affrontoso jugo de Filippe II; penso no soberbo impulso de coragem, de hombridade e de heroismo, com que os holandezes luctaram pela sua independencia.

E depois... entristeço porque me lembro de que a mesma mão de ferro nos apertava então, que durante 60 annos supportámos o vergonhoso dominio e que mais tarde, emquanto a Hollanda já livre, caminhava triumphante na conquista progressiva do seu bem estar e da sua felicidade, da sua riqueza, do seu equilibrio e da sua expansão, vencendo o oceano, roubando-lhe o terreno dos seus *polders* uberrimos, espalhando por todos os mares os seus navios mercantes, fundando e desenvolvendo o seu vasto imperio colonial, nós...

De tarde fui dar uma volta pelo bairro dos judeus, que me assombrou.

Ao dobrar uma esquina, com os olhos ainda encantados pelos aspectos pittorescos e risonhos da cidade, com os ouvidos ainda cheios de har-

monias, alli, de repente, sem transição, o *gheto* infame, sombrio, repugnante como uma placa de lepra.

Ruas estreitas e infectas, a agua dos canaes coberta de immundicies, as calçadas sujas maculadas dos mais nauseabundos detricos; nas encruzilhadas grandes caldeirões ao ar livre com indescriptiveis cozinhados, em torno dos quaes se apinha a turba dos freguezes; um apertão de gente que compra, que vende, que gesticula, que grita; uma atmospherã espessa, quasi irrespiravel, como se a sua renovação fosse impossivel entre aquellas casas altas cujos beirões, salientando-se dos dois lados, formam como um toldo a impedir a penetração do sol, cujas empenas se alinham, agudas, terminadas pelo pau de fileira que avança, sustentando na ponta a roldana de onde pendem as cordas para içar mercadorias...

E entre tantas e tantas creaturas de aspecto miseravel ou remediado, feias ou bonitas, velhas ou novas, esbeltas ou deformadas, *não se vê uma physionomia que não seja accentuadamente hebraica*. As feições são marcadas pelos caracteres inflexiveis da raça, em todos os rostos; *em todos*, como se de repente nos encontrassemos n'outra terra muito distante e sem communicação com o resto dos paizes habitados, sem possibilidade de cruzamentos que attenuassem a firmeza da linha hereditaria.

Como é que os traços fundamentaes d'aquella

raça prodigiosa se conservaram assim tão puros, tão livres de qualquer liga, ha seculos, desde que os hespanhoes, os italianos, os portuguezes, expulsaram os judeus e que elles se refugiaram alli, na *Nova Jerusalem*, mantendo-se isolados no meio de uma cidade populosa como se fosse no meio do deserto ou do oceano, sem que o ambiente que de tão perto os rodeia lhes modifique os caracteres physicos ou moraes?

Este enigma apresentando-se ao meu espirito veiu escurecer a alegria do meu primeiro dia em Amsterdam.

Que dores, que luctas, que heroismos ignorados, que torturas, que sangrentas humilhações... e que força colossal de reacção e de vontade para viver apezar de tudo, e persistir, e durar, e prosperar, e produzir tantas intelligencias maravilhosas, e contribuir tão poderosamente para a conquista da luz e da verdade!

Parece-me que vejo pela primeira vez aquelle povo antigo e assombroso que surge desde os principios da Historia e que sem patria, sem lar, rechassado, magoado, torturado, paria, miseravel e banido de toda a parte, vae proseguindo no seu caminho; Phoenix eternamente renascente, incansavel Ahasvero percorrendo sem repouso o mundo, como um remorso pathetico e immortal, e tambem como um estyigma a marcar a crueldade a injustiça e a imbecilidade humanas.

Foi durante a minha estada na Haya que com-



prehenidi melhor as qualidades excellentes do povo hollandez.

Um dia, nos arredores d'esta cidade, em pleno campo, tive occasião de receber uma impressão que nunca mais poderei esquecer.

Munida de uma carta de apresentação, fui visitar uma quinta, propriedade de lavradores modestos, afim de fazer uma idea da vida rural d'aquella região.

Levava uma carta de apresentação, porque não succede na Hollanda como na Dinamarca, onde todas as portas se abrem deante do estrangeiro com uma candida e serena confiança que repousa e consola a nossa alma entristecida pelo embate continuo do egoismo.

Os hollandezes são mais cautelosos e mais concentrados. Porém quando a porta dos seus lares se abre, é de par em par; e quando entramos, é até ao fundo que podemos ver os seus interiores ordenados e limpos, comprehender as suas vidas transparentes, e admirar a simplicidade e a pureza dos seus costumes.

A casa era situada no meio de um prado immenso, a perder de vista, cortado pelas rectas de pequenos canaes cujas aguas corriam sem ruido entre as margens ramalhudas de verdura.

As vaccas pretas, com o ventre e o peito de um branco immaculado, enormes, gordas e de pelagem lustrosa como setim, pastavam, espalhan-

do-se na planície com o ar sereno de animaes sagrados symbolisando a abundancia e a paz.

Ao longe, deslizava para o norte uma pequena theoria de velas razando a terra, como se a quilha dos barcos escondidos fosse cortando a praderia n'um movimento vagaroso; eram embarcações carregadas de mercadorias, que seguiam o grande canal, navegando da Haya para Leyde.

Ao apear-me do Decauville que me tinha trazido da Haya, tomei um caminho que me indicaram, atravez dos campos, e em breve deparei com a habitação que procurava.

O conjuncto do edificio era irregular, como se gradualmente as construcções tivessem sido acrescentadas ás construcções, á medida que ia augmentando a prosperidade dos proprietarios; typo commum da habitação rural que eu já tinha visto no decorrer de outras excursões.

Mais um corpo baixo para a abegoaria, mais a torre do pombal, mais um alpendre, mais um celleiro, mais um quarto... e assim se obtem o edificio, agglomerado de corpos fundindo-se n'um só corpo, e cujo conforto interno se adivinha atravez dos vidros de algumas janellas: cortinas, ornamentações singelas, o bem estar moderado e estavel, equilibrado com a ordem e o escrupuloso asseio de todas as dependencias.

Transpuz o largo portão escancarado, encontrando-me no pateo enorme sob cujos alpendres se amontoava o feno e se alinhavam methodica-

mente os vehiculos, os apparatus aratorios e os utensilios de lavoura, limpos, polidos, brilhantes como se fossem novos.

A um dos lados do pateo erguia-se a fachada da habitação.

Era pittoresca, mostrando sob o angulo agudo da empena, as janellas largas cujos parapeitos avançando para fóra em prateleira, sustentavam vasos de flores. Quatro taboas cruzadas em X, em toda a altura da parede, pareciam segurar a alvenaria crespada onde se agarravam trepadeiras. E os beirões salientando-se muito, davam uma sombra escura á parte superior da fachada, fazendo-me pensar na neve dos invernos rigorosos, que pende dos telhados como flocos, farrapos alvissimos, e escorrega ao longo das aguas muito inclinadas, vindo cahir no chão sobre o grande lençol estendido a perder de vista emquanto lá dentro, ao calor das lareiras accesas, na alegria do fogo rubro e dansante, a familia se reúne, falando de coisas simples e gozando do conforto que a defende do frio e a concentra no lar.

Quando eu me dirigia para a porta de entrada, sahia justamente de lá um rapaz alto, de bigode loiro, com as mãos brancas e bem tratadas e parecendo muito á vontade no seu fato de passeio desprezencioso e elegante.

Foi grande a minha surpresa quando ao perguntar-lhe pelo dono da quinta, me respondeu

n'um francez correcto, que tendo o seu pae morrido havia alguns annos, era elle actualmente, como filho mais velho, o chefe da familia.

«Enganei-me de certo» disse eu. «Procuro uma familia de camponezes...»

Mas elle interrompeu-me sorrindo:

«Não ha engano. Somos uma familia de modestos camponezes.»

Com effeito reconheceu o seu nome no sobrescripto da carta que lhe apresentei e, tendo-a lido, poz-se immediatamente ao meu dispôr para tudo em que podesse ser-me agradavel.

N'este momento entrava no pateo um rapaz loiro como elle, porém mais novo e mais robusto, segurando em cada mão um grande balde cheio de leite. Vestia uma blusa de riscado limpa mas desbotada, trazia os pés nus mettidos em tamancos de pau e o suor escorria-lhe da testa.

O meu companheiro chamou-o e apresentou-nos; era o irmão mais novo, que escolhera a vida de lavrador e que tinha a seu cargo os trabalhos da quinta.

A minha surpresa redobrava; e ao apertar a mão d'aquelle colosso risonho que descançara os baldes no chão para me dar as boas vindas, pensava de mim para mim que afinidade poderia haver entre os dois irmãos educados de modos tão differentes.

Porém os dois rapazes pareciam excellentes camaradas; e em breve percebi que o lavrador

tinha uma instrucção muito superior ao que eu imaginava. Cursára uma escola agricola do Estado, lia e estudava, exercia a sua profissão subordinando-a á sciencia moderna, o que de modo algum o impedia de pegar na gadanha nem de acarretar o estrume.

Entrámos em casa onde fiz conhecimento com a mãe e com a irmã dos meus novos amigos.

O interior era modesto e encantador; não havia um movel de luxo e não faltava um só conforto compativel com o grau de fortuna dos seus habitantes.

A não ser a gente de fóra que trabalhava no campo, e uma rapariga que ajudava nos serviços caseiros, não havia criados.

As duas mulheres tratavam de tudo e além d'isso tinham ao seu cuidado a fabricação dos queijos.

Estavam justamente procedendo a esse trabalho quando eu entrei: e logo fui conduzida á vasta sala bem arejada e clara, luzente de asseio, onde a mãe se occupava da salga, emquanto a filha acabava de lançar a coalheira na grande dorna cheia de leite.

A primeira era o verdadeiro typo da camponeza da Hollanda; de rosto vermelho e prasenteiro sob a alvura da touca, o corpo rechonchudo mettido no corpete negro, a saia de muita roda e curta deixando ver as meias brancas de lã, o avental de neve atado á cintura com um grande laça-

rote. Havia o quer que fosse de chocarreiro na sua expressão, e o bom humor misturava-se a um fundo honesto de candura que me fazia pensar nos typos de Breughel.

Mas a filha não era a camponeza anafada e de simploria esperteza que encantara os pintores flamengos do seculo XVI. Havia n'ella outra luz interior, outra espiritualidade no seu olhar claro e firme, na linha mais oval do seu rosto expressivo, nas curvas graciosas do seu corpo cingido na grande blusa de trabalho que lhe descia até aos pés.

Não pude trocar com a mãe senão sorrisos, pois só falava o hollandez; porém a filha exprimia-se razoavelmente em francez, e conversámos muito.

Fôra educada n'um collegio em Leyde; sabia alguma coisa de historia, de sciencias naturaes, de linguas e de musica.

«Assim a vida é mais agradável;» dizia-me ella singelamente «e o que sei, não me impede de ter gosto pelo trabalho.»

Olhou para o relógio; faltavam ainda vinte minutos para a coalhada estar prompta. E então mostrou-me a sua pequena bibliotheca, alguns numeros de uma revista de leitaria que assignava e, para me entreter installou-se ao piano-orgão e tocou muito agradávelmente uma «romanza sem palavras» de Mendelsohn.

Sentada n'uma cadeira de braços junto da ja-

nella escutava-a com um sincero e profundo prazer.

Não era a musica o que principalmente me encantava n'aquelle momento; era a harmonia de tudo o que via e sentia em torno de mim: aquella felicidade baseada sobre um bom senso robusto e que offercia todas as garantias de estabilidade pela vida fóra; aquella familia de camponezes que sabiam pensar e que sabiam querer, com os cerebros desanuviados e livres, tendo escolhido serenamente o genero de vida que mais convinha aos seus gostos e ás suas aptidões.

O irmão mais velho era engenheiro, o segundo preparava-se em Leyde para a vida ecclesiastica, o terceiro ficara lavrador como o pae. As ideas avançadas do primeiro não o impediam de respeitar as crenças sinceras do segundo, assim como a sua instrucção superior não conseguia afastal-o dos interesses e dos estudos do mais novo. Eram todos irmãos sinceramente e do fundo d'alma. Aconchegavam-se uns aos outros constituindo uma só familia, como os corpos sucessivamente construidos da sua habitação constituiam um só edificio. Unia-os o respeito e o culto da familia, sem phrases, sem dogmas, sem obrigações estabelecidas, mas sim por instincto, pela voz simples do coração bondoso e comprehensivo que lhes cantava no peito, a todos, o mesmo hymno de amor.

Os costumes antigos e as tradições não tinham

sido alli espatifados nem desprezados para dar logar aos ideaes modernos sem raizes e sem condições de viabilidade; os ideaes modernos placidamente assimilados *tinham sido enxertados* nas puras tradições e nos costumes patriarchaes.

Ahi estava o segredo da luz interior que brilhava nos olhos da irmã, assim como da união intelligente e forte entre os irmãos, o segredo da felicidade que me encantava.

Afastei-me d'aquella casa com desgosto. Era á tardinha.

Tinhamos merendado juntos; e agora, os dois irmãos e a irmã acompanhavam-me pelo prado fóra, na direcção da pequena linha ferrea.

Nunca mais os veria, sem duvida; e esta idea confrangia-me o coração. Parecia-me que estava prestes a acordar de um sonho delicioso, para mergulhar de novo na realidade inclemente da vida.

Para os ouvir, fazia perguntas aos meus companheiros que me respondiam sorrindo. Falavam do futuro com uma tranquillidade segurança; a vida attrahia-os com todos os encantos da harmonia e da coherencia atravez das quaes se tinham habituado a encaral-a.

Encontravamo-nos na orla de um prado recentemente ceifado, quando nos separamos; e á medida que elles se afastavam, eram envolvidos nas brumas leves exhaladas pelos canaes áquella hora do fim do dia.



Ah! os canaes hollandezes! As bellas estradas de crystal silenciosas e calmas, riscando os campos ferteis cobertos de pastagens ou das culturas industriaes que lhes dão um aspecto tão differente dos nossos, ou de plantas bolbosas cuja floração as transforma em jardins de paraizo coloridos de tons ardentes ou suaves, perfumados de fragranCIAS capitosas e doces!

Estradas largas sem poeira, profundas e tranquillias, onde passam os navios como phantasmas, subindo para o interior carregados de peixe e de trigo, descendo para o littoral a trasbordar de linho, de colza, de gado, de queijo, de jacinthos e de tulipas! Aguas caladas cujo nivel se quebra escalonando-se como degraus, cujos engenhosos açudes regulam com movimentos quasi humanos, os seus cursos atravez da terra plana, baixa, mais baixa do que o mar e protegida pelas dunas amontoadas na costa; aguas que reflectem o ceu sempre nublado e que por isso são escuras; aguas onde se miram os raros tufos de arvoredos e os grandes braços em cruz dos moinhos altos, innumerables, espalhados na vastidão da perspectiva rasa como sentinellas, á espera do vento que lhes dá a vida ao passar, levando ao seu interior o movimento das mós, das serras e dos teares; aguas que circulam como um sangue vivificador a fertilizar e a enriquecer um solo tão laboriosamente conquistado ao oceano, e sobre o qual os homens luctam sem cessar para o defender contra as in-

vestidas das ondas exteriores... como ellas me parecem eloquentes e significativas, as aguas dos canaes hollandezes!

Nunca atravessei os campos dos Paizes Baixos, nunca descancei a vista sobre a tranquillidade repousante das suas planicies productivas desfazendo-se em ouro, sobre o seu intelligente systema de irrigações e de drenagens, sobre a ordem e a perfeição das suas culturas e das suas industrias silenciosas e asseadas, sobre as suas cidades brilhantes e nitidas como se fossem de crystal e de porcelana, onde não redemoinha uma nuvem de pó, onde não passa a sombra de um penacho de fumo negro... nunca escutei o silencio delicioso dos seus prados, (onde ao anoitecer se erguem devagar os traços horizontaes do leve nevoeiro dos canaes ao som do marulhar quasi imperceptivel das aguas) que interrompe a espaços o grito das aves aquaticas e o mugido terno das vaccas leiteiras... nunca olhei para a grande belleza placida d'aquelle paiz unico, tão sereno e tão feliz no meio da vertigem e da fumarada onde o resto dos homens se agita, sem pensar com um intimo sentimento de admiração no maravilhoso privilegio que livrou o seu solo innocente de produzir a hulha e os mineraes.

Quanto mais doce é aos nossos ouvidos o ranger e o estalar dos grandes moinhos em acção na serenidade dos campos tão fertes (que o seu trabalho não perturba e que os seus vultos embellezam

e enobrecem) do que o ronco alvar das machinas devoradoras de homens, semeando em torno a devastação da terra e a tristeza da gente! Quanto mais linda a industria caseira do leite que se transforma na manteiga doirada e nos pomos vermelhos do Edam sob a vigilancia e pelo trabalho das mulheres simples, risonhas e saudaveis! Quanto mais repousante o interesse pelo desabrochar de uma tulipa ou pelo facetado primoroso de um diamante de alto valor!

Gente privilegiada é a gente hollandeza, que não conhece a macula do carvão, factor de luxo e de miseria, de ambição e de dor, de desequilibrio e de crime; que não vê as chaminés gigantes sujando o ceu com a afronta do seu penacho negro; que não ouve os silvos e os roncoss das machinas monstruosas, nem se queima ao calor esbrazante dos altos fornos, nem desce ao inferno das minas profundas!

Gente feliz que trabalha á luz do dia, no ambiente puro da terra cultivada, praticando a religião do asseio (deus de saude e dispensador de belleza róbusta), e que sabe tirar a sua tranquilla prosperidade da alvura casta do leite, do crystal liquido das aguas, das facetas luminosas dos diamantes, da frescura do linho e do perfume das flores! Gente que applica a sciencia á construcção dos seus açudes, dos seus diques, das suas estradas, á dessecção dos seus *polders*, á perfeição

das suas culturas, ao trabalho inteligente das suas leitarias, ao machinismo dos seus moinhos, coisas proveitosas e calmas que não desmancham a harmonia da terra, nem desnorream a intelligencia humana, conseguindo conservar, no meio da voragem e da loucura que nos consome a todos, a placidez bemaventurada de tempos idos.

Ao percorrer a Hollanda, não achamos os seus habitantes differentes da população antiga immortalizada pelo pincel dos seus artistas; tem a mesma apparencia e a mesma alma.

Nas festas e nos detalhes da vida campestre deparamos com os aspectos, com as figuras, com as expressões, com as altitudes, com os interesses, traduzidos nas telas de Van Laar, de Van Ostade, de Steen; pelas ruas e ao visitarmos algum funcionario do Estado ou algum commerciante, encontramos os burguezes de pelle transparente, de olhar claro, de fronte serena e obstinada, de expressão por vezes vagamente sonhadora, pintados por Metsu, Dov, Van der Meer, Hooch; entre a soldadesca ou á porta de uma taberna, ou ao atravessar um canal, a nossa attenção prende-se frequentemente a uma physionomia expressiva, de energia decisiva ou de característica jovialidade, francamente alegre e feliz de viver ou embaciada pelos fumos do alcool, vincada de malicia ou bonacheirona, que logo accorda na nossa memoria as expontaneas e sadias criações de Franz Hals.

A cada passo que damos nos apparecem os modelos de Wouwerman e de Van der Velde e sentimos o espirito que inspirou os grandes mestres hollandezes na pintura dos seus inimitaveis quadros de genero.

Ha tres caracteres essenciaes que dominam a alma hollandeza e que, escondidos sob a placidez da sua physionomia voluntaria e grave, só a pouco e pouco resaltam e se destacam em frente da nossa observação :

A alegria exuberante, um tanto rude e por vezes comica, mas sempre sincera, espontanea e saudavel;

A bravura fria, ponderada e formidavel de obstinação e de heroismo;

A piedade immensa, cheia de generosidade e de misericordia, cheia de poesia e de ideal, e que a rigidez burgueza não consegue encobrir.

Estes tres caracteres pairam sob o ceu hollandez, baixo e cinzento, atravez dos seculos, e com uma persistencia que a passagem do tempo e as formas variadas da civilização em marcha não conseguem alterar.

Agora, como no tempo de Teniers, o espirito popular é arrastado pelo sopro das *bambochatas*, *Kermesses* e *festas aldeãs*, onde a alma do homem parece reverter ás edades primitivas e simples, no esquecimento absoluto das complicadas preocupações modernas.

A coragem calma e systematica e a colossal força de vontade com que os Paizes Baixos sacudiram o pesado jugo da Hespanha sob o impulso do Taciturno e pelejaram atravez da Historia na conquista gloriosa da sua independencia territorial e da sua liberdade de consciencia, é actualmente applicada na eterna lucta contra o mar, na prosperidade das industrias, na enorme expansão do commercio e das colonias.

No peito largo e forte do hollandez moderno palpita o mesmo coração trasbordante de generosidade e de compaixão que o fez abrir os braços ás hostes judias rechassadas de outros paizes como cães tinhosos; o mesmo coração que entende a piedade sem exhibir o sentimentalismo doentio e esteril, e que reagindo methodicamente sobre os soffrimentos do povo, o cura da lepra da miseria e consegue tornal-o feliz.

Olhando para as telas de Rembrandt parecemos ver entre as suas alternativas apaixonadas de luz e de sombra, a alma compadecida dos hollandezes. O genio doloroso do grande mestre desprezou o Christo dominador e vingativo de Roma, sahiu indignado dos templos sumptuosos onde Jesus crucificado é adorado como um idolo sangrento e livido, e foi procurar o suave Redemptor ás margens do Lago, ás faldas da Montanha, ainda palpitanτες do seu amor e do seu sacrificio. Tendo-o encontrado, trouxe-o para a sua terra, humilde e puro como um lyrio, pobre entre os po-

---

bres, humano e triste; fez incidir torrentes de luz sobre os desamparados da sorte, miseraveis, doentes incuraveis, entrevados, abandonados no seu escuro abysmo de dor, no negrume dos antros que habitavam... E todos poderam ver, surgindo da noite profunda e acolhendo-se ao symbolo supremo de misericordia, a Desgraça e a Dor illuminadas pelos raios de uma luz resplandecente, vinda ninguem sabe de onde, e recortando nas trevas clarões de piedade...





## Em Sevilha

Vinha de Badajoz.

Atravessara a extensão deserta e sem fim da Extremadura hespanhola.

N'esses campos, que ondulavam a perder de vista, revolvidos por alqueives recentes, os meus olhos não tinham podido descançar na verdura de uma horta ou de um prado, na silhueta de uma arvore, no fumo de um casal; inquietava-me a curiosidade de saber quem seriam os lavradores que trabalhavam n'aquella desolação, de que terras longinquoas viriam alli ter, onde acampariam n'aquella solidão calcinada e nua, sem uma sombra, sem um abrigo, sem a frescura de um riacho...

E nem viv'alma.

Só duas ou tres vezes vi no descampado, uma carreta comprida, desconjuntada, sacudida rudemente sobre as pedras e as sub-rodas dos cami-

nhos; puxavam-n'a quatro, cinco ou seis muares atrelados em fila, com muitos guizos e franjas de côres perdidas, empoeiradas, envelhecidas e gastas pelas jornadas difficeis e tão longas.

Interessaram-me os conductores, com os seus *safões* de coiro rasgados e sujos, as jalecas mal remendadas, as fochas subindo-lhes até ao peito, cingindo-lhes os corpos esbeltos, flexiveis e fortes, de uma belleza agil, selvagem e arrogante, os chapéus de abas largas abrigoando physionomias duras e obstinadas, typos de parias, de nomadas independentes e bravios, miseraveis e felizes.

Quando entrei em Sevilha eram dez horas da noite. E cheguei a persuadir-me que estava n'uma cidade banal ao aprear-me na *gare* onde me bateu no rosto uma lufada de modernismo; a profusão da luz electrica, o movimento de gente fervilhando em volta de mim na azafama e no barulho de todos os grandes centros, deram-me um momento de desillusão.

Um grande centro civilizado igual a tantos outros que já conhecia? Não era isso que eu tinha vindo procurar a Sevilha.

N'essa mesma noite sahi do hotel e vagueei pelas ruas; e em breve renasceu a Sevilha dos meus sonhos, a Sevilha maravilhosa onde se guardam estampadas as tradições mais poeticas e brilhantes dos differentes dominios a que se submetteu desde os phenicios até aos arabes...

As portas das casas abertas de par em par sobre o rendilhado dos portões de ferro interiores, attraíam o meu olhar. Atravez dos arabescos do ferro appareciam-me os *patios*, quasi todos illuminados a luz electrica.

E via o esguicho d'um repuxo alto cahindo em chuva no taboleiro superior e depois no tanque circular, com um ruido cantante e crystalino; e o verde macio das bananeiras, as palmas das begonias cinzentas, a filigrana dos fetos e das avencas; espreitavam por todos os recantos as cabeças redondas ou esguedelhadas, grandes ou pequenas, lilazes, azues, amarellas, vermelhas, brancas, dos chrysánthemos.

Lembrei-me das *tertulias*, essa deliciosa tradição da vida andaluza, herdada dos arabes, criada decerto na epocha ditosa dos Abássidas, quando a poesia entrava n'uma phase nova de requintes e de finuras, quando, em estrophes cheias de graça, os aduladores cantavam o elogio dos Mecenas, quando os costumes dos grandes se assemelhavam aos dos principes da Renascença florentina e aos dos salões e academias francezas do seculo XVII, onde a elegancia das maneiras, das attitudes, do vestuario e da linguagem sobretudo, tinha a primasia sobre todas as outras qualidades.

Estava-se em Dezembro e fazia frio.

Apezar d'isso os *patios* tentavam-me como se fosse no verão.

Appetecia-me entrar, sentar-me n'uma d'aquellas cadeiras de braços, estender-me n'um d'aquelles divans cobertos de fôfas almofadas, gozar da impressão tão nova de todos aquelles verdes a que a luz electrica dava tons ethereos, de todos aquelles marmores brancos recortados em ogivas, torneados em columnatas, dos mosaicos do chão, dos azulejos dos tanques, das varandas interiores de onde pendiam festões de trepadeiras e colchas de seda coloridas e franjadas... Sentir o vago e sensual entorpecimento que vinha da respiração de tantas plantas prisioneiras, pensar com as palpebras meio cerradas, nos sorrisos de Rosina e nas serenadas de Almaviva...

Passavam por mim, isoladas ou em grupos, as mulheres andaluzas tão afamadas pela sua belleza e pela sua graça. Andavam depressa, batendo nas lages com os saltos muito altos das chinellas bordadas, saracoteando as ancas, requebrando-se pela cintura; embrulhavam-se nos *mantons* de seda que lhes moldavam as formas lascivas; nas cabeças graciosas de morenas ou loiras, apenas os penteados complicados e uma flor vermelha; tinham uns modos atrevidos, de uma graça arrogante e soberba; e falavam muito, levantando a voz entre risadas sonoras.

Dos *bailes* sahia um halito morno impregnado do cheiro dos havanos e dos fumos do Xerez, a vozearia dos applausos, farrapos de cantos andaluzes morbidos e plangentes, que as violas subli-

nhavam e o bater de palmas, cadenciado e enervante acompanhava transportando-me vagamente a regiões africanas.

Os cafés inundados de luz e exhibindo decorações gritantes, regorgitavam de gente, n'um borbórinho de conversas e discussões como se os frequentadores se preparassem para uma sortida á mão armada.

Depois, a pouco e pouco, foram-se fechando as portas das casas; umas portas enormes, massiças, escuras, cravejavadas de pregarias e chapeadas de formidaveis ferragens.

E ao ver-me separada dos *patios* por aquellas invulneraveis barreiras medievaes, senti-me invadida por um sentimento estranho e indefinivel; lembrava-me das portas onde a mulher de Ali-Baba traçou os signaes fatidicos, das escaladas e violencias do tempo de D. Juan Tenorio.

A gritaria brutal á sahida dos theatros, os aulidos selvagens dos cocheiros, a falta de policia, a alegria ruidosa d'aquelle povo que parece não ter horas de dormir, inquietavam-me. Parecia-me estar muito longe da minha terra, n'um paiz barbaro e talvez cruel.

No meu espirito cansado, estranho no meio d'aquelles aspectos desconhecidos, confundiam-se as ideas; vinham-me á memoria os bairros typicos e perigosos de Argel, que Tartarin percorreu de noite, á procura da sua *hypothetica odalisca*.

Deslizavam, cosendo-se com as paredes, vul-

tos de embuçados com ares sinistros, e passavam ao meu lado os *chulos*, salientando os rins, de jaquetinhas muito curtas e de grandes chapéus á toireira, amarrados na nuca, e abrigando sob as abas direitas, sorrisos viciosos...

No dia seguinte acordei n'uma cidade encantada, branca, azul claro, cor de rosa e amarelo pallido.

É com a alegria e a doçura d'estas quatro côres que Sevilha nos apparece em todo o seu esplendor, sob um jorrar continuo de luz despenhada em chuva de oiro de um ceu triumphal.

O frescor de Dezembro picava-me a pelle atravez dos raios luminosos e ardentes, com a impertinencia dos andaluzes atirando ás mulheres que passam as expressões ousadas da sua admiração.

Não me cansava de fixar na retina as quatro côres, que são como as quatro notas de um accorde musical, de tal maneira se harmonizam e se fundem, cantando e glorificando a luz do sol.

Pelas portas abertas entrevia as verduras suaves dos *patios* que tinham agora ares recatados de claustros, em contraposição com o barulho e a claridade crua das ruas. Dos primeiros andares avançavam balcões envidraçados, abrigando nichos de intimidade ou de amor, que eu adivinhava atravez da macieza das cortinas e dos tons discretos das plantas de estufa.

Ao longe apparecia-me a Giralda, epica sobrevivente da grande civilização morta e que na epocha do esplendor scientifico dos arabes servia de observatorio na Europa, emquanto na Asia, no outro extremo do imperio immenso, se elevava o de Samercande.

Ah! como os arabes deixaram a sua alma na Andaluzia!

Foram elles que me receberam nos jardins do Alcazer.

Respira-se alli um ar suave e perfumado; as magnolias crescem como sobreiros e as suas folhas lustrosas reflectem o sol com irradiações coloridas de pedrarias. As bananas e as tamaras amadurecem como em Bagdad; as laranjeiras de um verde negro, carregadas de fructos e de flores, saturam a atmospheria de perfumes; as palmeiras erguem-se muito alto alongando contra o azul intenso do ceu as suas sombras esguias coroadas de plumas.

Os jardins são em planos differentes ligados por escadarias de marmore e rampas. Entre a vegetação exuberante, branquejam estatuas e columnatas, estendem-se balustradas, cantam repuxos em tanques de jaspe e de azulejos preciosos.

As ruas ladeadas de buxo e atejoladas, conduzem-nos a recantos de mysterio, a pavilhões isolados e romanticos, a grutas cheias de silencio onde murmuram aguas sombrias.

A voz do guia explica-nos as construcções,

as obras do rei Fernando, o que Fillipe II destruiu, emendou... Mas a minha imaginação embriagada de luz, de côres, de perfumes, não o escuta; foge para um mundo irreal, evoca-me os prodigios das « Mil e uma noites », o Aladin e a lampada maravilhosa; suspende-me a atenção nas folhas das bananeiras que parecem de loiça, duras, immoveis, e resplandecentes. Extasio-me em frente de um lagarto recamado de esmeraldas e oiro, que passa a correr, offegante, e se esconde n'uma grande moita de lucia-lima de onde espero vêr sahir um genio barbudo e magnifico de conto oriental:..



## Em Veneza

A nossa primeira impressão ao chegarmos a Veneza por um tempo claro de verão, é o deslumbramento.

No limpido espelho das aguas reflectem-se palacios encantados. Os marmores, patinados pelo tempo teem colorações rosadas. A Renascença perde alli o seu character austero e a simplicidade das suas bellas ordenações de Florença, toma o ar sumptuoso e magnifico, o ar milagroso que envolve as ficções lendarias. Respira-se uma atmospheria de prodigio.

O comboio leva-nos, durante uns poucos de kilometros, atravez da *laguna morta* onde a agua dos pantanos se irisa de cores brilhantes e maleficas como as azas de certos insectos venenosos, apparecendo-nos entre placas de areia russa e fulva, e florestas de juncos.

E depois somos lançados sobre uma ponte de tres mil e seiscentos metros de comprimento e, dos dois lados, só vemos o mar onde, na indecisa claridade do alvorecer, nos apparece ao longe, pousada levemente sobre as aguas, como uma miragem, uma illusão radiosa dos sentidos, como um corpo voluptuoso e esplendido de feiticeira (onde se condensassem todos os perigos deliciosos do peccado) a cidade unica, a bella ave do paraizo, multicolor, estranha e inquietadora. Surge-nos do oceano com as suas torres, com as suas cupulas de crystal e oiro, as suas estatuas de porphyro, as suas columnas bysantinas, as suas fachadas de marmore, os seus templos, os seus palacios, a profusão entontecedora dos seus estylos que nos confunde e nos assombra. Envolve-se no veu diaphano de bruma que se ergue da *laguna viva* e atravez do qual scintilla e resplandece como se fosse toda de vidro translucido, colorido e fragil, divinamente bella da belleza fugitiva e intangivel das visões.

Apenas entramos no meandro dos seus canaes e emquanto a nossa gondola desliza sobre o espelho das suas aguas, a razão foge-nos e renunciamos á logica. Julgamos sonhar; e o sonho é tão bello, que nos deixamos embalar por elle sem desejos de voltar á vida real.

As imagens passam deante da nossa vista, soberbas, riosas, e inverosimeis, aureoladas pelo prestigio da Historia, engrandecidas pela poesia

da Lenda. A alma profunda de Veneza traça em volta de nós o circulo magico de uma encantação. Olhamos, magnetisados, n'um torpor de somnambulismo, sem pensamentos, sem raciocinio, sem força de reacção mental sobre os aspectos que nos férem a retina; julgamo-nos transportados a regiões de um outro mundo.

O sol escorre ao longo dos marmores, dourando-os de um oiro antigo, quente e avermelhado, entre o qual ha cambiantes rosados e violetas de uma infinita doçura; da agua immovel sobem pelos muros reflexos de esmeraldas; por cima de nós estende-se uma fita estreita de ceu azul entre as cornijas que avançam traçando no alto das paredes, frisos de sombra.

A successão das fachadas interrompe-se aqui e além; e passamos então por jardins frondosos que a poeira nunca profanou, cuja folhagem tem o verde lustroso dos esmaltes, cujas flores resplandecem como pedras finas; as ramarias inclinam-se debruçando-se sobre as balustradas de marmore .rendilhado onde as folhas de acantho se misturam aos animaes sagrados e veem mirar-se na agua dos canaes. E logo vemos algum portal imponente, de batentes esculpidos, de enormes aldravas de bronze, encimado pela mascara gigantesca de uma divindade maritima, ladeado por caryatides contorsionadas e possantes que sustentam a massa colossal de um balcão; e d'esse

balcão sobe até ao entablamento a inesperada filigrana leve e pallida de uma glycinia.

Na perspectiva estreita dos canaes, ha reverberações e reflexos de beryllos e de granadas; e a cada esquina surgem maravilhas.

Pensamos em coisa longinquas, perdidas no afastamento do passado, em coisas vagas e sumptuosas... Pensamos no Bucentauro. Evocamos a portentosa galé recamada de oiro como um relicario, como um tabernaculo, erguendo á prôa sob a umbella de oiro, a estatua da Justiça abraçada á figura radiosa de Veneza e rodeada de espiritos maritimos, genios dos epicos mares cantados por Homero e avassalados pela triumphante Republica; a galé que sob o fanal de oiro cinzelado, levava o taciturno e soberbo leão de juba ondulante, com a garra symbolica poisada sobre o livro aberto onde o destino de um povo parecia escripto em caracteres indeleveis; a galé que erguia tão alto o mastro envolvido na sua coiraca de oiro e em cujo topo se desfraldava ao vento das apotheoses, o estandarte da cidade incomparavel, recortado como as muralhas ameidadas e mostrando aos elementos o symbolo do mais desmedido orgulho que existiu sobre a terra. Na pôpa alargava-se, dominando as ondas, a varanda coberta pelo baldaquino de oiro, de onde o doge eleito lançava no Adriatico o anel nupcial, pronunciando a es-

tranha formula que lhe dava um prestigio sobrenatural:

«*Mar, desposamos-te em signal de soberania positiva e perpetua.*»

Nas bancadas da coberta, de madeiras raras, alinhavam-se graves e hieraticos, os senadores vestidos de escarlata, os embaixadores de todos os soberanos e o nuncio do papa, protegidos contra os raios do sol pelo toldo de talha doirada, enquanto ao fundo a grande cadeira do doge se elevava como o throno de um imperador bysantino.

E o Prodigio deslizava sobre as ondas impulsionado pelos inumeros remos coriscantes, enquanto das galerias lateraes se espalhavam no ar os accordes das orchestras, e os tecidos de purpura lançados sobre as amuradas, fluctuavam, batidos pela brisa forte, como as azas de um dragão maritimo dominador de mundos e omnipotente.

E depois do deslumbramento de uma tal visão, a nossa imaginação cansada esmorece um momento; a epopeia esvae-se a pouco e pouco e surge a gracilidade infinita dos seculos posteriores.

Pensamos agora no antigo Carnaval de Veneza, artistico, bello e sensual como uma festa pagã; e acodem-nos á memoria os vultos pueris e encantadores da «*Commedia del arte.*» Por cima das pontes de marmore que se curvam sobre as ruas

de crystal com a deliciosa harmonia das coisas naturaes, vemos passar: aqui a brancura fluctuante dos trajes de *Pedrolino* que murmura, soluçando, o seu amor á voluvel *Columbina*, enquanto mais além se esgueira, espreitando e seguindo-os, o vulto esguio, flexivel e multicolor de *Arlequino*. Ouvimos o catarrho chronico de *Pantalone* que se embrulha nas compridas abas da sua toga de doutor e aperta com as mãos aduncas o sacco de dinheiro contra o velho coração libidinoso e avarento. Estala uma fanfarronada sonora como um grito de guerra: e *Scaramuccia* passa todo vestido de preto, de guitarra a tiracolo, a ponta da comprida durindana batendo-lhe nos calcanhares, e voltando um momento para nós a face caiada onde se desenha em forma de parentheses, o bigode negro. Depois... uns passos cautelosos e rapidos... e *Scapino* avança cosido com as paredes, com os olhos de tratante manhoso e espertalhão a brilharem de malicia.

As ruasinhas estreitas que desembocam no canal, animam-se com as loucas farandolas dos mascarados...

Ouvimos gargalhadas breves interrompidas por um beijo, a brisa traz-nos um suspiro de volupia; afinam-se rabecas, sôa um pandeiro e agitam-se guizos, vagamente, com o som apagado e indistincto das musicas ouvidas em sonho...

O grito do gondoleiro ao dobrar a esqui-

na para o Canal Grande, dissipa a nossa illusão.

Ahi a luz entorna-se a jorros, a realidade vence a phantasia. O silencio e o sonho ficaram no labyrintho mysterioso dos rios. A agua agitada pela passagem dos *vaporetti* e dos escaleres auto-moveis, tem a superficie cheia de scintillações.

O Fondaco dei Turchi, o Vendramin, o Cá d'Oro, o Palazzo Michiel delle Colonne, o Pesaro, tantos outros, mergulham nas ondas o reflexo das suas fachadas tão differentes, cada qual mostrando a sua physionomia diversa e caracteristica, todos aureolados pelo prestigio das recordações que encerram e que são a alma immortal dos seus esplendidos corpos de marmore.

À nossa frente ergue-se a ponte do Rialto, que Giovanni da Ponte lançou n'um só arco arrojado e cheio de graça, ligando as duas margens do grande canal com a sua dupla fileira de lojas, as suas arcadas, os seus escadorios, elegante e esbelta como um braço de amphora.

Passa, ao nosso lado uma barca levando uma carregação de melancias redondas e lustrosas como espheras de porphyro verde; o peso é tamanho, que a embarcação desce abaixo da sua linha de fluctuação, e os fructos miram-se na agua. E passa outra barca onde se alinham cestos contendo pyramides de pecegos doirados como os pomos do jardim das Hesperides.

O crystal da agua e os raios do sol illuminam,

reflectem, coloram, transfiguram as coisas mais vulgares. Os gondoleiros de pé, na pôpa das suas embarcações negras, curvando-se n'um movimento rythmico sobre o remo, parecem-nos replicas do Discobolo; um farrapo vermelho estendido a seccar na janella de um antigo palacio, tem a opulencia da purpura.

E tudo é bello, cheio de cadencias, de harmonia e de nobreza como uma symphonia.

Veneza, rainha dos mares, symbolisada por uma figura de mulher de radiosa e triumphante belleza, dominadora, activa e omnipotente: é esta a visão que me persegue durante os meus primeiros dias na cidade maravilhosa.

No palacio dos Doges, defronte da fachada que dá sobre a Piazzeta, páro uns instantes e logo, destacando-se da floresta de columnas que sustentam o edificio, isolando-se da harmonia e da graça das nervuras, distrahindo-me das decorações que encimam as arcarias com o desenho da flor de trevo insistente como um *leit-motiv*, salientando-se entre as estatuas e os altos relevos, prende-me a atenção e attrae-me como um iman, a figura de Veneza no seu throno de rainha.

Entro, e logo na segunda sala páro defronte da tela theatral de Tiepolo: *Neptuno depositando aos pés de Veneza os thesouros do mar*. O tecto da terceira sala, pintado pelo Veronese, representa mais uma vez Veneza no seu throno de gloria;



mas o grande mestre julgou decerto fazer pouco pela triumphante e omnipotente Republica, e logo decora o tecto da quarta sala com uma soberba allegoria onde colloca Veneza, sentada sobre o globo terrestre, tendo ao seu lado a Justiça e a Paz, e aos seus pés Neptuno, Marte e a Fé.

Na quinta sala é a vez do Tintoreto que leva o doge Vanier á presença augusta da soberana Veneza e que no opulento fresco do tecto a glorifica *rainha dos mares*.

Por todo o palacio é uma obcecação; vejo-a sempre dominadora, resplandecente de belleza e de aparato, coroada, empunhando o sceptro de um illimitado poder, aureolada por todas as glorias, servida por todos os triumphos, dominando todas as forças da terra, impondo-se aos deuses olympicos e confundindo-se nas suas apotheoses, com a Rainha dos Ceus. Os doges humilham-se á sua frente; as Virtudes servem-n'a em adoração; as outras cidades, algemadas, veem render-se aos seus pés.

É Veneza illuminada pelo colorido ardente do Tintoreto (que entorna sobre ella as torrentes dos seus oiros e o calor das suas purpuras) e que nos apparece entre as bellas ordenações e as harmonicas architecturas do Veronese que a veste com os seus divinos azues, com os seus amarellos pallidos, com os seus violetas desmaiados, com os seus escarlartes de fogo e lhe corôa a fronte com

os cabellos loiros, do loiro admiravel e quente que só elle soube pintar.

É a invencivel Veneza do seculo XV, conquistadora de Bizancio, rival de Bruges no commercio do mundo, senhora absoluta dos mares, attrahindo a si as riquezas fabulosas do Oriente que os judeus industriosos vindos de Hespanha triplicam de valor, a vencedora de Lepanto e de Patras, a Veneza dos Dandolo, dos Foscari, dos Mocenigo e dos Loredan, a Veneza que estendia os seus braços enormes desde a embocadura do Pó até Cór-fú, maravilhando o mundo inteiro com o seu esplendor, com o seu poder e com a sua graça infinita.

Uma das coisas que é indispensavel ver-se em Veneza é uma festa nocturna. Uma d'essas festas tão frequentes no verão e que o povo adora; essa apothese da luz, das côres e das scintillações sobre a escuridão da laguna; esse gosto ardente dos venezianos pelas joias e pelas pedrarias, que lhes ficou gravado nas almas desde o tempo em que conquistaram aos turcos a *Pala d'oro* e os thesouros maravilhosos do Oriente.

Nunca heide esquecer a impressão causada no meu espirito pela primeira festa nocturna que presenciei em Veneza.

Eram nove e meia da noite quando entrei na gondola e me dirigi para o canal de S. Marco, essa parte da laguna que se estende deante da

Riva degli Schiavone, que reflecte nas suas aguas S. Giorgio Maggiore, Santa Maria della Salute, e alargando-se, nos mostra na Giudecca o Redentor, e no Canal Grande os primeiros palacios e a fachada rendilhada e estreita da casa onde vivia Desdemona...

Ao principio só avistei a immensidade da laguna, toda constellada pelos fanaes avermelhados e palpitantes das gondolas, innumerados como estrelas cahidas do ceu, e mergulhando no negrume das aguas as espadas ondulantes dos seus reflexos de oiro fulvo.

Cortavam o escuro do ceu, alargando-se em triangulo, as fitas luminosas dos holophotes que irradiavam do alto da torre de S. Giorgio, da lanterna de Santa Maria, da torre de S. Marco, do Lido, de todos os pinaculos, de todas as alturas, as suas côres dominantes: o azul, o escarlata, a purpura, o rosado e o violeta pallido. Os seus raios incidiam sobre os edificios principaes, combinavam-se com as luzes coloridas cujos focos se escondiam entre as cornijas, as columnatas e os lavores dos marmores; de modo que, no escuro da noite, entre o ceu negro e a agua negra, os edificios illuminados me appareciam como phantasmas dando-me a impressão de emanarem elles proprios o clarão de que fulguravam, libertos do peso e da consistencia, isolados, fluctuantes, sobrenaturaes. Uns eram de esmaltes translucidos, outros joias antigas, sacrarios que se irisavam do

brilho concentrado e casto das opalas e da madreperola.

A fachada do Palacio Ducal tinha a coloração rosada e macia de uma nudez virginal; a sua galeria e o seu balcão interiormente illuminados como para uma festa principesca, mostravam os recortes das decorações gothicas, a delicadeza das nervuras, a longa theoria das columnas ramificando-se na harmonia dos desenhos architectonicos, um esplendor silencioso, immovel e deserto que evocava na minha alma a magnificencia do passado morto.

Erguendo-se muito alto, com o aspecto de um gigantesco mastro de navio, a torre de S. Marco, sobria na sua belleza fria, mostrava as faces lividas e nuas, os angulos lisos e cortantes, toda inundada de luz branca, deixando ver no topo, entre os alveolos da sua galeria, um clarão rubro como se um fogo interior e inextinguivel a consumisse.

Os balcões, as *loggias*, as cornijas, as architraves, os frontões dos palacios, destacavam-se, surgiam da sombra, irradiavam côres suaves de vitraes.

Banhados de um luar ethereo, os jardins não eram da terra; reflectiam na agua, illuminando-a, as suas frondosas ramarias leves como plumas de marabús.

A minha gondola avançava devagar na direcção de S. Giorgio; e em breve os accordes de

uma colossal orchestra installada n'aquella ilha, defronte da egreja, me envolveram, arrancando-me ao entorpecimento de sonho em que me achava mergulhada. Era «Tripoli!» a marcha heroica e empolgante composta havia pouco para celebrar as victorias dos italianos na Cerenaica.

Da multidão de gondolas que me cercava, entre o marulhar da agua contra os fundos chatos, entre o ranger das bordas que se entrechocavam no continuo movimento que a leve agitação da agua imprimia ás embarcações (elevando e abaixando em cadencia as proas altas onde as achas de armas de aço polido tinham scintillações e reflexos de prata e de sangue), entre o ruido das palmas e das aclamações que se elevavam no escuro, um grande cõro de vozes populares entoou o ritornello da marcha, desfraldando-o como um victorioso estandarte sobre a laguna:

*« Tripoli! bel suol d'amore  
ti giunga dolce questa mia canzon... »*

E parecia-me ouvir o echo da alma veneziana de outros tempos tambem victoriosa dos turcos, da alma veneziana vencedora de Bysancio. . . Agora afastava-me de S. Giorgio, dirigia-me devagar para as serenadas.

Passavam ao meu lado as gondolas illuminadas e floridas que vinham tomar parte no concurso aberto pela municipalidade, aspirando ao pre-

mio que seria concedido á mais brilhante e mais linda entre todas.

E eram açafates de flores luminosas, jardins fluctuantes luzindo de mil côres, dragões, cysnes, conchas marinhas... formas inesperadas e phantasticas que me faziam reviver na memoria as descrições dos prodigios realizados pela *Compagnia della Calza*, a celebre associação de fidalgos vestindo, como distinctivo, os calções multicolores, e que assombrou Veneza, no tempo de Marino Grimani, pela magnificencia e originalidade com que organizava as suas festas.

A minha gondola approximou-se dos barcos onde os musicos, pagos pela cidade de Veneza, todas as noites de verão offerecem serenadas aos estrangeiros. Concertos de instrumentos de cordas e de vozes humanas, cantando as eternas melodias italianas, cheias de melancholia e de sonho, sensuaes e repassadas de romantismo, as mesmas que encantaram Lord Byron e que embalaram os amores e as tristezas de George Sand e de Musset.

E agora a musica irrompia por toda a parte. As notas altas dos sopranos cortavam o ar, perdiam-se em suspiros de amor; as vozes dos barytonos e dos tenores vibravam, sonoras e fortes, la-tejantes de paixão. Os gondoleiros conhecendo bem as canções faziam o côro em surdina; e das gondolas que passavam ao largo (levando algumas, sob a correnteza de balões venezianos, mezas postas rodeadas de uma alegre companhia),

chegavam aos meus ouvidos cantos populares onde se glorificava o amor.

Toda a laguna parecia cantar; do fundo das aguas adormecidas, o espirito de Veneza, musical e sonoro como os seus *crystaes*, erguia-se n'um irresistivel impulso de lyrismo.

E novamente me encontrei defronte de S. Giorgio. No fulgor escarlate de que se abrazava a fachada da igreja, dezenas de creanças dançavam rondas, de mãos dadas e de cabellos ao vento como no friso da immortal *cantoria* de Donatello; e entre ellas e nós, recortavam-se em negro as innumeradas prôas das gondolas e os vultos esbeltos dos gondoleiros de pé e immoveis á pôpa.

De subito, lá dos lados do Lido, irrompeu da laguna escura uma estrada de luz, que se ergueu direita ao ceu como um rasto de aerolitho, como um tronco de palmeira, como um grito humano de fé ou de esperança; e muito alto, o bolide estalou, e desfez-se n'uma enorme e lenta chuva de estrelas multicolores, n'um brazido immenso feito de pedrarias toldando-nos o negrume do infinito, formando sobre nós um ephemero e resplandecente docel de scintillações...

E toda a agua da laguna se illuminou de reflexos e de reverberações, que a trespassavam como espadas e lanças, que a cobriam de um portentoso manto de aparato...

.....

Ah! Veneza!... terra de sonho e de phantasmagorias!...

Pairando sobre ella domina sempre um contraste que n'outros pontos do globo nos parece irreductivel e que no seu seio se funde, se unifica e se torna harmonia: o mesmo sol illumina as cruces das suas noventa egrejas e as fachadas dos seus orgulhosos palacios; a mesma atmosphaera gera a religiosidade sincera e casta de Bellini e a ardente volupia do Tintoreto; as superstições medievas desenvolvem-se a par da intensa paixão de esplendores trazida do Oriente, assim como desabrocham juntamente o mysticismo e o amor sensual.

O que faz de Veneza a cidade unica e maravilhosa, o enigma que nos perturba, nos confunde e nos assombra, é o seu espirito pagão unido á sua alma catholica dando-nos um conjuncto inesperado e bello, da belleza irresistivel e perigosa que encerra um mysterio ou um prodigio.

Era um prodigio que latejava d'antes nos largos flancos da feiticeira; o mundo contemplava com os olhos escancarados de pasmo e de admiração a sua força invencivel, a sua riqueza fabulosa, o seu luxo, o seu orgulho desmedido, a sua loucura de cortezã adulada e omnipotente, os thesouros que accumulara, o seu commercio, as suas industrias e as suas artes que floresciaam e se expandiam com uma rapidez e um desenvolvimento de milagre.



São os reflexos d'esse brazido extinto que ainda hoje nos entontecem se fixamos sobre Veneza um olhar superficial. Porém se lá nos demoramos, se vivemos algum tempo da sua vida presente, se observamos e meditamos á sombra dos seus muros, a nossa impressão é outra. A belleza triumphal de Venus Anadyomene transforma-se na belleza tragica de Niobe.

O circulo magico traçado á nossa volta não se torna por esse facto menos poderoso; a força de attracção exercida sobre o nosso espirito é maior. Durante os primeiros dias envolvia-nos uma intensa illusão de immortalidade; agora vivemos n'um cemiterio encantado.

Apaixonamo-nos pelos passeios solitarios, longe do centro, pelos jardins abandonados onde o passado nos espreita, coberto de andrajos luminosos, entre as alamedas frondosas e esguedelhadas, entre os canteiros invadidos pelas ervas damninhas... Os jardins nos quaes se entra por um pequeno portão de ferro batido, roído pela oxidação, e abrindo-se sobre a agua escura de um canal onde ninguem passa... Os jardins onde nos esperam as estatuas mutiladas dos satyros, das nymphas, das Dianas, dos Mercurios e das Venus, olhando com os seus olhos sem pupilas para a desolação da ruina (elles que viram passar as glorias e os deslumbramentos), e mostrando as suas epidermes de marmore invadidas pelo oiro dos lichens, e pelas esmeraldas dos musgos, desolados

por sentirem o impulso dos seus movimentos ageis e livres tolhidos pelo enlaçamento das silvas e das roseiras bravas...

Gostamos de entrar n'uma gondola e de vogar para os lados das ilhas desoladas de S. Servolo, de S. Lazaro, da triste ilha de S. Clemente, ao cahir da tarde.

Ao cahir da tarde! Como adoramos então os crepusculos de Veneza, a laguna que perde gradualmente as côres e a luz, a cidade que se esbate e se funde na bruma com as suas torres e as suas cupulas de crystal e oiro, apagando-se como um brazido... Os reflexos moribundos, o silencio que se torna mais solemne, a superficie das aguas congelando-se na immobilidade fria do aço polido como um coração que palpitou de todas as alegrias, de todas as illusões, de todos os orgulhos e de todas as dores, e depois arrefece, se torna duro, inerte e insensivel!

Ah! a grande melancholia, a soberba melancholia de Veneza!... A lucta das radiosas recordações que não querem morrer e se enroscam nas grimpas, e se agarram aos entablamentos, e escorrem pelas columnas, e se prendem ás arcarias e aos recortes das *loggias* e dos balcões, aos arcos das portas, aos hombros das caryatides, aos degraus que mergulham na agua morta, verdes de limos, entre os candelabros apagados e defronte dos postes onde nenhuma gondola se amarra e cujas côres e brasões doirados se vão sumindo,

levados pela mesma fatalidade do destino que anniquilou as familias nobres, os nomes illustres e toda a magnificencia do passado!

Como poderei dizer a tristeza infinita das pontes que se curvam sobre os canaes estreitos, mergulhando na immobilidade e no silencio da agua, a sombra do seu arco e o torneado das suas balustradas? Como traduzir a nostalgia das pequenas praças desertas, das vielas escuras ladeadas de casas velhas (de cujas aberturas gradeadas pendem, lá do alto, cestos na ponta de cordas, como das janellas das prisões), dos becos privados de sol onde uma vegetação tenaz e rasteira desune o pavimento escorregadio e onde se rasgam nas paredes escalavradas, portas baixas e sinistras, sempre fechadas como boccas que se obstinam em guardar segredos seculares? Os segredos das entradas furtivas, dos amores criminosos, das esperas traiçoeiras, das entrevistas de conjurados; da ultima passagem de um amante ou da sahida de alguém, que o Conselho dos Dez mandou buscar pelas trazeiras da casa, durante uma noite sem lua, e que, depois de atravessar a ponte dos Suspiros, foi atirado para a escuridão dos *Pozzi* ou para o inferno dos *Piombi*... de todas essas coisas mysteriosas e terriveis que latejavam no sub-solo de Veneza, enquanto a sua magnificencia e o seu poder assombravam o mundo?

Quem poderá descrever o silencio das ruas d'agua, o deslizar das gondolas esguias e negras

como esquifes, a melancholia dos cantos que vibram como suspiros sobre a laguna, os soluços das ondas quasi imperceptiveis que afagam os caes e escorrem pelos degraus de marmore como lagrimas?...

Ao principio o que nos attrae e nos encanta é o prodigio que surge do passado; é o mar que rodeia a cidade, que a enlaça, que a penetra, que a possui toda como um amante insaciavel e ciumento; é a magia da Lenda, é a epopeia da Historia; é o conjuncto de harmonia, de arte, de belleza e de esplendor.

Não conhecemos ainda *a cidade das mil faces*. Extasiamo-nos como defronte de uma grande rainha que passa, arrastando o seu manto de aparato, olhando para nós sem nos ver com os seus olhos de Medusa, longinqua, inaccessivel e esplendida, subindo para o seu throno de crystal, coroadada de maravilhas.

Depois, os dias vão passando, e o espirito de Veneza desce sobre nós como uma graça divina, dá-nos uma sensibilidade mais apurada, o dom da adivinhação, a comprehensão dos mysterios.

E uma tarde, quando o sol já baixo estende sobre a laguna os seus raios obliquos, e que a nossa angustia deliciosa de videntes nos leva para longe do centro da cidade, para o silencio e desolação de algum jardim abandonado, á sombra de algum palacio morto que a ruina e o esqueci-

mento cobrem com o seu veu de tristeza, a Veneza dos nossos sonhos, que nos anda no pensamento e nos confrange o coração, vem sentar-se devagarinho no banco de pédra carcomido onde nos deixámos cahir, e inclinando-se para nós, reflecte nas aguas immoveis a fronte pensativa e triste.

Voltamo-nos, olhamos para ella... e ao fremito de amor e de compaixão que agita a nossa alma, comprehendemos que somos seus, que lhe pertencemos, que nos achamos presos no circulo magico da sua estranha seducção.

Conta-nos em segredo as suas infinitas nostalgias... E a sua voz é cheia de harmonias profundas, envolvente e fatal como a das sereias, plangente e velada de lagrimas como a de uma amante trahida. O seu coração que tem a immensidade do mar, é tragico e arido como um necroterio. As suas mãos de patricia são pallidas e descarnadas, e dos dedos magros cahem-lhe os aneis de pedrarias. Entre os cabellos de oiro (onde ficou marcado o sulco fundo da corôa real perdida) apparecem os fios de prata sementeados pelo Tempo. O seu manto rutilante, maculado pela poeira dos seculos, mostra aqui e além a trama do tecido que parecia eterno á luz da gloria. O peso dos desgostos curva o seu dorso flexivel de deusa, e os seus suspiros vibram no ar, ao de leve, e confundem-se com o tanger dos sinos antigos que o silencio nos traz de longe. Os seus olhos são profundos, vagos e tristes como a saudade, inquietadores como pre-

sentimentos de desastres, a sua bocca dolorosa tem a sombra e o halito gelado dos abysmos. Do canto dos olhos irradiam-lhe sobre as fontes as rugas delicadas, e o roxo magoado das violetas marca-lhe o circulo das orbitas.

A sua alma é toda feita de melancholia; senti-mol-a ao nosso lado, vacilante da podridão dos sub-solos exhaustos, da lenta obra de destruição das aguas, dos muros carcomidos, dos marmores maculados e fendidos, dos palacios desertos, dos templos abandonados, das plantas que desagregam as pedras, dos pavimentos aluidos, de toda a ruina lenta e fatal que vem minando os seus edificios, anniquilando as suas glorias, abalando as suas bases.

E a nostalgia dá grande Inconsoável é infinita; a sua tristeza não tem limites. As lagrimas correm-lhe pela face devastada e brotam dos seus olhos como de duas fontes inexauriveis; chora tudo que o tempo leva: a força, a mocidade, a illusão de omnipotencia e de eternidade... e não percebe que a sua belleza cresce com a sua melancholia em frente da nossa alma que já não pode comprehender os deslumbramentos do passado, mas que palpita de amor e de entusiasmo pela formosura ideal da sua dor.

.....

E emquanto fitamos aquelles olhos onde encontramos os reflexos do eterno soffrimento humano (que o destino leva de saudade em saudade para

um futuro desconhecido), o sol desaparece no horizonte e a sombra eleva-se e cresce do lado do Adriatico, apagando no Lido os pretenciosos e ridiculos minaretes do Excelsior Hotel. Da Giudecca vem o ronco sinistro e feio de um vapor mercante; e a superficie calma da laguna é cortada pela passagem de um escaler automovel que abre na agua um grande triangulo de sulcos e perturba o silencio com o ruido brutal do seu motor.

Ah! Não é só o tempo que vae anniquilando a grande Feiticeira! A doença que mais cruelmente a mina é o progresso. A epopeia acabou e a arte morreu; é sobre as suas ruinas gloriosas que se desmorona a triumphante Veneza de Dandolo, a divina Veneza de Bellini, do Tintoreto e do Veronese...





## A cidade do Lírio

Estive em Florença ha muitos annos.

A vida estendia-se defronte de mim com o viço e o colorido dos campos fertes da Toscana durante a primavera. Tinha então por companhia a mocidade, essa divindade bemfazeja, que nos dá a força immensa de uma illimitada confiança na bondade das coisas, nos apresenta o futuro como um resplandecente jardim de accesso facil, e as contrariedades e as dores que nos esperam, como chimeras que a nossa invencivel coragem destroçará sem difficuldade.

Levantava-me cedo. Passava as manhãs nos Uffizzi, ou no Pitti, ou no Bargello, ou na galeria de Arte Antiga e Moderna... Durante duas ou tres horas mergulhava-me na admiração da Belleza, esforçava-me por observar com intelligencia, estudar e comprehender.

A arte é uma divina amiga; sentia na sua intimidade emoções e entusiasmos ineditos e deliciosos. Apaixonava-me por certas figuras, por certos coloridos, batia-me o coração mais apressadamente ao entender certas significações, ao perceber a celeste harmonia de certas linhas.

Era a minha iniciação.

A principio só as telas da Renascença me impressionavam; da Renascença na sua plena expansão, em todo o violento esplendor do seu meio dia: o genio atormentado de Miguel Angelo, a paixão fugosa de Rubens, os grandes corpos musculosos, a symphonia da luz e da sombra, as cores ardentes, as expressões apanhadas em flagrante, os typos colhidos na vida de todos os dias com uma verdade por vezes brutal.

Depois fui vendo melhor; os meus sentidos apuraram-se na atmospheria espiritual que se respira em Florença. A belleza calma e suave criada pelos primeiros mestres começou a encantar-me. Achava a pouco e pouco na sua presença uma beatitude que me era desconhecida. Gradualmente apprendi a parar defronte das figuras que nada dizem ao visitante banal ou distrahido; as figuras de sonho tão puras e ideaes, que parecem descidas de outro mundo para ensinar a perfeição a quem se der ao trabalho de lhes perguntar o que pensam e o que é a sua alma.

Vivia uma vida irreal; estudava, observava, comparava, cançava-me ás vezes manhãs inteiras

á procura de uma cabecinha de Botticelli que me tinham assignalado n'uma galeria particular ignorada, n'algun bairro longinquo... e voltava para o almoço radiante, como se tivesse descoberto um thesouro.

Á tarde ia passear para os arredores. Parecia-me que levava apertado contra o peito um talisman precioso cuja posse fazia palpitar desordenadamente o meu coração com impulsos de esperanças e de certezas deliciosas.

O mundo era meu. A sombra dos Cascine ouviram-me recitar a meia voz versos do Dante; as suas visões do paraizo terrestre encontravam na minha alma exaltada echos sonoros. Subia devagar o Viale dei Colli e sentava-me lá em cima, no adro de S. Miniato, com um volume de Petrarca ou do Ariosto aberto sobre os joelhos. O meu pedantismo não tinha limites. E toda a natureza parecia sorrir-me cheia de evocações, que me apagavam no espirito a noção da realidade presente.

As collinas cobertas de oliveiras e de cyprestes (os doces cyprestes de Florença, que não são lugubres como os nossos e que teem um ar de pontos de admiração ou de pinaculos gothicos mostrando-nos o ceu), as *villas* rodeadas de jardins frondosos que embalsamavam o ar, tudo em volta de mim falava e dizia coisas maravilhosas.

Do outro lado do valle levantava-se a cathedral de Fiesole, detraz da qual dormem as ruinas melancholicas da antiga cidade romana; a sua torre

estreita erguia-se recortada no ceu do entardecer, alaranjado como o fundo de um fresco de Gozzoli. E aos meus pés estendia-se Florença, a cidade das flores, a cidade do lirio, a cidade do leão, voluptuosa, espiritual e violenta, palpitante ainda das inspirações immortaes que o seu amor gerou, como uma cortezã amada por grandes homens e que d'elles guarda um reflexo divino de talento e de gloria, que lhe enaltece a belleza e faz da sua velhice uma apotheose.

As suas cupulas e as suas torres eram symbolicas, levantando-se como phantasmas entre a neblina azulada que subia do Arno: o palacio da Signoria com a alma dominadora da Republica e o absolutismo de Cosme; S. Lourenzo e a Annunziata com todo o poder e magnificencia dos Médicis; o convento de S. Marco aureolado pela doçura infinita do Angelico, pelas suas visões e pelos seus extasis, e todo fremente ainda do verbo prophético de Savonarola. E era o Baptisterio arredondando a cupula antiquissima que talvez abrigou ainda os ritos pagãos; e era a torre de Giotto, primeira maravilha da arte christã; e o atarracado Bargello; e o colossal palacio dos Strozzi... todos os edificios veneraveis e encantadores que formam um conjuncto de sublime harmonia e fazem de Florença a mais linda cidade do mundo.

Em volta de mim ondulavam collinas baixas cobertas de vegetação e de *villas*; e eu via correr

as aguas do Arno serpenteando lá em baixo, silenciosas e calmas, com um ar religioso e recolhido, perdendo-se ao longe entre campos cultivados como jardins. A massa sombria do Monte Morello dominava no afastamento o circulo de montanhas que são os ultimos contrafortes dos Apeninos.

Uma paz grandiosa envolvia todas as coisas; e eu pensava com exaltação no assombroso passado de Florença.

Desde que as legiões romanas de Sylla estabeleceram ao abrigo das deliciosas collinas de S. Miniato e de Fiesole uma colonia militar, Florença apresenta-se-nos sempre favorecida pelo destino que parece querer preparal-a, guardal-a, defendel-a, para o futuro que a espera.

Situada n'uma excellente posição, na encruzilhada das estradas que iam de Roma á Allemanha, e de Pisa á costa do Adriatico, protegida successivamente pela possante mão de Carlos Magno, pelos imperadores romanos e pelos cezares guelfos, a sua prosperidade e a sua força crescem como as graças de uma virgem predestinada.

Principia no seculo XIII a lucta entre Guelfos e Gibelinos, origem de tantas atrocidades e de tantos heroismos; e mais de cem annos depois, triumphando do esforço desesperado e inutil do povo, surge a tyrannia florentina com o formidavel poder dos Medicis.

Sob os auspicios da estrella tutelar d'estes pro-

digiosos mercadores, a cidade do Lirio floresce e expande-se; e estimulada por ella a Italia inteira accorda e anima-se de um sopro divino.

As pedreiras de Carrara augmentam de actividade, assim como as fundições de metaes das Maremmas; por toda a parte palpita a vida intensa das manufacturas de seda, de linho, de lã, de espelhos e crystaes, de papel...

A Italia fornecia á Europa todo o seu luxo. O assombroso trafico de Veneza dava entrada ás mercadorias do Oriente, e espalhava-as pelo mundo occidental.

Negociantes, os Medicis possuíam dezeseis casas bancarias disseminadas pela Europa; pelas suas mãos habeis e poderosas passavam os fios commerciaes ligando os paizes europeus ás grandes praças da Asia.

E Florença, reclinada nas margens encantadoras do Arno, rodeada da vegetação e dos perfumes de uma das regiões mais fertéis e lindas da Italia, dava á luz a Renascença.

Como precursôres tinham-lhe já nascido nos braços, o Dante, Boccacio, Galileu, Cimabue. Aparecia agora o genio taciturno e dominador de Miguel Angelo, que vinha com os seus hombros de gigante levantar da terra um mundo de energias colossaes; apparecia Benvenuto Cellini, que fazia resuscitar a força equilibrada e a graça infinita de Praxiteles.

Abriam-se defronte da intelligencia humana as portas de um paraizo até então ignorado.

Leonardo da Vinci, pintor, esculptor, poeta, sabio, philosopho e musico, o modelo mais elevado e completo da perfeição humana, dotado de uma belleza de archanjo e de um espirito divino, enobrecia a patria criando as suas figuras pensativas e enigmaticas, que olhavam para o futuro com uma tristeza e uma ironia olympicas, incomprehendidas pelos homens.

Os Medicis chamavam a si os genios que brotavam de toda a terra italiana como flores de prodigio.

Michelozzi construia o palacio dos principes negociantes, e Donatello e Luca Giordano acudiam para o ornamentar; Brunelleschi elevava sobre a sua base cyclopea o palacio Pitti.

Lourenço de Medicis, o Magnifico, criava a bibliotheca Laurentina, protegia e desenvolvia a academia Platoniana.

Surgiam os palacios, os museus, as bibliothecas, as egrejas, n'uma germinação repentina e milagrosa. Enrolava-se nas columnas e arcadas sobrepostas, uma ornamentação rica e variada: folhagens, fructos, animaes, creanças descendentes dos frisos pagãos de Pompeia, correndo em graciosas sarabandas, com malicias de cupidos e canduras de anjos; expandia-se toda a delicada exuberancia da decoração florentina d'aquella epocha privilegiada, nascida nas officinas de ourivesaria

onde se formavam os Brunelleschi, os Ghiberti, os Verrochio, os Botticelli, os Andrea del Sarto, os della Robbia...

O Magnifico era poeta; rodeava-se de humanistas, de letrados, de sabios, de artistas. O gosto pelo estylo das letras romanas do tempo de Augusto, renascia com toda a sua pureza e impecavel elegancia. Do fogo latente, abafado sob as cinzas pesadas das bibliothecas monacaes da Edade Media, irrompiam as chammas altas e scintilantes das criticas de Poggio, das traducções e commentarios do philologo Ficini, das vastas e ousadas theses de Pico de la Mirandola, do estylo eloquente de Valla, e dos escriptos licenciosos e esfuziantes de espirito do Aretino, com quem se correspondiam os soberanos mais cultos da Europa.

Apurava-se o gosto. Os homens vestiam-se com samarras agaloadas de oiro, gibões de seda e velludo, cabeções de renda, mantos de brocado; cobriam-se com as gorras emplumadas; enfeitavam-se com joias de oiro e pedrarias finas; armavam-se de adagas damasquinadas com punhos de esmaltes e cinzeladuras.

Decoravam as suas habitações com vasos de prata, tapeçarias e tecidos de seda e oiro, estatuas e bustos antigos de marmore e de bronze, obras de grandes pintores; e guardavam em cofres preciosos (como testemunho de respeito pelo seu conteúdo), os livros latinos, gregos, hebraicos, que



recebiam de paizes longinquos e colleccionavam com veneração.

O luxo e a elegancia dos vestuarios e das habitações, traduzia a delicadeza dos espiritos, os requintes da educação e das maneiras.

Competia ao perfeito homem do mundo ser valente, sabio e cortez. A principal regra a que elle devia obedecer era «*governar as suas acções de modo a agradar ás senhoras*» escrevia o conde Balthazar Castiglione. E accrescentava: «*Não ha côrte no mundo, por maior que seja, que tenha encantos, esplendor e alegria, sem senhoras*».

Assim em tudo se fazia sentir a influencia das mulheres instruidas e distinctas que ornavam os salões e presidiam ás festas, tornando-se muitas d'ellas notaveis pela sua elevada cultura de espirito e pela sua graça.

De vez em quando de sob as cinzas que recobriam o brazido extincto da Edade Media, levantavam-se ainda linguetas de fogo terriveis como a conspiração dos Pazzi, o assassinato de Juliano no cõro da cathedral, e as atrocidades com que o povo castigou os culpados, sobretudo Messer Jacopo que a cidade abandonou á crueldade dos garotos, e cujo cadaver em decomposição foi desenterrado, arrastado pelas ruas e lançado no Arno, como nos peores dias das epochas obscuras de violencias e de barbaridade que pareciam ter morrido com o advento da Renascença.

O cadaver do pensativo e encantador Juliano

de Medicis, do sonhador irmão do Magnifico, tão novo, tão illustrado, tão melancolico, trespassado de punhaladas, estendido nas lages de Santa Maria del Fiore, é uma nuvem negra que passa no ceu deslumbrante da Florença dos sabios, dos philosophos, dos artistas. A morte ignominiosa, ceifando aquella flor de belleza, aquelle doce vulto de sonho, aquella alma de guerreiro e de poeta, foi um crime lamentavel que apenas teve o resultado de enaltecer o poder dos Medicis e de avivar as suas glorias.

E de novo raiou o sol illuminando os maravilhosos cortejos pelas ruas da cidade, fazendo brilhar o aparato dos torneios, resplandecendo sobre as procissões de virgens coroadas de rosas, alegrando as cavalhadas e as caçadas dos fidalgos. Na villa Medicis, em Fiesoli, as festas succediam-se ás festas, os banquetes estendiam-se pelas noites dentro, á luz dos archotes e dos candelabros...

Quando mais tarde, sob Pedro de Medicis, filho do Magnifico, Carlos VIII de França invadiu a Toscana, os italianos de Florença amollecidos pelo luxo requintado e pelos excessos, deshabituaados da guerra que tinham trocado pelos ardis da diplomacia machiavelica e pelas suas funcções de banqueiros mundiaes, viram desenrolar-se pelos campos ferteis da sua terra, não sem terror, o formidavel exercito francez.

Dois mil e quinhentos cavalleiros cobertos de ferro, as companhias de cavallaria ligeira com os

arcos inglezes, trinta e seis canhões de bronze puxados cada um por seis cavallos, as colubrinhas, mais de cem falconetes, os batalhões barbaros dos mercenarios suissos e allemães sarapintados de mil côres, os seis mil gascões terriveis de bravura e de desembaraço... depois o rei, escoltado pela sua guarda escoceza, rodeado por trezentos archeiros e duzentos fidalgos cobertos de purpura e oiro, tudo isto entrou com grande aparato na cidade.

O Magnifico tinha morrido e pouco depois expirava de dor o seu amigo Poliziano; e parecia que estes dois grandes espiritos tinham levado consigo a força e a intellectualidade superior de Florença.

Nos ultimos tempos de Lourenço, já a voz prophetica de Savonarola se fizera ouvir no jardim de S. Marco, sob a grande roseira de Damasco toda florida; e depois a sua indignação trovejára do alto do pulpito de Santa Maria del Fiore, e os seus sermões de inspirado tinham fanatizado Florença que fazia penitencia e se humilhava agora em frente do frade, renegando o seu esplendor e a sua supremacia, queimando as suas obras, cobrindo-se de cilicios.

« Os tempos estão chegados ! » gritava Savonarola « um homem invadirá a Italia dentro de algumas semanas sem desembainhar a espada; e os rochedos e os fortes cahirão defronte d'elle. »

Mas o Dominicano enganava-se. Não foi Car-

los VIII quem invadiu a Italia; foi a Italia que invadiu o seu exercito e com elle, depois, invadiu a França.

Em Florença onde a humanidade adormecida havia dez seculos accordara emfim, a Renascença desabrochára n'um milagre de seivas obscuramente accumuladas, produzindo uma apothese de entusiasmo fecundo, resuscitando e glorificando o amor da belleza, da harmonia e da graça.

E a passagem do frade com as suas lamentações, com as suas ameaças terriveis, com as suas prophcias de aluçinado foram um incidente apenas. O foco de luz não se apagou; communicára o seu esplendor á Italia inteira; e quando os francezes atravessaram os Alpes, julgando encontrar do lado de lá as cidades e o povo descriptos pelos companheiros de Carlos de Anjou, perceberam o seu engano. A Renascença transfigurara a Italia que tinha agora nas mãos a chave das artes, das sciencias, das lettras, da poesia, da elegancia...

E eu, olhando para Florença, do adro de S. Miniato, pensava em todas estas coisas, julgava abranger com o espirito e com o coração a cidade prodigiosa que se estendia aos meus pés, e sentia-me estremecer de um indizivel orgulho.

Orgulho... O meu prazer era feito de orgulho. Via tudo subjectivamente como nos acontece quando somos muito novos e que a vida não nos ensinou ainda o desinteresse e a renuncia; quando

não sabemos ainda que para termos o goso verdadeiro da Belleza, precisamos primeiro de soffrer, de passar pelo doloroso noviciado das saudades, dos desenganos e dos perdões, agentes de aperfeiçoamento que nos afastam de nós mesmos e nos dão o privilegio da felicidade objectiva.

.....

Depois de muitos annos voltei agora a Florença.

Sinto-me velha, doente, cançada e triste. O meu apprendizado tem sido longo e penoso; mas estou satisfeita com os bons ensinamentos que elle me trouxe, com os desejos de perfeição que elle fez nascer no meu espirito. O que vejo e o que sinto, não me traz a felicidade excessiva e atormentada do avarento defronte dos seus thesouros crescentes, mas sim a felicidade do espectador desinteressado que nadá quer para si senão a beatitude do momento presente; pois já apprendi quanto é fallaz tudo que se junta e se amontôa na previsão de utilidades e de alegrias futuras...

Habito um quarto muito grande n'um antigo palacio da Renascença, alugado pelo seu proprietario (um velho marquez authenticico) para servir de casa de hospedes. Mas como a estação vae adeantada, aproveitaram a falta de freguezia para fazer na habitação grandes limpezas e caiações, de modo que não ha na casa hospede algum senão eu.

O silencio é profundo em todo o casarão; só de tempos a tempos chega aos meus ouvidos, com

o som cavo de um ruido n'uma crypta, o arrastar de uma taboa, o choque de um balde no chão, a tosse de um operario que trabalha lá muito longe, no fundo de um mysterioso corredor, ou do outro lado da perspectiva das salas desarrumadas, cujos moveis e quadros se escondem sob a brancura dos lençoes que os protegem da poeira.

Não vejo viv'alma o dia inteiro senão Annina, unica representante da criadagem da casa, pois o resto da legião foi provisoriamente despedido. Annina faz a cosinha (e muito bem) serve-me á meza, e trata do meu quarto e da minha roupa.

As nossas conversas são laboriosas; o meu italiano é imperfeito e difficil, e ella não falla outra lingua; mas entendemo-nos muito bem.

Annina é excellente; está n'aquella casa ha dez annos e a ama (que de vez em quando me procura para saber se estou confortavelmente installada e se o serviço me agrada) faz-lhe os maiores elogios. Perdeu o marido ha dois annos e a saudade é uma ferida que ainda não sarou no pobre coração da viuva.

A boa cara serena e risonha de Annina assombreia-se quando pronuncia o nome do morto, e duas lagrimas turvam-lhe o olhar limpido. Tem um filho unico de quinze annos que ha pouco tempo quebrou um braço e que ficará aleijado, segundo dizem os medicos, para o resto dos seus dias.

Annina tem uma saude fraca e já não é nova.

O futuro apresenta-se-lhe ameaçador.

Se fosse d'antes, a vida de Annina pouco me impressionaria. Hoje habituei-me a interessar-me profundamente por todos os entes que soffrem. Seja qual for a sua classe, ha entre elles e eu a intima ligação de uma indiscutivel e doce fraternidade. Apprendi a conhecel-os onde quer que os encontre e de quanto mais baixo me surgem, maior é a minha sympathia porque as suas dores são mais fundas, mais sinceras, mais irremediaveis, e falam ao meu coração com as vozes eternas da miseria e da injustiça.

Por isso é que, ao ver sorrir Annina com o seu sorriso tranquillo e triste onde se adivinha a resignação e a coragem dos pobres (virtudes tão altas que os ricos não querem ver na sua obstinação de egoistas) ao sentir a bondade latente da sua alma simples, ao vel-a tão cuidadosa e attenta á sua obrigação diaria, sou dominada por um impulso de admiração.

E depois, quando entro nos Uffizzi e percorro as salas toscanas, encontro um prazer profundo e inesperado ao descobrir o olhar de Annina nas santas de fra Bartholomeu, de fra Angelico e de Pollaiuolo. É o mesmo olhar, é o mesmo sorriso resignado e tão eloquente, que eu d'antes não via, que eu d'antes não sentia, impressionada apenas pelos extasis e pelas beatitudes resplandecentes das physionomias, obcecada pelo sobrenatural, incapaz de perceber a belleza da Verdade, da sim-

ples e dolorosa Verdade, como um cego que passasse n'um jardim todo florido e só lhe pudesse gosar o perfume enebriante.

Lembro-me dos meus entusiasmos de então:

«É a vida, é a vida!...» exclamava eu julgando compreender tudo.

E não via senão a superfície.

.....

A mobilia do meu quarto é antiga e austera, o pavimento de mármore, o tecto muito alto e decorado de frescos deteriorados. Sinto-me só como n'uma vasta e misteriosa habitação encantada, chegando-me aos ouvidos apenas ruidos longínquos e turvos que os echos dos salões desertos e dos corredores abobadados repetem com estranhas sonoridades.

As minhas janellas dão sobre o jardim, uma das antigas maravilhas do palacio. É um jardim suspenso, que se levanta sobre columnas e arcadas a uns seis metros acima do nível do chão. Dois platanos, uma tilia e um sycomoro, espalham frondosas ramarias sobre as ruasinhas tortuosas e solitárias cobertas de musgos; algumas romeiras viçosas e altas apinham-se de flores sanguineas, entremeando-se com enormes moitas de cevadilhas côr de rosa; a um canto, ao lado de um grande tufo de bambús, florescem azaleas brancas em vasos rachados e tombados pelas ultimas ventanias.

Ao meio do jardim canta um repuxo n'um velho tanque de mármore, e entre a vegetação ra-



malhuda, vejo o muro fronteiro onde se prendem restos de decorações architectonicas invadidas pelas trepadeiras e denegridas pelo tempo, abrigando fragmentos de frescos entre os quaes uma grisalha bem conservada representa o vulto pensativo de um contemporaneo do Magnifico.

Á hora dos crepusculos, de madrugada e ao anoitecer, esvoaçam sobre o velho jardim rescendente e silêncioso, nuvens de pardaes que, passando o dia nos Cascine e no Viale dei Colli, veem ali pernoitar, achando-se n'este refugio mais protegidos contra os seus inimigos nocturnos. E é uma palpação de azas frementes, um concerto de chilradas cheias de alvoroços, uma azafama febril de chamamentos e de gritos de alegria.

De um dos lados do jardim corre uma arcaria de marmore, austera como a galeria de um claustro. Por cima d'essa arcaria, do outro lado da rua, vejo a janella de um escuro e velho quarto andar habitado por gente pobre.

Todo o dia, a essa janella, uma costureira curvada sobre a sua obra, dá á manivella da machina ou puxa a agulha sem repouso. É ainda nova. Como faz muito calor, tem a blusa desabotoada no peito e eu posso ver os seus hombros magros e o seu pescoço delgado que se curva para o trabalho. Tem o cabello de um loiro desmaiado, o rosto comprido e doloroso, a bocca magoada; dois circulos arroxeados rodeiam-lhe os olhos tristes como duas flores de soffrimento.

Vejo-a sempre que me debruço á janella. A todas as horas lá está a doce figura paciente e laboriosa.

Haverá uma semana á tardinha, vi chegar junto d'ella uma creança loira e fragil tambem, que lhe trepou para o collo, a abraçou, e que ella cobriu de beijos soffregos.

Era a hora em que chegam dos Cascine e do Viale dei Colli os bandos tumultuosos e alegres dos pardaes.

O ceu empallidecia a pouco e pouco, tornava-se esverdeado e cor de laranja como o ceu dos primitivos. E a costureira toda risonha com uma aureola de felicidade que a transfigurava, fazia saltar o filho sobre os joelhos, e debruçando-se, apontava-lhe as flores do jardim suspenso e o vôo dos passaros.

A creança ria e eu ouvia as suas exclamações de prazer.

Depois, o crepusculo foi descendo; o ceu escureceu; accenderam-se as primeiras estrellas...

Os pardaes accomodaram-se nas ramarias, e o silencio e a immobibilidade espalharam-se sobre todas as coisas.

Mais tarde soube a historia... Uma historia banal, sempre a mesma: uma pobre rapariga enganada e abandonada, que ficou sósinha com o encargo de sustentar e educar o filho.

E trabalha sem repouso para o ter n'uma escola de onde elle volta todas as tardes, trazendo-

lhe como premio, o delicioso e fugitivo prazer das suas caricias.

E porque eu hoje me interesso por esses sofrimentos obscuros e por essas divinas alegrias dos humildes, é que se me humedecem os olhos diante das Virgens de Botticelli em cuja belleza delicada e pura eu d'antes via apenas reflexos do paraizo.

A dona da casa dissera á Annina que fosse encommendar uma carruagem para me conduzir n'essa tarde á Certosa d'Ema. Gritara-lhe da porta com aquella voz musical e doce que só os florentinos sabem ter:

«*Si vuol un buon cavallino e un cocchiere simpático*».

E tive as duas coisas, o que não é sempre muito facil na Italia.

Estava muito calor.

Uma d'estas tardes immoveis e recolhidas, religiosas, meditativas e esplendidas, que são o privilegio da terra do Angelico.

O ceu, todo azul, parecia entornar a jorros com a luz ardente do sol, uma paz immensa sobre os campos monotonos que ladeiam a estrada de Sienna.

E, enquanto o *cocheiro sympathico* me explicava a divisão do cemiterio protestante (que serve tambem para os gregos orthodoxos e onde repousam os restos de Böcklin) e me mostrava o casa-

rio pittoresco de Galluzo com os seus numerosos restaurantes entremeados de jardins, o meu pensamento caminhava sempre adiante, seguindo a estrada branca de poeira, que serpenteava por alli fóra a perder de vista, entre collinas e planicies até Sienna.

Ahi a minha imaginação vagueava pelas ruas estreitas e sinuosas da cidade que foi o theatro de tantas violencias. Ao meu espirito entorpecido representavam-se, como n'um sonho, as guerras sangrentas contra Florença e Pisa, as guerras intestinas entre nobres, burguezes e povo, as calçadas escorrendo sangue, os incendios, os crimes, os massacres, toda a paixão exaltada e cruel que latejou entre as espessas e altas muralhas ameidadas e eriçadas de baluartes, toda a febre guerreira e sanguinaria que alli se agitou como o fogo de um vulcão e depois se extinguiu, deixando as praças desertas, os palacios vasilios, o silencio, a immobilidade, a atonia, a morte... e essa coisa maravilhosa que é a cathedral de Sienna.

Mas o cocheiro desviou o curso dos meus pensamentos, apontando-me com o chicote o rio Ema, fio de agua crystallina correndo surrateiramente entre as pedras roladas e brancas do leito largo demais, que dizia o segredo das suas coleras invernaes, quando, engrossado pelas chuvas, passa, transformado em torrente, espumante de raiva, turvo, clamoroso.

Não dei grande importancia ao rio nem á sua

ponte escalavrada e roida pelo tempo; a minha attenção prendera-se a uma especie de castello plantado orgulhosamente sobre a collina de Montaculo, erguendo os velhos e formidaveis muros cinzentos e hostis, todo eriçado de torres e de ameias, com o ar taciturno e severo de uma d'essas fortalezas medievaes a cuja sombra protectora se abrigavam povoações.

A collina revestia-se do verde luminoso da vinha que trepava pelas arvores e lançava de umas para outras os seus opulentos festões.

E entre a vinha surgiam as manchas cinzentas das oliveiras arredondando as copas bem podadas, e os traços negros e verticaes dos cyprestes cuja sombra se alongava na terra, traçando rectas sobre os canteiros de hortaliças sachados, regados, cuidados, guarnecidos de flores como um jardim.

Era a Certosa.

Passada a ponte, em breve paravamos em frente de um veneravel portão de ferro que uma creança veio abrir e que rangeu dolorosamente nos seus gonzos centenarios ao dar-nos entrada, como se lamentasse a invasão de estranhos no silencio e no repouso d'aquelle recinto que devia ser vedado aos profanos.

E a passo, o *buon cavallino* foi puxando o carro pelo caminho estreito bordado de alfazema, onde as rodas faziam estalar a areia grossa interrompendo com este ruido desusado o concerto das

cigarras, enquanto o cocheiro se apeava para aliviar a pobre besta, e se aproximava da portinhola afim de me fazer notar o esmero com que os frades cultivavam a sua cerca tão grande, designando-me ao longe as extremas e extasiando-se, com ares entendidos, sobre os rendimentos que o convento devia auferir de uma tal riqueza.

Tive pena de que chegassemos tão depressa em frente do edificio. De toda aquella terra silenciosa, de todas aquellas culturas tratadas com tanto amor, subia uma paz ineffavel que se misturava á fragrancia das laranjeiras cujas florações brancas surgiam entre o verde negro da folhagem. Aqui e além os murosinhos baixos e caiados dividiam os canteiros e tudo respirava um ar precursor de recolhimento e de melancholia suave. Aquella travessia da cerca parecia-me um noviciado necessario, uma preparação indispensavel da alma antes de se penetrar no convento cuja atmospheria, sem aquelle preludio, seria anachronica, incoherente.

Apeei-me n'um largo corredor sombrio e abobadado onde o cavallo parou. Todos os ruidos alli se repercutiam com um som cavo.

Affigurou-se-me então que além d'aquelle corredor, profundo e vasto como a entrada de um outro mundo, todos os aspectos da vida e da morte seriam differentes.

Veu ao meu encontro um frade velho, de habito branco e de grandes barbas alvissimas des-

cendo-lhe sobre o peito. Tinha a cabeça toda rapada, e pequena e redonda como a de um athleta grego, e tinha tambem como elle o arcaboijo enorme, a estatura herculea e os movimentos harmonicos, vagarosos e possantes.

Pegou n'um molho de chaves, e sem uma palavra, foi andando á minha frente.

E as portas abriram-se com o mesmo ranger doloroso do portão de ferro, o mesmo gemido de protesto, a mesma queixa contra a violação e o sacrilegio, a mesma hostilidade visando o profano que vem macular com a sua presença impura a paz religiosa e sacrosanta do recinto onde nada deve chegar da perversidade do seculo...

E atravessámos longos corredores cheios de silencio e de frescor, lageados, abobadados, onde nunca penetram os raios do sol e que a espessura das paredes protege contra os calores do verão e contra os frios do inverno.

Depois foi a visita das tres egrejas.

Primeiro a de Orcagna, em forma de cruz grega, a mais antiga, com as suas pequenas telas da escola de Giotto, frementes da vida que principiava a animar a arte, mostrando-nos os primeiros estremecimentos d'essa rajada de genio que dentro em pouco arrebataria a Italia inteira. E des-cemos a escada para a segunda egreja onde repou-sam os restos dos fundadores sob as suas grandes lages tumulares esculpidas por Donatello.

Dolente e monotona, sem vibrações, sem mo-

dulações, a voz grave do frade ia dizendo as datas que me transportavam ao seculo XIV, traduzindo as inscrições latinas. E eu sentia a sua alma ausente, o seu desejo de afastamento, o seu gosto pela solidão que a minha visita perturbava.

A presença dos mortos tomava conta do ambiente que respiravamos. Cada um dos nossos passos accordava echos impressionantes.

Voltámos para cima; entrámos na terceira igreja dominada pela grande tela do retabulo, pintada por Poccetti representando a morte de S. Bruno.

No côro alinhavam-se as estallas de madeira, esculpidas no seculo de Benvenuto Cellini; e do pavimento, das columnas, das paredes, vinha o frio dos marmores polidos que me trespassava com um arrepio de sepulchro.

Sahi d'alli com prazer para o claustro pequeno onde Giovanni de Udine pintou os deliciosos vitraes entornando sobre elles as côres ardentes arrancadas á luz, ao calor, á vida. E mais longe, os medalhões dos della Robbia acabaram de me reanimar, de me reconfortar, com os tons encantadores dos suas folhagens, dos seus fructos, dos seus fundos azues como o azul profundo do ceu.

Até então, limitara-me a ouvir e a responder por monosyllabos ao meu taciturno companheiro; mas, de repente no claustro grande, no claustro immenso todo inundado de luz, todo florido, plantado de laranjeiras, embalsamado pelos aro-



mas das alfazemas e dos tufos lustrosos da lucialima, o meu silencio e o meu retrahimento pareceram-me uma inepecia.

Um relógio velho no alto de uma das velhas torres que espreitavam por cima dos telhados, deu horas vagarosamente, com um timbre senil e tremulo; e um melro lançou na immobilidade extatica do claustro, quatro notas agudas e vibrantes.

Depois, tudo recahiu no silencio.

O sol entrava pelo claustro, desenhando os recortes das arcadas sobre as lages tumulares; os passaros cantavam nas ramarias das laranjeiras em flôr, e as abelhas zumbiam entre as espigas azues das alfazemas.

Olhei com attenção para o frade; descobri no fundo dos seus olhos qualquer coisa infinitamente bondosa e suave que brilhava como uma estrella por detraz da sua mascara impassivel de austeridade. Pareceu-me que só n'aquelle momento chegara junto d'elle, e que até alli andara longe, sem comprehendêr nem sentir a belleza de tudo que me cercava.

Procurara na Certosa d'Emas as emoções d'arte que um monumento ou um museu me forneceriam, e passara inconsciente ao lado do que deveria ter feito bater o meu coração e estremecer a minha sensibilidade.

O interesse todo da Certosa estava concentrado n'aquella alma humana que eu tinha junto de mim

e que representava as centenas de almas que por alli tinham passado abrazadas de fé, resplandecentes de renuncia e de humildade, ou mergulhadas nas dores trazidas do mundo que lhes fôra cruel e que tinham abandonado para sempre na esperança do esquecimento.

Tudo mudou instantaneamente de aspecto apenas estes pensamentos me atravessaram o cerebro e me inundaram o coração.

Principiei a conversar com o meu companheiro; encontrei-o cheio de paciencia, respondendo com simplicidade ás minhas perguntas, sorrindo do meu espanto. Havia n'elle um mixto de candura infantil e de profunda gravidade que me fazia pensar nos bemaventurados do Angelico, uma expressão de innocencia, de pureza, de força calma e invencivel.

Estava alli havia trinta e cinco annos e tinha cincoenta e tres. Cincoenta e tres! Parecia setenta; e esse envelhecimento precoce que dizia as luctas, as saudades, a crueldade do sacrificio, a energia da vontade dominando os instinctos, contrastava com a serenidade que o envolvia e com o sorriso de beatitude, que eram o premio da vida inteira offerecida em holocausto.

Entrara na Certosa aos dezoito annos e nunca mais de lá sahira. E como eu me admirasse, apontava-me com o braço estendido a encosta que se alongava desde o monasterio até ao leito do Ema,

coberta de culturas viçosas, entre o verde cinzento dos olivae e o verde negro dos cyprestes.

« Não nos aborrecemos nunca. Ha muito que fazer. Não temos tempo. »

Sorria com bonhomia. Sentia-se a sua profunda sinceridade. Era feliz. Vencera as paixões, vencera a natureza, tornara-se leve e pairava acima das miserias da terra; conquistára n'este mundo o antegoso da suprema beatitude do outro.

E esquecera os sacrificios e as luctas, esquecera o rude caminho percorrido; não olhava já para traz; tinha os olhos encadeados ao fulgor dos horizontes ideaes que lhe mostrava a sua esperança infinita.

Encontravamo-nos agora n'uma das habitações dos frades. Compunha-se de tres compartimentos: o quarto de dormir, a casa de jantar e o gabinete de trabalho. Alem d'isso tinha uma galeria coberta cujo tecto se apoiava de um lado ao muro que a separava da habitação contigua, e do outro lado sobre uma correnteza de columnas toscas de pedra por onde trepavam os lançamentos de videiras e de madresilvas. D'esse lado a galeria dava sobre um pequeno jardim que pertencia tambem ao possuidor da modesta habitação e que elle tinha a obrigação de cultivar.

A mobilia dos quartos era summaria e grosseira, o conforto nullo; o silencio sepulchral e uma grande melancholia envolviam todas aquellas coisas pobres, encerradas nos compartimentos pe-

quenos e mal illuminados, entre as paredes brancas, nuas e frias.

«Sim...» respondeu o frade quando eu lhe disse a minha impressão. «Mas temos isto.»

E, levando-me de novo á galeria coberta, fez-me reparar com mais attenção no jardinsito florido entre os muros velhos e altos, e cheio de perfumes e de zumbidos de insectos. E mostrava-me mais uma vez no fim da galeria aberta sobre o valle, o panorama que se estendia ao longe cobrindo leguas de extensão.

Além do recinto da cerca, era, lá em baixo a alegre aldeia de Galluzo com os seus restaurantes e os seus jardins, depois todo o valle do Ema coberto de culturas e de habitações dispersas; e mais longe, as collinas doces de Florença e os arredores de Fiesole...

«É lindo» declarei eu cheia de convicção. «Mas é pouco».

«É bastante para nós» respondeu elle.

E acrescentou:

«Que mais queremos?»

Apezar de não dizer mais nada, eu segui-lhe a continuação do pensamento no olhar limpido que via além d'aquelle horizonte, *outro* que eu não podia ver.

Que mais queriam, com effeito, aquelles homens que viviam envoltos no radioso halo da sua profunda illusão de eternidade, que tinham desprezado a felicidade da terra pela do ceu? Que

prazer poderia haver para elles nas nossas ephemeras alegrias? Que peso teriam, nas suas almas tendidas para o infinito, os nossos gosos que tantas contingencias tristes veem quebrar?

Tinham trocado os risos da terra pelo sorriso celeste, e os interesses da vida material pela esperança da immortalidade no paraizo. Abrazava-os o amor divino que deixava a perder de vista todos os pobres amores humanos. O mundo era para elles uma transição apenas, e a sua existencia um sonho.

O meu companheiro contava-me essa existencia passada entre as paredes da sua pequena habitação e a igreja onde iam dizer missa e rezar os officios da manhã e da tarde. As habitações eram todas iguaes como os alveolos de uma colmeia; e, como as abelhas, os frades trabalhavam para a communitade, sem um pensamento pessoal, no esquecimento absoluto e sincero da sua individualidade terrestre.

A não ser, na igreja, nunca se reuniam senão ao domingo, á hora do jantar durante o qual um d'elles fazia uma leitura religiosa em voz alta.

Durante o resto da semana, a comida era-lhes trazida aos aposentos e viviam completamente sós. Tratavam do arranjo e limpeza da sua habitação, cultivavam o jardinsito e occupavam-se no seu gabinete dedicando-se cada qual ao trabalho que escolhera; uns eram carpinteiros, serralheiros, marceneiros, outros escreviam ou dedicavam-se a

obras mais delicadas. Não conheciam o aborrecimento e o tempo não lhes pesava. Os dias muito iguaes passavam como a agua corrente, e achavam-se no fim do anno sem darem por isso.

Um d'elles cosinhava para todos. Comiam tres vezes ao dia: de manhã cedo café e pão; ao meio dia uma sopa e um prato; ás sete da noite um legume e fructa. Não precisavam de mais.

E o frade sorria docemente, transparecendo-lhe na physionomia a satisfação interior, o intimo contentamento de ter conseguido dominar os seus appetites ao ponto de lhe bastar uma alimentação tão frugal.

Havia no convento um grande interesse e um grande orgulho: a fabricação dos licores e dos perfumes tão afamados...

E como eu lhe perguntasse se elle trabalhava tambem no laboratorio, respondeu-me que não, e acrescentou (com o semblante de repente tornado grave e mysterioso e com uma especie de respeito pelo assumpto nas intonações da voz) que havia uns certos irmãos, só dois ou tres, que tinham o segredo das plantas necessarias e das preparações.

Pensei no reverendo padre Gaucher do immortal conto de Daudet e não pude reprimir um sorriso profano que logo me pesou como um remorso em frente do *outro sorriso* que brilhava no olhar azul do meu interlocutor.

O dia ia agora declinando.

As collinas de Fiesole esfumavam-se no afas-

tamento, as habitações e jardins dispersos pelo valle perdiam os contornos, as culturas confundiam-se, o ar tornava-se mais sonoro, e no poente o ceu abrazava-se de escarlata e de oiro.

Atravessámos de novo o grande claustro.

Perguntei ao frade de onde era, se tinha familia...

Nascera em Roma e tinha familia, mas nunca mais vira nenhum dos seus desde que entrara no convento, a não ser a mãe que viera visitá-lo tres vezes; porém agora não voltaria mais, nunca mais, porque já não habitava este mundo...

Parámos um momento.

Descia sobre nós um grande silencio e uma grande immobilidade. Só no centro do vasto quadrado de terreno descoberto emoldurado pelo claustro, um frade, (de habito branco e de compridas barbas de neve, tão igual ao meu companheiro que poderia confundil-os) se debruçava sobre o boccal do poço puxando a corda e fazendo subir o balde cheio de agua. A roldana rangia com um chirrido agudo e entrecortado, e ouvia-se o choque do balde contra as paredes do poço.

Outro frade passou lá muito longe, no extremo opposto do claustro.

Uma infinita melancholia envolvia o convento. Mas comprehendí que aquelles espiritos desprendidos da terra, não sentiam o que eu sentia; para elles não havia tristezas mas sim a beatitude, a

paz immensa que lhes vinha da sua radiosa illusão.

.....  
E foi assim, na Certosa d'Ema, que eu apprendi a reconhecer a belleza profunda traduzida nas telas dos pintores mysticos que illuminam o alvorecer da Renascença.

Não é o sobrenatural que nos encanta n'essas obras como eu julgava d'antes, não é a luz milagrosa de visão que lhes dá aquella suprema espiritualidade cujo resplendor nos faz esquecer os defeitos do desenho e as ingenuidades das perspectivas; não são as côres luminosas, nem as aureolas de oiro, nem a atmospherá suave de uma luz que não é d'este mundo.

É a Verdade. É o desejo ardente de verdade que inspira os grandes mestres primitivos, que os arrebatá n'uma exaltação de videntes, que os faz traduzir o estado das almas bemaventuradas e gloriosas dos santos, tomando por modelos os crentes obscuros e apaixonados que são legião no seu tempo, abrazados de fé, espalhando pelo mundo christão o typo então commum das creaturas que se desprendem da terra e vivem n'uma communhão intima com o ceu, transfiguradas pelos jejuns, pelas mortificações, pelos extasis, pela sublime nevrose da fé que os arrebatá para fóra da existencia real e faz d'ellas seres immateriaes cujo corpo não conta, cuja vida se condensa na expressão intensa das physionomias.



Quando eu era pequena, contavam-me a historia d'uma sacrilega que guardava na bocca a hostia consagrada, e trazendo-a assim para casa, a escondia n'uma arca, no seu quarto.

E a arca tosca de pinho, resplandecia como se fosse talhada n'um diamante; a luz divina que emanava de noite, illuminava as trevas do quarto como um sol, e o seu clarão era tão forte que atravessava o tecto e as paredes e fazia da casa toda um brazido celeste rompendo e dissipando o escuro na extensão de leguas e leguas...

Recordo sempre esta historia ao pensar em Florença. Serão os milagres que encerra no sacario dos seus edificios veneraveis, as obras d'arte accumuladas alli como em nenhuma outra parte do mundo, a alma do seu passado prestigioso, o destino glorioso de ter dado á luz a Renascença, de ter salvo a humanidade do seu longo captivo de trevas, a sua belleza calma que não actua sobre os espiritos superficiaes e que a pouco e pouco se enrôla como um sortilegio no coração d'aquelles que se demoram e querem conhecê-la?... Seja o que fôr, ha um prodigio escondido nos seus flancos, como a hostia consagrada que a pobre allucinada da historia fechava na arca de pinho.

É d'ahi que lhe vem o halo divino que a envolve, que a faz resplandecer como uma joia, que dá aos seus campos a luz unica e tão doce que os illumina, ao seu povo a espiritualidade que nos

encanta; que torna a sua lingua tão musical, as suas evocações deliciosas como harmonias; e que a transforma na mais eloquente, na mais radiosa, na mais inteligente, na mais meditativa e na mais bella cidade do mundo.

INDICE



## Indice

	Pags.
Prefacio . . . . .	7
Campos da minha terra . . . . .	11
Pharoleiros . . . . .	55
Glorias . . . . .	65
Phantasmas. . . . .	73
Contrastes . . . . .	93
Cemiterios . . . . .	113
Os japonezes . . . . .	133
As Desertas . . . . .	149
O Gigante . . . . .	159
Na Dinamarca . . . . .	177
Na Hollanda . . . . .	191
Em Sevilha . . . . .	215
Em Veneza . . . . .	223
A cidade do Lirio . . . . .	247

